

LYRA POPULAR BRAZILEIRA



MODINHAS

RECITATIVOS
E
LUNDOS

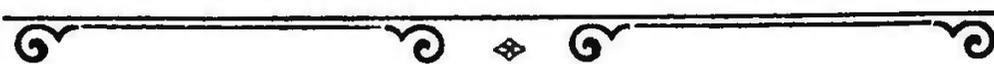
LIVRARIA TEIXEIRA

AVIA DE S. JOAO 8
S. PAULO

LYRA POPULAR BRASILEIRA

TYP. CONDOR
Rua do Carmo, 28
S. PAULO

LYRA POPULAR BRASILEIRA



COMPLETA E ESCOLHIDA COLLECÇÃO

— DE —

**Modinhas, Recitativos, Lundús, Duetto,
Canções e Poesias**

CUIDADOSAMENTE COORDENADA

POR

JOSÉ VIEIRA PONTES

6.^a EDIÇÃO

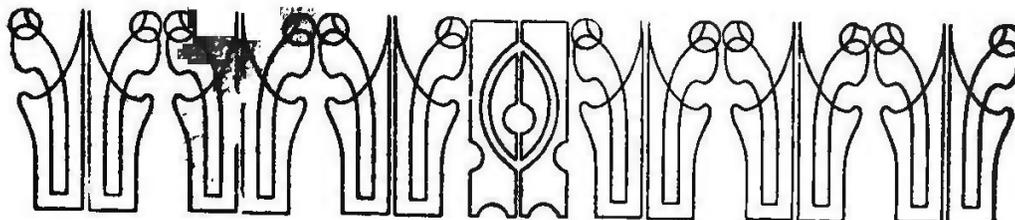
Muito melhorada com novas produções dos melhores auctres



S PAULO
C. TEIXEIRA & Cia. Editores 1176
Rua de S. João, 8
1927

*Biblioteca
de
Alfredo Mesquita*

869.9108
P777L



O BRASIL

Pára! Uma terra nova ao teu olhar fulgura!
Detem-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,
Em carícias se muda a inclemencia das vagas...
Este é o reino da Luz, do Amor e da Fartura!

Treme-te a voz, affeita ás blasphemias e ás pragas,
O' nauta! E olha-a, de pé, virgem morena e pura,
Que aos teus beijos entrega, em plena formosura,
— Os dous seios que, ardendo em desejos, afagas...

Beija-a! O sol tropical deu-lhe á pelle doirada
O barulho do ninho, o perfume da rosa,
A frescura do rio, o esplendor da alvorada...

Beija-a! E' a mais bella flôr da natureza inteira!
E farta-te de amor n'essa carne cheirosa,
O' desvirginador da Terra Brasileira!

Olavo Bilac

A Festa e a Caridade

Para uns, abre o céu manhan de flores;
Meio-dia de fructos e doçuras;
Tarde d'encantos mil; noite d'amores:
Sonhos de gloria, affectos e venturas.

Para outros, as noites não têm lua;
O sol é sem calor; o ar, sem perfume;
O leito... sem enxerga! a mesa... nua!
Os armarios... sem pão! o lar... sem lume!

Eis o quadro da vida: entre matizes,
O grupo dos mimosos da existencia;
A lida, ao pé, morgado d'infelizes,
E, por fundo, os andrajos da indigencial

Do pobre ao rico ha distancias
Cortadas por muito abysmo,,
Que a sorte, ou, quem sabe? o egoismo
De espaço a espaço afundou.

Salva-as com aureos passos
Meiga virgem de piedade.
Chamou-lhe Deus **Caridade**,
E o mundo o nome exalçou.

A' noite a virgem modesta,
A casta filha de Deus,
Furta-se aos hymnos da festa,
E envolta em candidos véos,

Desce a escada sumptuosa;
Mãe dos maus, irmã dos bons,
Lá vai levar, carinhosa,
A toda a parte os seus dons;

Aqui, perfuma, suavisa,
Como aragem matinal,
Velho que, triste, agonisa
Na enxerga d'um hospital.

Sahe; busca afflicta a viuva
Na sobre-loja sombria,
E aquece na mão sem luva
Mão pobre, engelhada e fria.

D'ali, sóbe a estreita escada,
São-lhe guia afflictos ais,
E encontra na agua furtada
Filhos nús, famintos pais;

E leva esmola e carinho
Ao casal desventurado,
Que foi armar o seu ninho
Entre os musgos d'um telhado;

Imitando o que entre flôres
Faz o amante rouxinol,
Que só canta os seus amores
A' noite, ás auras e ao sol.

Onde assoma o transparente
Sendal da candida fada,
Tudo é formoso e ridente
Como os prismas da alvorada;

As rugas cahem das fronte;
Os prantos fogem dos olhos;
As rochas abrem-se em fontes:
Brotam lyrios dos abrolhos.

Se descerra os purpurinos
Labios de finos rubis,
Suas palavras são hymnos
Que Deus aceita e bendiz.

C'rôa de mysticas flôres
Lhe entretece a loura trança;
Nos olhos riem-se amores;
N'alma, a fé; no seio a esp'ra

E quando, emfim, desaparece
Aos infelizes da terra,
E, após a nocturna prece,
Poisa a face, e 'os olhos cerra

Velam-lhe o leito os carinhos
Que ella deu a tanta dôr;
As preces dos pobresinhos;
E á cabeceira, o Senhor!

E pois que vos disse qual seja a virtude
Mais bella e querida na terra e na gloria,
Deixai-me contar-vos, ao som do alaúde,
Um só dos seus feitos que vivem na historia:

No tempo em que passou no mundo esse terrivel
Napoleão — o heroe! o immenso! o incomprehensivel!
O anjo do exterminio! o raio! o deus da guerra,
Que enriquecia a França empobrecendo a terra,
Um arcebispo, um velho... um santo era pastor
D'almas que apascentava aos olhos do Senhor!

Faminto era o rebanho, esteril a campina,
E á beira-mar o aprisco, — a igreja. Era divina!
A missão do bom velho! Oh! sim! mas que tormento!
Para o triste pastor ouvir balar o armento!

Queimada a urze ao monte, as relvas aos valleiros!
Sem alimento as mães! sem leite os seus cordeiros!
Deu-lhe o quanto podia; a prece, a esperanza, o pão,
Tudo o que lhe escogita o honrado coração!
E quando achou vazia a sua mão tão nobre,
Julgou-se o mais ditoso: era o primeiro pobre!...

Uma noite o bom velho acorda antes da aurora!
Rumor sinistro o esperta!
— «Ai, Deus? pois lá por fora

Anda a chorar disperso o meu rebanho, e em risco?!...
Quem sabe, ó Deus, se o lobo entrou no manso aprisco?
Acode-lhe, Senhor!...»

Corre para a janella...
Abre... espreita... No ar não ha luz nem uma estrella!...
O céu negro a poisar nos tectos da cidade,
Raios a mil e mil rasgando a escuridade,
Os roncões do trovão, e o sibilar do vento,
Um revoltoso cahos o mar e o firmamento,
Foi tudo quanto viu e ouviu,
Cheio de horror!
Eleva o pensamento ao Deus do eterno amor...

Horas depois, os doces raios da alvorada
Foram beijar-lhe a fronte, altiva e tão sulcada
Pelo mirar do estudo e o reflectir da idade.

O vento adormeceu; cahira a tempestade.
Ergueu-se, e da janella...
Ail que montão d'horrores!
Falta na praia um bairro! Os pobres pescadores
Lá viram perecer nas ondas do seu mar,
Muitos, a propria vida! outros, o barco e o lar!

Empenha a cruz e o anel; e o triste bando implume
Teve naquelle dia abrigo, pão e lume,
Mas... no seguinte, o almoço?! embora fosse parco?
E construir-lhe um ninho?! e dar-lhe a rede e o barco?!

Nisto pensava á noite o homem do Senhor,
Co'os olhos razos d'agua, immerso em negra dôr!
Elle, tão pobre e velho!... a quem pedir sustento?!...
A ponto, uns sons d'orchestra entraram no apozento!
Ouviu... pasmou!

«— Meu Deus! em noite assim funesta,
Quando a miséria chora, os hymnos d'uma festa!..»
Medita longo tempo!.. Após, como se a chamma
Do alto o illuminasse, ajoelhado, exclama: —
«Meu Deus, que ouviste a prece ao pobre pescador!
Comprehendo o teu decreto, entendo-te, Senhor!
Ha baile na cidade! a musica m'o attesta!..
Falta-me o anel e a cruz... embora! hei de ir á festa!

E' meia noite. No baile
Esplende inteira a alegria,
Luzes, flôres e harmonia,
Brilham na fausta mansão.
Inflamma-se o jogo e a dança.
Rescendem mais os perfumes:
Ardem mais vivos os lumes;
Pulsa mais o coração.

Reina o prazer... Mas a orchestra
Destôa, pára, emmudece!
O entusiasmo arrefece,
E o redemoinho... parou!
Ninguem mais a voz levanta!
Reina um silencio agoureiro!
Corre ao fundo o reposteiro,
E o velho arcebispo entrou.

Todas as frentes se curvam
Ante o pastor venerando,
Que ao seu báculo encostado,
Percorre lento o salão.

Todos acorrem ás benções
Que elle aos dois lados envia,
E têm por d'alta valia
Beijar-lhe a rugosa mão.

Chega a dona do palacio,
Que estava immovel e absorta,
Relegada, semi-morta,
Perante o vulto fatal.
Para ella o santo velho
Era um remorso que entrava
No seu baile, e que buscava
Hirto, livido, mortal!

O velho quebra o silencio!
— «Em noite de tanta dita
Se vos faço uma visita
Importuna, perdoai!
Na vossa casa, senhora,
Tendes festa, á festa venho;
E nunca parece estranho
Que os filhos visitem um pai.

Sabeis, o que vai lá fóra?
Contrastes dos vossos brilhos,
Tenho um rebanho de filhos,
Chorosos, famintos, nús!
Deixei-os no meu albergue;
«Ia... nem sei para onde ia!
Da vossa festa a harmonia
Aqui meus passos conduz.

Encostai-vos ao meu braço;
Tomai-me essa bolsa: agora
Vamos mendigar, senhora,
Erguendo supplices mãos;
— Pelo amor de Deus, senhores!
Esmola, ricos e nobres!
Esmola aos meus filhos pobres
Esmola aos vossos irmãos!» —

Diz; e a turba dos convivas
Foi pressurosa á porfia
Dar quanto ali possuia,
A prometter mais e mais!
As damas dos seus enfeites
Arancam ouro e brilhantes,
Braceletes de diamantes,
Anneis, per'las e coraes.

O velho, chorando e rindo,
Exclamou:

— «Estes penhores
Heis de bavel-os, meus senhores,
Com largos juro nos céos!
Vós, minhas candidas filhas,
Ficais assim mais formosas.
Para rosas bastam rosas!
Valeis mais ao mundo e a Deus!

Vou fazer outros ditosos;
A minha missão foi esta;
Reviva, recresça a festa!

Folgai, meus filhos, folgai! » —
Folgai! que a festa consola
A quem hoje deu esmola
A tantos filhos sem pai.

Thomaz Ribeiro.



Nestas Praias de Limpidas Arêas

MODINHA

Nestas praias de limpidas arêas
Prateadas á noite pela lua,
Passo as horas scismando nos amores
Qu'embebido bebi na imagem tua.

Quando o sol, pelo monte declinando,
Vai no mar sepultar os seus ardores,
Uma lagrima me rola pelas faces
Recordando sósinha esses amores.

O' campinas, ó praias seductoras,
O' montanhas, ó valles de saudade!
Meus segredos guardai em vosso seio
D'esses tempos de tanta felicidade.

Do recinto, oh! não passem! destas praias
Os votos que eu a ella dediquei,
Guardem praias, montanhas e campinas,
Quantos suspiros, ais, vos enviei.

Noivado do Sepulchro

Vai alta a lua! na mansão da morte,
Já meia noite com vagar soou;
Que paz tranquillal Dos vaivens da sorte
Só tem descanso quem alli baixou.

Que paz tranquillal mas ao longe, ao longe,
Funerea campa com fragor rangeu;
Branco phantasma; semelhando um monge,
Dentre os seus sepulchros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se!... na amplidão celeste
Campeia a lua com sinistra luz;
O vento geme no feral cypestre,
O mocho pia na marmorea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se! com sombrio espanto
Olhou em roda... não achou ninguém...
Por entre as campas, arrastando o manto,
Com lentos passos caminhou além.

Chegando perto de uma cruz alçada,
Que entre os cyprestes alvejava ao fim,
Parou, sentou-se, e com voz maguada
Os echos tristes acordou assim:

«Mulher formosa, que adorei na vida,
E que na tumba não cessei d'amar,
Porque atrações, desleal, mentida,
O amor eterno que te ouvi jurar?

« Amor! engano que na campa finda,
Que a morte despe de illusão fallaz;
Quem dentre os vivos se lembrára ainda
Do pobre morto que na terra jaz ?

« Abandonado neste chão repousa,
Ha já tres dias e não vens aqui!...
Ai! quão pesada me tem sido a lousa,
Sobre este peito que bateu por ti!

« Ai! quão pesada me tem sido! » e em meio
A fronte exhausta lhe pendeu na mão,
E entre soluços arrancou do seio
Fundo suspiro de cruel paixão.

« Talvez que rindo dos protestos nossos,
Gozes com outro de infernal prazer;
O olvido, o olvido cobrirá meus ossos
Na fria terra, sem vingança ter! »

— « Oh! nunca, nunca! » de saudade infinda,
Responde um echo suspirando além...
« Oh! nunca, nunca! » repetiu ainda
Formosa virgem que em seus braços tem!

Cobrem-lhe as fórmãs divinaes, airozas,
Longas roupagens de nevada côr,
Singela c'róa de virgineas rosas
Lhe cerca a fronte de mortal pallor.

« Não, não perdeste meu amor jurado:
Vês este peito? reina a morte aqui...
E já sem forças, ai de mim, gelado,
Mais ainda pulsa com amor por ti.

«Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
Da sepultura, succumbindo á dor:
Deixei a vida... que importava o mundo,
O mundo em trevas sem a luz do amor?

«Saudosa, ao longe, vês no céu a lua?
— «Oh, vejo sim.. recordação fatal!
«Foi á luz d'ella que jurei ser tua,
Durante a vida e na mansão final.

Oh! vem! se nunca te cingi ao peito,
Hoje o sepulchro nos reúne emfim...
Quero o repouso do teu frio leito,
Quero-te unido para sempre a mim!»

E ao som dos pios do cantor funereo
E á luz da lua de sinistro alvor,
Junto ao cruzeiro, sepulchral mysterio
Foi celebrado, de infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
Já deste drama nada havia então,
Mais que uma tumba funeral vazia,
Quebrada a lousa por ignota mão.

Soares de Passos.

O Meirinho e a Pobre

DUETO

Meirinho — Olá, vamos sem demora,
Para a casa da correcção;
Tanta pobre na cidade,
Não está má vadiação.

Pobre — Veja bem, senhor meirinho,
D'este lado estou esquecida,
Esta mão p'ra nada serve,
D'este olho estou perdida.

Meirinho — Minha pobre, não me embaça,
Póde muito bem servir,
Inda moça reforçada,
Deixe a vida de pedir.

Pobre — Como poderei viver,
Sem esmolas dos fieis?
Senhor meirinho, vá embora
E me dê alguns dez-réis.

Meirinho — Marche já, minha devota,
Tenho ordens apertadas;
Velhas, tontas, moças, tortas,
Irão todas amarradas.

Pobre — Se me leva, senhorsinho,
Muita gente o sentirá,
Dos meninos que eu educo,
Coitadinhos, que será?

Meirinho — Oh! mulher não sei que diz!
Venha já para a prisão...
Pobre — Ah! me deixe, senhorsinho,
Qu'eu lhe dou meu coração.

Juntos — Já que amor assim nos prende,
Da policia escapemos,
Pois se d'esta nós zombamos
Com amor nós não podemos.

Pobre — Eu sou pobre, isso é verdade,
Mas sou pobre mui fagueira,
Sei dançar a miudinho,
Sei puxar muita fieira.

O Brasil tem seus meirinhos,
Que nos prendem com ternuras,
Porque os moços brasileiros
Têm feitiços, têm doçuras.

Meirinho — Também tem nesta cidade
Pobresinhas com desdém,
Ellas fazem traquinadas
Com artes não sei de quem.

Da justiça official
Nem por isso sou marreco,
Quando estendo a minha gambia
Sou mais leve que um boneco.

Juntos — Pois vivamos sempre juntos,
Meirinhandando com pobreza,
Pois amor quando nos prende
Não s'importa com riqueza.

Uma visita medica

O banqueiro lhe diz: «Mandei chamal-o
Para ver que molestia impertinente
Incommoda Leonor.
Ella é muito nervosa: um forte abalo
Prostrou-a; sobreveiu febre ardente.
Examine-a, doutor.

Queira entrar para a alcova.»
No aposento,
Entre a espumosa alvura das cortinas
Cerradas por igual,
Repousa um anjo lindo e somnolento
Sobre o macio frouxel das rendas finas
Do leito virginal.

Havia ali, no recatado ambiente,
Grato aroma de cravos e baunilha,
E um tepido calor.
Afastando as cortinas levemente,
Diz o pae carinhoso: «Minha filha,
Aqui tens o doutor.»

Vermelhas de rubor as faces bellas,
Ella os olhos, que ha pouco dormitavam,
Abrindo á viva luz,
Casta e surpresa, confrangeu as telas
Sobre os seios que livre palpitavam
Formosamente nós...

Para vêr se a molestia era do peito,
O medico auscultou-a, gravemente,
Sobre o dorso gentil,
Conchegando-a, com intimo respeito
E ouvindo o forte coração ardente
A palpar febril...

Auscultou-a, enlevado, ao ver aquella
Perfeição de mulher, lembrando a Venus
Que em Milo floresceu,
A branca estatua, altivamente bella
— A gloria de escultura dos hellenos —
Que o Louvre recolheu.

Collado o ouvido á pelle setinosa
Da donzella que a medo estremecia
De candido pudor,
Elle escutava a musica nervosa
Do peito, que cantava a melodia
De apaixonado amor.

Ah! quanto desejára que a visita
Fosse longa, bem longa, interminavel,
Em extasis assim!...
Mas, repellindo o sonho em que se agita,
Tranquillisa o bom velho impressionavel
E receita por fim.

Manda vir um calmante, e prazenteiro,
Vê a febre ceder incontinente:
Sorri de orgulho então.
Mas ao sahir da casa do banqueiro,
Percebe, dentro de si, novo doente:
— O proprio coração.

Damasceno Vieira.

Amor e medo

RECITATIVO

Quando eu te vejo e me desvio cauto
Da luz do fogo que te cerca, ó bella,
Comtigo dizes, suspirando amores:
« — Meu Deus! que gelo, que frieza aquella! »

Como te enganas! meu amor é chamma
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
E's bella — eu moço; tens amor, eu — medo...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes.
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dôres,
A luz da aurora me entenece os seios,
E ao vento fresco do cahir das tardes,
Eu me estremeço de crueis receios.

E' que esse vento que na varzea — ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso ateia!

Ai! se abrazado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia:
Diz: — que seria da plantinha humilde,
Que á sombra d'ella tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrára a planta qual queimára o galho;
E pobre nunca reviver pudera,
Chovesse, embora, paternal orvalho.

Ai! se eu te visse no calor da sésta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabellos nas espaduas nuas...

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio...

Ai! se te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Trémula a falla, a prostrar baixinho...
Vermelha a bocca, soluçando um beijo!...

Diz: — que seria da pureza d'anjo
Das vestes alvas, do candor das azas?
— Tu te queimáras, a pizar descalça,
— Creança louca — sobre um chão de brazas!

No fogo vivo eu me abrazára inteiro!
Ebrio e sedento na voraz vertigem,
Vi machucára com meu dedo impuro.
As pobres flôres da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a innocencia que teu labio encerra,
E tu, serias, no lascivo abraço,
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois... desperta no febril delirio,
— Olhos pizados — com um' vão lamento,
Tu perguntáras: qu'ê da minha c'rôa?...
Eu te diria: desfolhou-a o vento.

Oh! não me chames coração de gelo!
Bem vês: trahi-me no fatal segredo,
Se de ti fujo é que te adoro e muito!
E's bella — eu moço; tens amor, eu — medo!...

Casimiro de Abreu.



O canto do cysne

MODINHA

Quando eu morrer, não chorem minha morte
Entreguem o meu corpo á sepultura,
Pobre, sem pompa; sejam-lhe a mortalha
Os andrajos que deu-me a desventura.

Não se insulte o sepulchro, apresentando
Um rico funeral de aspecto nobre;
Como agora a zombar me dizem vivo
Podem morto dizer-me: ahi vae um pobre.

Dos amigos hypocritas não quero
Publicas provas de affeição fingida;
Deixem-me morto só, como deixaram-me
Luctar só contra a sorte toda a vida.



Era no Outono

RECITATIVO

Era no outono, quando a imagem tua
A' luz da lua seductora eu vi.
Lembras-te, ainda, n'essa noite, Elisa,
Que doce brisa suspirava ali?

Toda de branco, em tua fronte bella,
Rosa singela se ostentava 'então;
Vi-te, e perdido de te ver buscava
Se me apartava da gentil visão!

Era debalde; quanto mais te via,
Mais me prendia delirante amor;
Magicas falas proferiste, incerta,
Toda coberta de infantil pudor!

Trémulo, ancioso, quiz pedir-te um beijo,
Louco desejo, pois fugir-te vi!
Vendo-me triste para mim voltaste,
Não me falaste, mas eu bem senti!

Fresca, arroubada de perfume a brisa,
Lembras-te, Elisa? suspirava então;
Tu nos meus braços reclinaste a fronte,
E meigamente me disseste: — Não!

Bulhão Pato.

A JUDIA

Corria branda a noite. O Tejo era sereno,
A riba silenciosa, a viração subtil;
A lua em pleno azul erguia o rosto ameno,
No céu inteira paz, na terra pleno Abril!

Tardo rumor longinquo, airoso barco ao largo,
Bordava aureo listrão do Tejo ao manto azul;
Cedia a natureza ao celestial lethargo;
Traziam meigos sons as virações do Sul.

O' noites de Lisboa! ó noites de poesia!
Auras cheias de arôma! esplendido luar!
Vastos jardins em flôr, suavissima harmonia!
Transparente, profundo, infinito o céu e o mar!

Se a triste da Judia ousasse ter desejo
De Patria, sobre a terra, aqui prendêra o seu:
Um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo,
Eleito da minh'alma um coração só meu...

Corria branda a noite. Immersa em funda magua
Fui assentar-me, triste e só, no meu jardim;
Ouvi um canto ameno! um barco ao lume d'agua
Vogava brandamente; a voz dizia assim:

Dormes? e eu vélo, seductora imagem,
Grata miragem que no érmo vi;
Dorme — impossivel — que encontrei na vida!
Dorme, querida, que eu descanso aqui.

Derme, que eu vélo a acalantar-te os sonhos
Virgens, risonhos, que te vêm dos côos,
Dorme! e não vejas o martyrio, as magoas
Que eu digo às aguas, e não conto a Deus!

Filha sem patria! branca fada errante!
Perto ou distante que de mim' tu vás,
Ha de seguir-te uma saudade infinda,
Hebréa linda, que dormindo estás!

Onde nasceste? onde brincaste, ó bella,
Rosa singela, que não tens jardim?
No Cairo? Em Malta? Em Nazareth? No Egypto?
Mundo infinito, e tu sem berço? oh! sim!

Folha que o vento da fortuna impelle,
Victima imbelle, que um tufão roubou!
Flôr que n'um vaso se alimenta e cresce,
Ri, desaparece, e não mais voltou!!

Filha de um povo perseguido e nobre,
Que ao mundo encobre seu martyrio, e crê!
Sempre Ashavero a percorrer a esphera!
Desgraça austera! inabalavel fé!

Porque ha de o lume de teus olhos bellos
Mostrar-me anhelos de infinito ardor?
Porque esta chamma a consumir-me o seio?
Deus de permeio nos maldiz o amor?...

Peito! meu peito, porque anceias tanto?
Pranto! meu pranto, basta já, não mais!
E' sina, é sina! remador, voltemos;
Não n'a acordemos... para que meus ais?

Dorme, que eu vélo, seductora imagem,
Grata miragem que no êrmo vi;
Dorme — impossivel que encontrêi na vida!
Dorme, querida, que eu não volto aqui!

Sumiu-se a barca, e eu chorava
Debruçada sobre o Tejo:
A aragem trouxe-me um beijo,
Que nos meus labios tomei...
Ergui-me cheia d' affecto;
Vi scintillar ainda a esteira
Da barquinha feiticeira,
E disse ás auras: Correi.

Trazei-m'o, quero contar-lhe
O fundo tormento enorme
Da judia que não dorme,

A penar d'ignoto amor!
Voae! Trazei-me o seu nome,
O seu retrato, o seu canto,
Uma baga de seu pranto...
Que venha... o meu trovador!

Ai, nada ha em minha história
Que lhe suavise a tristeza?
Nasci na triste Veneza,
Onde perdi minha mãe.
Acalentaram-me as lagrimas
Que derramava a saudade,
Na desgraçada cidade
Que não tem patria tambem.

Cresci: meu pae uma noite
Disse-me: «E' já tempo agora;
Ergue-te ao romper d'aurora,
Embora te seja afan,
Vamos vêr as terras santas
Sepulchros de teus monarchas;
A patria dos patriarchas,
Desde o Egypto a Canaan.»

Fui; corri o mappa immenso
Das montanhas da Judéa:
Ai, patria da raça hebréa!
Ai, desditosa Sião!
Que extremos montes sem relva!
Onde se estende o Mar-Morto
Que paragens sem conforto!
Onde serpeia o Jordão!

Aqui de Hemor os vestígios;
De Ziphe além o deserto;
Longe o Sinai encoberto;
D'Horeb o morro inda além;
D'este lado o Mar Vermelho;
D'aquelle... nada! uns destroços;
Ruínas, campas sem ossos!
E ao fundo Jerusalém!

Meu pae chorava, e eu chorava,
Vendo morta e sem prestigio,
Terra de tanto prodigio,
Maldiça agora de Deus,
Tudo silencio, esteril!
Tudo vastos cemiterios,
Ondè ruínas e imperios
Ficaram por mausoléos!

«Meu pai, — disse, — eu tenho sêde,
Vê, filha, a aridez do montel
Só Deus dava ao érmo a fonte
Em que bebia Ismael.»
«Pai, cancei; mostra-me a patria,
Quero dormir sem receio...»
«Filha, encosta-te ao meu seio,
Que não tem patria Israel.»

Em todo o mundo estrangeira,
Toda a vida peregrina!
Vêde se ha mais triste sina;
Ser rica e não ter um lar!
Sempre a lenda de Ashaverus!
Sempre o decreto divino!
Sempre a expulsar-me o destino,
Como Abrahão á pobre Agar!

Que póde valer á hebréa
Sentir n'alma chamma infinda?
Como a linda Esther ser linda
E amada como Rachel?
Se o coração da judia
Se entre-abre do amor aos lumes,
Não lhe dá tempo aos perfumes
O seu destino cruel.

Ai, trovador nazareno,
Não voltes! tenho receio...
Dizes que ha Deus de permeio?
Não! blasphemastes! Deus, não!
Poz o mundo esse impossivel
Entre o desejo e a ventura;
O amor chama-lhe — loucura
E o preconceito — razão.

Deus é Deus, e um só existe!
Cego é o mundo e vária a crença!
Mas esta cupula immensa
E' tecto de todos nós,
Este ambiente que aspiro,

Da lua e do sol os brilhos
Hão de ser de nossos filhos!
Foram de nossos avós!

Essa crença nos separa,
E o mundo exige o supplicio
D'esse amor em sacrificio,
Deixando-se o pranto á dôr.
Eu cerro o peito á ventura;
Tu, esmaga o teu desejo;
Não mais virei junto ao Tejo...
Não voltes mais, trovador!

Thomaz Ribeiro.



Versos a Leonôr

D'«A Morgadinha de Val-Flor»

RECITATIVO

Longe, bem longe, na amplidão celeste,
A estrella brilha, e c'o brilhar seduz!
E o pastor geme sobre o monte agreste,
Cravando os olhos na adorada luz!

No cerro altivo ergue-se a flôr vermelha,
Exhala aromas que não tem rival;
Co'a debil aza namorada abelha
Debalde aneia por se erguer do val!

Tu és a rosa que a fragrancia aspira,
Eu sou a abelha que no val morreu,
Sou o pastor que ao ideal aspira,
Tu és a estrella que illumina o céo.

Estrella, segue a radiosa estrada!
Rescende aromas, orgulhosa flôr!
E oh! nunca sonhes que assim foste amada!
Oh! nunca saibas que morri de amôr!

Pinheiro Chagas.



A fome no Ceará

I

Lançai o olhar em torno:
Arde a terra abrazada
Debaixo da cadente abobada d'um forno.
Já não chora sobre ella orvalho á madrugada:
Seccaram-se de todo as lagrimas das fontes.

E na fulva aridez asperrima dos montes,
Entre as scintillações narcoticas da luz,
As arvores antigas
Levantam para o ar — athleticas mendigas,
Phantasmas spectraes, os grandes braços nús.

Na deserta amplidão dos campos luminosos
Mugem sinistramente os grandes bois sequiosos.
As aves cahem já, sem se suster nas azas.
O sol applica á terra
Um caustico de brazas.

O incendio destruidor a galopar com furia.
Como um Attila, arrasta a tunica purpurea
Nos bosques seculares;
E, Lacoontes senis, os troncos viridentes
Torcem-se, crepitando entre as rubras serpentes
Com as caudas do fogo em convulsões nos ares.

O sol bebeu, d'um trago, as limpidas correntes;
E os seus leitos sem agua e sem hervagens frescas,
Co'as bordas solitarias,
Tem o aspecto cruel de vallas gigantescas
Onde podem caber muitos milhões de párias.

E entre todo este horror existe um povo exangue,
Filho do nosso sangue,
Um povo nosso irmão,
Que nas ancias da fome, em contorsões hediondas,
Nos estende através das supplicas das ondas
Com o ultimo grito a descarnada mão.

E por sobre esta immensa, atroz calamidade,
Sobre a fome, o exterminio, a viuvez, a orphandade,
Sobre os filhos sem mãe e os berços sem amor,
Pajam sinistramente em bandos agoureiros
Os abutres, que são as covas e os coveiros
Dos que nem terra tem para dormir, Senhor!

E sabej, monstruoso, horrivel pesadelo!
Sabei que ahi, meu Deus, confranjo-me ao dizel-o,
Vêem-se os mortos nús lambidos pelos cães,
E os abutres crueis com as garras de lanças,
Rasgando, devorando os corpos das creanças,
 Nas entranhas das mães!

II

Quando inda ha pouco o vendavel batia
Dos grandes montes nos robustos flancos;
E as nuvens, como enormes ursos brancos,
Em tropel pela abobada sombria
Dos canhões dos titans, aos solavancos,
Arrastavam a rouca artilharia;

Quando os rios indomitos, escuros,
Iam como ladrões saltando os muros
Para roubar ao camponez o pão;
E cruzando-se em raios flammejantes
Abriam como esplendidos montantes
De meio a meio a funda escuridão;

Quando os ventos asperrimos, phreneticos,
Como cyclopes doidos, epilepticos,
 Com raivas convulsivas
Perseguiam, bramindo, ás chicotadas,
Das retumbantes ondas explosivas
 As tropegas manadas;

Quando, entre os gritos roucos da procella,
A fome, a loba, escancarava a guella
 Uivando ás nossas portas;
E andava sobre as aguas deshumanas
Com os despojos tristes das choupanas,
Berços vasilos de creanças mortas;

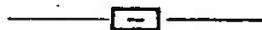
Oh! n'esse instante, ao ver o povo exanime,
Pulsou da patria o coração unanime,
Um coração de mãe piedosa e boa...
E das immensas lagrimas choradas
Muitissimas então foram guardadas
 Entre as joias da c'rôa.

Mas é certo tambem que além dos mares
Alguem ouviu, alguem, cortando os ares
 Essa terrivel dor;
E esse alguem é quem hoje, é quem agora
Morto de fome a soluçar implora
Mais do que o nosso auxilio: — o nosso amor..

Vamos! abri os corações, abri-os!
Transborde a caridade como os rios
Transbordaram dos leitos em janeiro!
Nem póde haver decerto mão avara
Que o pão recuse a quem lhe deu a seara,
Que a esmola negue a quem lh'a deu primeiro.

A miseria é um horrivel sorvedouro;
Vamos! enchei-os com punhados d'ouro,
Mostrando assim aos olhos das nações
Que é impossivel já hoje (isto consola)
Morrer de fome alguém, pedindo esmola
Na mesma lingua em que a pediu Camões!

Guerra Junqueiro.



Branca Rosa

RECITATIVO

Pendendo a fronte virginal, formosa,
Tremendo toda de infantil receio,
Ella deixou em minhas mãos a rosa,
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

E disse, enquanto o peito seu gemia
Partido em ancias de amargura e dôr:
— «Se desprezares meu amor um dia,
Respeita ao menos esta pobre flôr.»

D'aquella noite de emoções e festa,
D'aquelle instante de virgineo enleio,
Só esta morta e secca flôr me resta,
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

Quando minh'alma na feral voragem
Do mundo lucta em delirante anseio,
Sabeis acaso quem me dá coragem?
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

E quando ás vezes minha bocca anciosa
Beija-a — lembrança — que me faz chorar,
Sinto entre as folhas da finada rosa
Um labio ardente os labios meus beijar.

E dentre as cinzas da corolla fria
Sahe um gemido de amargura e dôr:
— «Se desprezares meu amor um dia,
Respeita ao menos esta pobre flôr».

Por ella esqueço o labutar profundo,
Por ella o facho da esperança ateio;
E' mais que a vida e vale mais que o mundo
A branca rosa que adornou-lhe o seio!

Oh! murcha rosa, cada vez mais bella,
Que tanta força e tanta luz me dás.
Tiveste o berço no regaço d'ella
E a sepultura junto ao meu terás!

Assim, se Deus arrebatou-me a vida
Dizendo ao Anjo ceifador: — colhei-o!
Plantai na terra que me dêr guarida
A branca rosa que adornou-lhe o seio!

Luiz Guimarães Junior.

Ouvir Estrellas

— Ora (dizeis) ouvir estrellas! Certo
Perdeste o sensol — E eu vos direi! no entanto,
Que, para ouvil-as, muita vez desperto,
E abro as janellas, pallido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via lactea, como um pallido aberto,
Scintilla. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céo deserto.

Dizeis agora: — Treloucado amigo
Que conversas com ellas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?

E eu vos direi: — Amai para entendel-as!
Pois só quem ama póde ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrellas.

Olavo Bilac.



Como se ama a Deus no Céu

Como se ama a Deus no céo
Te adorou minh'alma pura;
Mas tu desprezas, ingrata,
Meus extremos de ternura.

**Se desprezar tu pudeste
Quem soube tanto adorar-te,
Não devo amar quem me odeia,
Devo também desprezar-te.**

Porque se é crime o desprezo
Em paga de uma afeição,
Também é loucura amar-se
Quem pratica ingratição.

Se desprezar, etc.

E eu ameij-te tão sincera,
Tão santa e devotamente,
Que teu desprezo só mostra
Seres ingrata, inclemente.

Se desprezar, etc.

Hoje deixei de adorar-te
Com a mesma crença de então,
Pois só adoro a quem ame
Os dotes da ingratição.

Se desprezar, etc.



O Navio Negreiro

RECITATIVO

'Stamos em pleno mar!... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após elle, correm... cansam,
Como turbas de infantes inquieta!

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas d'ouro...
O mar em troca accende as ardentias,
— Constellações do liquido thesourol...

'Stamos em pleno mar! Dous infinitos
Alli se estreitam, n'um abraço insano...
Azues, dourados, placidos, sublimes,
Qual dos dous é o céu?... Qual o oceano?

'Stamos em pleno mar!... abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre á flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas!

Donde vem? onde vae? Das náos errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço!
Neste Sahara os corceis o pó levantam,
Galopam, vôam, mas não deixam traço!

Bem feliz quem alli póde nest'hora
Sentir deste painel a magestade!...
Em baixo o mar... em cima o firmamento...
E no mar e no céo — a immensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a briza!
Que musica suave ao longe sôa!
Meu Deus! como é sublime em canto ardente
Pelas vagas sem fim, boiando á tôa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos,
Crianças que a procella acalentára
No berço d'estes pélagos profundos.

Esperai! Esperai!... Deixae que eu beba
Esta selvagem, livre poesia;
Orchestra — é o mar que ruge pela prôa,
E o vento que nas cordas assobia!...

Porque foges assim, barco ligeíro?
Porque foges do pávido poeta?
Oh! quem me déra acompanhar-te a esteira
Que semelhas no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! aguia do oceano,
Tu, que dormes das nuvens entre as gazes,
Sacode as pennas, Leviathan do espaço!...
Albatroz! Albatroz! dá-me estas azas!

II

Desce do espaço immenso, ó aguia do oceano,
Desce mais... ainda mais... não póde olhar humano
Como o teu, mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu ahí?!... que quadro d'amarguras!...
Que funereo cantar!... que tétricas figuras!...
Que scena infame e vil, meu Deus! meu Deus! que horror!

III

Era um sonho dantesco!... o tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar!...
Tinir de ferros, estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo as têtas,
Magras creanças, cujas bocças pretas
Rega o sangue das mães;
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ancias e magoas vãs!

E ri-se a orchestra ironica e estridente...
E da ronda phantastica a serpente
Faz doudas espiraes...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos, o chicote estala...
E voam mais e mais!...

Presa nos élos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança allí!
Um de raiva delira, outro enrouquece,
Outro, que de martyrios embrutece,
Cantando, geme e ri!...

No entanto, o capitão manda a manobra
E após, fitando o céu, que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
«Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dansar!...»

E ri-se a orchestra ironica, estridente!
E da ronda phantastica a serpente
Faz doudas espiraes...
Qual n'um sonho dantesco, as sombras voam!
Gritos, ais, maldições, preces resoam!
E ri-se Satanaz!

IV

Senhor, Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se é mentira, se é verdade
Tanto horror perante os céos?
O' mar, porque não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das immensidades!
Varrei os mares, tufão...

Que importa do nauta o berço,
D'onde é filho, qual seu lar?
Ama a cadencia do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvale o brigue á bolina
Novo golphinho veloz.
Preso ao mastro da mezena
Saúdosa bandeira acena
A's vagas que deixa após!

Do hespanhol as cantilenas,
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flôr!
Da Italia o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do golpho no regaço
Relembra os versos de Tasso
Junto ás levas do vulcão!

O inglez — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entôa patrias glorias,
Lembrando, orgulhoso, historias
De Nelson e de Aboukir...
O francez — predestinado,
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!...

Os marinheiros hellenos
Que a vaga Ionia creou,
Bellos piratas morenos
Do mar que Ulysses cortou;
Homens que Phydias talhára,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu!
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas aguas
As melodias do céol...

Quem são esses desgraçados,
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba,
Que excita a furia do algoz?
Quem são? Se a estrella se cala,
Se a vaga oppressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa,
Dize-o tu, severa musa,
Musa libérrima — audaz!

São os filhos do deserto,
Onde a terra espósa a luz,
Onde vive em campo aberto
A tribu dos homens nús;
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão!
Hontem simples, fortes, bravos...
Hoje miseros, escravos,
Sem ar, sem luz, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também,
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm!
Trazendo com tibios passos
Filhos e algemas nos braços;
N'alma — lagrimas e fell...
Como Agar, soffrendo tanto,
Que nem o leito do pranto
Têm que dar para Ismael!

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no paiz,
Nasceram — creanças lindas,
Viveram — moças gentis!
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana,
Scisma da noite nos véos!
Adeus, ó choça do monte!
Adeus, palmeiras da fonte
Adeus, amores!... adeus!

Depois o areial extenso!
Depois .. o oceano de pó!
Depois... no horizonte immenso
Desertos... desertos só!
E a fome, o cansaço, a sêde,
Ai, quanto infeliz que cede,
E cahe p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um logar na cadeia,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer.

Hontem a Serra Leôa,
A guerra, a caça ao leão,
O somno dormido á tôa
Sob as tendas da amplidão,
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, immundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o somno sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar!..

Hontem, plena liberdade,
A vontade por poder!..
Hoje, cum'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer!
Prende-os a mesma corrente
Ferrea, lugubre serpente,
Nas roscas da escuridão,
E assim zombando da morte,
Dansa a lugubre cohorte
Ao som do açoite!... Irrisão!..

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me em vós, Senhor Deus!
Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céos?
O' mar, porque não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das immensidades!
Varrei os mares, tufão!

V

Existe um povo que a bandeira empresta
Para cobrir tanta infamia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se n'esta festa
Em manto impuro de bacchante fria!...

Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta.
Que impudente na gavea tripudia?
Silencio, Musa... chora e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!

Auri-verde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brazil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança...
Tu, que da liberdade após a guerra
Foste hasteado dos heróes na lança,
Antes te houvessem roto na batalha
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga
Extingue, n'esta hora, o brigue immundo,
O trilho que Colombo abriu nas vagas
Como um iris no pélagos profundo!
Mas é infamia de mais!... Da etherea plaga
Levantai-vos, heróes do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Carlos Alves.

O Cañto da Virgem

MODINHA

Eu sou qual rosa, na manhã serena,
Ao sol rompendo coralino encanto;
Se a brisa passa, na singela aragem
Aos céos envío meu perenne canto...

No liso espelho de azuladas aguas
Eu miro ás vezes meu gentil semblante;
E ás estrellas dos meus olhos lindos,
Alli retratam seu luzir brilhante.

Nas meigas flores que no prado colho
Não ha nenhuma como eu tão bella...
Mas aos perfumes eu lhe ajunto beijos
E d'ellas teço virginal capella.

A' claridade de um luar ameno,
Nas verdes folhas de meus loiros annos,
Eu passo a vida descuidosa e pura,
Do mundo longe, dos mortaes engano.

Se as avesinhas ao alvor da aurora,
Nos seus gorgeios vem saudar o dia,
Eu reso á noite uma oração de amores,
Gratos perfumes de immortal poesia.

Feliz, ditosa, só em Deus pensando,
Caricias gozo de uma mãe querida;
No seu regaço doce amor me enleia
E aos seus affagos eu entrego a vida.

Bettencourt da Silva.



A Despedida

Adeus, adeus, é chegada
A hora da despedida;
Vou, qu'importa se te deixo
N'este adeus a minha vida?

Foste ingrata aos meus extremos,
Não te peço gratidão;

**Perdão — para os meus carinhos,
Aos meus amores — perdão!**

Eu era um ente na terra,
Tu eras um cherubim
Deus tirou-te dos seus anjos,
Não nasceste para mim!

Ah! perdoa a meus amores
Esta estulta elevação;

Perdão, etc.

O crime que commetti
Foi muito punido já;
Castigou-me o teu desprezo,
Maior castigo não ha.

Castigado reconheço
Quanto é justa a punição;

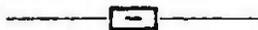
Perdão, etc.

Pouca vida já me resta,
Eu sinto qu'esta amargura
Tão intensa muito cedo
Ha de abrir-me a sepultura.

Do crime que fiz de amar-te,
Vem dar-me a absolvição;

Perdão, etc.

Laurindo Rebello.



A Amanha do Poeta

LUNDU'

A meiga Virgem
Dos sonhos teus
Ora na terra
Por ti, a Deus.

**Anjo perdido
Na solidão,
Ouve os suspiros
D'um coração!**

Sôpro de morte
Gelou-te o peito,
Tombaste cedo
Num frio leito.

Anjo, etc.

Se tu na vida
Me deste os cantos,
Na morte escuta
Meus tristes prantos.

Anjo, etc.

Adeus, ó bardo,
Sonha commigo,
Na noite eterna
Do teu jazigo.

Anjo, etc.

M. M.

NAPOLEÃO

RECITATIVO

Sobre uma ilha isolada,
Por negros mares banhada,
Vive uma sombra exilada
De pranto lavando o chão;
E esta sombra dolorida
No frio manto envolvida,
Repete com voz sumida:
— Eu ainda sou Napoleão.

Tremem convulsas as plagas,
Bravias luctam as vagas,
Solta o vento horriveis pragas
Nos sendaes da escuridão;
Mas nas torvas penedias
Entre fundas agonias,
Ella diz ás ventanias:
— Eu ainda sou Napoleão.

— E serei do céu da gloria,
Nem dos bronzes da memoria,
Nem das paginas da historia
Meus feitos se apagarão;
Passe a noite e as tempestades,
Venham remotas idades,
Caiam povos e cidades,
— Sempre serei Napoleão.

Da columna de Vendôme,
O bronze, o tempo consome,
Porém, não apaga o nome
Que tem por bronze a amplidão.
Apezar do infausto dia,
Da infamia que tripudia,
Dos bretões a cobardia,
— Sempre serei Napoleão.

Nos vastos plainos do Egypto,
Sobre titães de granito,
Eu tenho um poema escripto
Que deslumbra a solidão.
Das Isis rasguei os véos,
Entre os altares fui Deus,
Fiz povos escravos meus,
— Ah! inda sou Napoleão.

Desde onde o crescente brilha
Até onde o Sena trilha,
Tive o mundo por partilha,
Tive immensa adoração;
Tive um throno de fulgores,
Fiz dos grandes, servidores;
Fiz dos pequenos, senhores,
— E sempre fui Napoleão.

Quando eu cortava os desertos,
Vinham-me os ventos incertos
De incenso e myrrha cobertos
Lamber-me as plantas no chão;

As caravanas paravam,
E os romeiros que passavam
A's solidões perguntavam:
— E' este o Deus Napoleão?

E lá nas plagas fagueiras,
Onde ás brisas forasteiras,
Entre selvas de palmeiras
Corre o sagrado Jordão,
O lago dizia ao prado,
O prado ao monte elevado,
O monte ao céu estrellado:
— Viste passar Napoleão?

Dizei, auras do occidente,
Dizei, tufão inda quente
Do bafejo incandescente
Do não vencido esquadrão,
Como é elle? é bello, ousado?
Tem o rosto illuminado?
Tem o braço denodado?
— Sempre é grande Napoleão.

E as aguias no céu corriam,
E os areaes se volviã,
E horrendas feras bramiam
No immenso da solidão;
Mas as vozes do deserto
Se erguiam como um concerto
E vinham saudar-me de perto:
— Tu és, senhor, Napoleão.

— Se sou! que Marengo o conte,
De Austerlitz o horisonte,
E aquella soberba ponte
Que transpuz como tufão!
E a minha villa de Ajaccio.
E o meu sublime palacio,
E os pescadores de Lacio
Que só dizem: Napoleão!

Se o sou! que digam as plagas
Onde do sangue nas vagas,
Coberta de enormes chagas
Dorme vil população;
Digam da Asia as bandeiras,
Digam as longas cordilheiras
Que abatiam rasteiras,
Ao corcel de Napoleão!

Se o sou! diga Santa Helena,
Onde a mais sublime scena
Fechou tranquilla e serena
Minha historia de Titão.
Digam as ondas bravias,
Digam torvas penedias,
Onde as rijas ventanias
Vem murmurar: Napoleão.

— E serei! do céu da gloria,
Nem dos bronzes da memoria,
Nem das paginas da historia,
Meus feitos se apagarão!

Assim, na rocha isolada,
Pelas espumas banhada,
Disse a sombra desterrada,
De prantos lavando o chão:

«As nevoas rolam nos céos,
Da noite escura nos véos,
Soltam negros escarcéos
Rugidos de imprecação;
Mas das sombras a espessura,
A face da onda escura
O salgueiro que murmura,
Tudo falla: Napoleão!

Fagundes Varella.



Como o Orvalho da Noite

LUNDU'

Como o orvalho da noite
Busca o carinho da flôr,
Assim minh'alma em delirio
Suspira por teu amor.

Mas tu, qual uma insensata,
Com teus despezos me matas.

Mas se eu pudesse encontrar
Nos teus labios um sorrir,
Seria minha ventura
E tambem o meu porvir.

Mas com tanta crueldade
Nem sequer tens-me amizade.

Permitta os céos que algum dia
Mais feliz eu possa ser;
Se continuar n'esta sorte
Antes prefiro morrer.
A morte é um sonho dourado
Para quem é desprezado.



Não se me dá que outros gozem

LUNDU'

Não se me dá que outros gozem
Daquillo que eu já gozei,
Aproveita, pobresinho,
São restos que eu já deixei.

De Marcia os bellos carinhos
Emquanto eu quiz desfructei,
Os mimos que agora gozas
São restos que eu já deixei.

A flôr, o fructo de amor
Intactos, n'ella encontrei,
O que bebes tão sedento
São restos que eu já gozei.

Basta para castigar-te
Tocares no que eu toquei.
Vou lembrar-te que esses gozôs
São restos que eu já gozei.



Uma ingrata, uma inconstante

MODINHA

Uma ingrata, uma inconstante
Que eu amei mais do que a mim!
Uniu ciume á saudade
Para meus dias dar fim!

Já que não posso
Nunca esquecê-la.
Mesmo trahido
Desejo vel-a.

Cruel destino,
Céo, compaixão,
Para um desgraçado
Morte ou perdão.

Por amar sómente a ella
Infeliz ao mundo vim,
Ao mundo vejo a tyranna
Para meus dias dar fim.

Já que não posso, etc.

Anjo na voz e apparencia,
Eu a julgava assim,
Mas ella tornou-se fera
Para meus dias dar por fim.

E que não seja
Meu peito igual,
Ainda suspira
Por monstro tal.



STELLA

Que noite! o plenilunio é como um sonho,
assim risonho,

Boiando pelo céu, beijando o mar;
As estrellas pelo azul brilham sorrindo,

estás dormindo?!

Eu venho, meu amor, te despertar!
Desperta! Dorme toda a natureza,

Que beleza!...

Vem unir a tua voz á minha voz,
Entre lyrios, violetas, cysantheos,

Cantaremos,

Como dois infelizes rouxinoes...
Em teu leito de seda dormes quieta,

E teu poeta

Canta p'ra teu somno suavisar;
Dorme! Eu mostrarei como é suave

Um canto d'ave

Gorgeiando de amor fitando o luar!...
Eu canto, embora amanhã encontre morta,

A' tua porta,

A visão que te amava no abandono...
Dirás ao ver, Stella, quem sou eu:

« Como morreu,

O rouxinol que me emballava o somno! »

estribilho

Ah! Como beija o mar,

o luar,

E o mar suspira, geme,

treme,

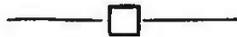
E no alto o ceu sorrindo,

lindo!!!

Acorda, abre a janella,

Stella!..

Observação: — « A ultima vez que se cantar o estribilho em vez de: Acorda, abre a janella, Stella, cante-se: Não abras a janella, Stella.



O Filho Exilado

RECITATIVO

Treze annos são passados
Que deixei meu patrio lar;
Treze annos que, contados
São por seculos a scismar!...
Treze annos sem que a sorte,
N'um propicio vento norte,
Leve a salvo o meu batel:
Treze annos entre abrolhos
Vendo a morte nos escolhos
Como a não entre o parcell...

Treze annos!... que lembrança!...
Era eu menino então:
No futuro tinha a esp'rança,
Tinha a paz no coração!
Tinha mãe e tinha amigos,
Era estranho a tantos p'rigos,
Que da vida já provei...
Bello tempo! mas agora...
Oh! maldita seja a hora
Que a familia abandonei!

Foi n'um dia bem tristonho,
De manhã, quasi ao nascer,
Era o mar forte e medonho
Qual jámais eu hei de vêr!
Quatrocentos desterrados,
Como eu desventurados,
Vinhã todos a chorar!...
E as pobres mães, na praia,
Após uma, outra desmaia,
Porque a barca ia largar!

Minha mãe também se achava
Entre tantas que lá vi!
Qualquer filho desp'rava
Se soffresse o 'que eu soffri!...
A' voz: larga!... mil gemidos
Echoaram-se aos ouvidos;
E chorei... gemi também:
N'esses lances d'agonia,
Uma voz que mais se ouvia
Era a voz de minha mãe!...

Coitadinha!... mal me vira
Soluçando no convéz,
Nova dôr ella sentira,
E bradou mais uma vez:
«Vai com a Virgem, vai, ó filho...
Não te esqueça o sacro trilho,
Não te esqueçam nunca os teus:
Aqui deixas desolada
Tua mãe desventurada,
Vai, meu filho; vai... adeus!...

E o vento zunja,
E o pego bramia,
E a barca fendia
O extenso do mar!...
E a pobre creança,
Sem luz de bonança,
Não tinha uma esp'rança
De á patria voltar!...

N'essas noites de agonia,
Em que triste só me via,
Sem ninguem p'ra me animar,
Da mãe eterna a qu'rida imagem
Alentava-me a coragem!...

Amor de mãe é doce orvalho
Que dá vida á linda flôr...
Alva estrella em noite escura,
Que illumina ao viajor.
E' o crepusculo matutino
Pelas mãos do Redemptor,
E' de todos o mais puro
Da terna mãe o santo amor!

E' o santelmo das bonanças,
Arco-iris em largo mar,
Para o nauta que, perdido,
A tormenta vê findar;
Poça de agua no deserto,
Ao pobresinho a mendigar,
Que de sede ao sol ardente
Não tem forças para andar!...
E' o nome mais suave
Para a dôr do coração!

Um beijo dado por ella
E' de Deus sacra união!
Ella, sim, que nos consola
No pungir de uma afflicção;
Traz-nos sempre n'um sorriso,
Junto a nós: Consolação!...

Se prostrados sobre um leito
Em profundo padecer,
Mil suspiros exhalamos,
Quem ha de comprehender?
Quem, contente a nosso lado
Desvelada se vem fazer?
Nossa mãe que nos deu a vida,
E por nós só quer morrer!

E depois da nossa morte,
Quem por nós ha de chorar?
Quem na louza do finado
Um gemido irá soltar?...
Uma cruz singela e triste
Quem nos ha de levantar?
Quem de goivos e cyprestes
Um jardim ha de plantar?

Ella, sim, que nos consola
No pungir de uma afflicção.
'Té na campa vai levar-nos
Tristes ais, do coração;
E n'um osculo verdadeiro
Porque o beijo da mãe terna
Nos eleva á salvação,
E' de Deus sacra união!...

Qual o amor que se compara
Ao amor que ella nos tem?
Oh! de certo que no mundo
Não amou assim ninguem!

Se choramos, ella chora...
Se nos rimos, ri tambem.
Ai que amor... amor tão santo
E' o amor de nossa mãe...

A minha,
Coitadinha,
Não me ouve soluçar;
Tão distante,
N'este instante
Não me póde consolar!

Se ella ouvisse,
Se sentisse
Que seu filho chora aqui;
Se soubesse,
Se pudesse,
Voaria junto a mim!...

Mas coitado
Do exilado,
Não me ouve aqui ninguem;
E sosinho,
Sem carinho,
Choro, ai!... por minha mãe!

Tão menino,
Pequenino!...
O que vim eu cá fazer?
Sem amigos,
Sem abrigos,
Desventuras mij soffrer!...

Nos meus lares,
Sem pezares
Eu não era tão feliz?
Sem grandeza,
Na proeza,
Mas gozava o meu paiz.

E agora?
Quem minora
D'este peito amarga dor?
Quem me ha-de
Da piedade
Adoçar tão acré horror?

Ouve, ó Deus,
Os rogos meus,
Dá-me, oh! dá-me o que eu perdi!...
Cura a f'rida,
D'esta vida,
Dá-me a terra onde nasci!

Costa Lima.



Meu amor

Nem eu sei porque choro ao pé de ti
agora que o meu pranto aborreceste.
Choro, talvez, o amor que me tiveste,
choro o teu coração que já perdi.

O teu rosto era triste; agora ri,
contente d'este mal que me fizeste.
Se o que fui para ti, tudo esqueceste,
Eu nunca do que foste me esqueci.

Porque te quero ainda, meu amor,
se tu não comprehendes este horror?
Porque me prende tanto essa altivez?

Olha-me bem: se as lagrimas cahidas
ao pé de ti, são poucas, são mentidas,
Crê ao menos n'aquellas que não vês.

Virginia Victorino.



Em Caminho da Guilhotina

A viuva Capet vae ser guilhotinada.
Ora n'aquelle dia o povo de Paris
Formidavel, brutal, colerico, feliz,
Erguera-se ao primeiro alvor da madrugada.

No caminho traçado ao funebre cortejo
O povo redemoinha;
Que todos sentem n'alma o tragico desejo
De vêr como Sansão degola uma rainha.

Da carreta em redor ondejam os soldados;
De cima dos telhados
Da rua, dos portaes, dos muros, dos balcões
Chovem sobre a rainha as vis imprecações.

Ella, comtudo, altiva, erecta e desdenhosa,
Olha tranquilamente
Para o revoltoso mar da plebe tumultosa.
E enquanto aquelle povo inquieto e repulsivo
Ancia por ouvir o grito convulsivo
E o derradeiro arranco
D'essa mulher, e ri abominavelmente,
Um homem só, o algoz, vai triste e reverente.

Póde nascer ao pé da forca um lyrio branco.

A carreta parou. Desce a rainha. N'isto
Viram-se uns braços nús
Erguerem para o ar, á flôr da multidão,
Uma loura creança, alegre como a luz,
* Suave como o Christo,
A quem talvez faltando em casa a enxerga e o pão,
A mãe quizera dar aquella distracção.

No primeiro degrau da escura guilhotina,
A rainha de França
Ergueu o olhar e viu essa gentil creança
Lévar a mão á flôr da bocca pequenina,
E atirar-lhe, a sorrir, um beijo doce e honesto...

E ella, que fôra audaz, heroica e resoluta,
E ouvira, com desdem, da plebe a injuria bruta,
Ante a esmola infantil, graciosa, desse gesto,
Chorou.

«Chorou, enfim! A infame succumbiu!»
De entre o povo uma voz selvatica rugiu.

Gonçalves Crespo.

◆◆◆

A maior dôr humana

Paroxismos da luz! Tristes cantares!
Sahis da treva, em treva esqueceréis!
Romanticos leitores, não choreis;
Poupai-vos para os vossos maus azares!

Se navegaes por bonançosos mares,
De subito no azul do céu vereis
A nuvem que se rompe nos parcéis
De imprevistas borrascas de pezares.

Disse Henri Heine, o cego: — «Não lastimeis
As lancinantes maguas, que me oprimem». .
Espere cada qual chorar por fim.

E eu que tanto carpi os condemnados,
Os cegos — os supremos desgraçados —
Já lagrimas não tenho para mim.

Camillo C. Branco.

O MELRO

O melro eu conheci-o;
Era negro, vibrante, luzidio,
Madrugador jovial;
Logo de manhã cedo
Começava a soltar dentre o arvoredos
Verdadeiras risadas de crystal.
E assim que o padre curia abria a porta
Que dá para o passal,
Repicando umas finas ironias,
O melro dentre a porta
Dizia-lhe; «bons dias!»
E o velho padre cura
Não gostava d'aquellas cortezias.

O cura era um velhote conservado,
Malicioso, alegre, prazenteiro;
Não tinha pombas brancas no telhado,
Nem rosas no canteiro;
Andava ás lebres pelo monte, a pé,
Livre de rheumatismos,
Graças a Deus e graças a Noé,
O melro desprezava os exorcismos
Que o padre lhe dizia:
Cantava, assobiava alegremente;
Até que ultimamente
O velho disse um dia:

«Nada, já não tem geito! este ladrão
Dá cabo dos trigaes!
Qual seria a razão
Por que Deus fez os melros e os pardaes?!»

E o melro, no entretanto,
Honesto como um santo,
Mal vinha no oriente
A madrugada clara,
Já elle andava jovial, inquieto,
Comendo alegremente, honradamente,
Todos os parasitas da seara
Desde a formiga ao mais pequeno insecto.

E apesar disto o rude proletario,
O bom trabalhador,
Nunca exigiu augmento de salario.
Que grande tolo o padre confessor!

Foi, para a eira o trigo;
E armando uns espantalhos
Disse o abbade comsigo:
«Acabaram-se as penas e os trabalhos.»
Mas logo de manhã, maldito espanto!
O abbade inda na cama,
Ouvju do melro o costumado canto;
Ficou ardendo em chamma;
Pega na caçadeira,
Levanta-se d'um salto,
E vê o melro a assobiar na eira
Em cima do seu velho chapéo alto!

Chegou a cousa ao termo,
Que o bom do padre cura andava enfermo,
Não falava nem ria,
Minado por tão intimo desgosto;
E o vermelho oleoso do seu rosto
Tornava-se amarello dia a dia.

E foi tal a paixão, a desventura,
(Muito embora o leitor não me acredite),
Que o bom do padre cura
Perdera... o apetite!

Andando no quintal um certo dia
Lendo em voz alta o Velho Testamento,
Enxergou por acaso (que alegria!
Que d'itoso momento!)
Um ninho com seis melros escondido
Entre uma carvalheira;
E ao vel-os exclamou enfurecido:

«A mãe comeu o fructo prohibido;
Esse fructo era a minha sementeira:
Era o pão e era o milho;
Transmittiu-se o peccado.
E, se a mãe não pagou, que pague o filho.
E' doutrina da egreja. Estou vingado!»

E engaiolando os pobres passaritos
Soltava exclamações:
«E' uma praga. Malditos!
Dão-me cabo de tudo estes ladrões!
Raios os partam! andai lá que emfim!...»
E deixando a gaiola pendurada
Continuou a ler o seu latim
Fungando uma pitada.

Vinha tombando a noite silenciosa;
E cahia por sobre a natureza
Uma serena paz religiosa.
 Uma bella tristeza
Harmonica, viril, indefinida.
 A luz crepuscular
Infiltra-nos na alma dolorida
Um mysticismo heroico e salutar.

As arvores, de luz inda doiradas,
Sobre os montes longiquos, solitarios,
Tinham tomado as fórmias rendilhadas
 Das plantas dos herbarios.
Recolhiam-se á casa os lavradores,
Dormiam virginaes as coisas mansas:
 Os rebanhos e as flôres,
 As aves e as crianças.

Ia subindo a escada o velho abbade;
A sua negra, athletica figura
Destacava na frouxa claridade
 Como uma nodoa escura
E introduzindo a chave no portal
 Murmurou entre dentes:

«Tal e qual... tal e quall...
Guizados com arroz são excellentes.»

Nasceu a lua. As folhas dos arbustos
Tinham o brilho meigo, avelludado
Do sorriso dos martyres, dos justos.
Um effluvio dormente e perfumado
Embebedava as seixas luxuriantes.
Todas as forças vivas da materia
Murmuravam dialogos gigantes
Pela amplidão etherea.
São precisos silencios virginaes,
Disposições sympathicas, nervosas,
Para ouvir estas falas silenciosas,
Dos mundos vegetaes.
As orvalhadas, frescas espessuras
Presentiam-se quasi a germinar.
Desmajiavam-se as candidas verduras
Nos magnetismos brancos do luar.

E nisto o melro foi direito ao ninho.
Para o agasalhar andou buscando
Umas penugens doces como arminho,
Um feltrosito assetinado e brando.
Chegou lá e viu tudo.
Partiu como uma flecha: e louco e mudo
Correu por todo o matagal; em' vão!
Mas eis que solta de repente um grito
Indo encontrar os filhos na prisão.
«Quem vos metteu aqui?» O mais velhito,
Todo tremente, murmurou então:

«Foi aquelle homem negro. Quando veio
Chamei, chamei... Andavas tu na horta...
Ai que susto, que susto! Elle é tão feio!...
Tive-lhe tanto medo!... Abre esta porta
E esconde-nos debaixo da tua aza!
Olha, já vão florindo as assucenas;
Vamos construir a nossa casa
Num bonito logar...
Ai! quem me dera, minha mãe, ter pennas
P'ra voar, voar!»

E o melro allucinado
Clamou:

« Senhor! Senhor!
E' por ventura crime ou é peccado
Que eu tenha muito amor
A estes innocentes!?
O' natureza, ó Deus, como consentes
Que me roubem assim os meus filhinhos,
Os filhos que eu criei!

Quanta dôr, quanto amor, quantos carinhos
Quanta noite perdida
Nem eu sei...
E tudo, tudo em vão!
Filhos da minha vida!
Filhos do coração!...
Não bastaria a natureza inteira,
Não bastaria o céu para voardes,
E prendem-vos assim desta maneira!...
Covardes!

A luz, a luz, o movimento insano
Eis o agulhão, a fé que nos abraza...
Encarcerar a aza
E' encarcerar o pensamento humano
A culpa tive-a eu! quasi á noitinha
Parti, deixei-os sós...
A culpa tive-a eu, a culpa é minha,
De mais ninguem! Que atroz!
E eu devia sabel-o!
Eu tinha obrigação de adivinhar...
Remorso eterno! eterno pesadello!...

Falta-me a luz e o ar!... Oh, quem me dera,
Ser abutre ou ser fera
Para partir o carcere maldito!...
E como a noite é limpida e formosa!
Nem um ai, nem um grito...
Que noite triste! ó noite silenciosa!...

E a natureza fresca, omnipotente,
Sorria castamente
Com o sorriso alegre dos heroes
Nas sebes orvalhadas,
Entre folhas luzentas como espadas,
Cantavam rouxinóes.

Os vegetaes felizes
Mergulhavam as soffregas raizes
A procura na terra as seixas boas,
Com a avidez e as raivas tenebrosas

Das pequeninas feras vigorosas!
Sugando á noite os peitos das leôas
A lua triste, a lua merencoria,
 Desdemonia marmorea,
Rolava pelo azul da immensidade,
Immersa n'uma luz serena e fria,
 Branca como a harmonia,
 Pura como a verdade.
E entre a luz do luar, e os sons e as flôres,
Na atonia cruel das grandes dores,
 O melro solitario
Jazia inerte, examine, sereno.
Bem como outr'ora a mãe do Nazareno
 Na noite do calvario!

Segundo seu costume habitual,
 Logo de madrugada
O padre cura foi para o quintal,
Levando a biblia e sobraçando a enxada.
 Antes de dizer missa,
O velho abbade inevitavelmente
 Tratava da hortaliça
E rezava a Deus Padre Omnipotente
 Varios trechos latinos,
Salvando desta forma, juntamente
As ervilhas, as almas e os pepinos.

E já de longe ia bradando:

 Olé!
Dormiram bem?... Estimo...
Eu lhes darei o mimo,
Canalha vil, grandissima ralé!

Então vocês, suas almas do diabo,
Julgavam que isto era só dar cabo
Da horta e do pomar,
E bico alegre e estomago contente,
E o camello do cura que se aguenta,
Que engrole o seu latim e vá bugiar!...

Grandes larapios!... Era o que faltava!...
Vocês irem ao milho,
E a mim mandar-me á fava!
Pois muito bem, agora que vos pilho
Eu vos ensinarei, meus safardanas!
Vocês são mariolões, são ratazanas,
Tem bico é certo, mas não tem tonsura...
E nas manhas um melro nunca chega
A's manhas naturaes de um padre cura.
O melhor vinho que encontrar na adega
E' para hoje, olé!... Que bambochata!
Que petisqueira! Melros com chouriço!...
E então a Fortunata
Que tem um dedor e um geito para isso!
Hei de comer-vos todos um! a um,
Lambendo os beiços com tal gana emfim,
Que comendo-vos todos, mesmo assim
Eu fico ainda quasi que em jejumi!
E depois de vos ter dentro da pança.
Depois de vos jantar,
Vocês verão como o velhote dança,
Como elle é melro e sabe assobiar!...»

Mas nisto o padre-cura titubiante,
Quasi desfallecendo,
Attonito de horror, parou diante
Deste drama estupendo:

O melro, ao ver approximar o abbade,
Despertou da atonia,
Lançando-se furioso contra a grade
Do carcere. Torcia,
Para partir os ferros da prisão,
Crispando as unhas convulsivamente
Com a furia d'um leão.
Batalha inútil, desespero ardente!
Quebrou as garras, depenou as azas
E allucinado, exangue,
Os olhos como brazas,
Heróe febril, a gotejar em sangue,
Partiu n'um vôo arrebatado e louco,
Trazendo dentro em pouco,
Preso no bico um ramo de veneno.
E bello e grande e tragico e sereno
Disse:

« Meus filhos, a existencia é boa
Só quando é livre. A liberdade é a lei.
Prende-se a aza, mas a alma vôa...
O' filhos, voemos pelo azul!... Comei!... »

E mais sublime do que Christo quando
Morreu na cruz, maior do que Catão,
Matou os quatro filhos, trespassando
Quatro vezes o proprio coração!
Soltou, fitando o abbade, uma pungente
Gargalhada de lagrimas, de dôr,
E partiu pelo espaço heroicamente,
Indo cahir, já morto, de repente
Num carcavão com silveiraes em flor.

E o velho abbade, livido de espanto,
Exclamou afinal:

«Tudo o que existe é immaculado e é santo!
Ha em toda a miseria o mesmo praño,
E em todo o coração ha um grito igual,
Deus semeou d'almas o universo todo.

Tudo o que ri e canta e chora.
Tudo foi feito com o mesmo lodo,
Purificado com a mesma auróra.
O' misterio sagrado da existencia,
Só hoje te adivinho.

Ao ver que a alma tem a mesma essencia,
Pela dôr, pelo amor, pela innocencia,
Quer guardé um berço, proteja um ffinho!
Só hoje sei que em toda creatura,
Desde a mais bella até a mais impura,
Ou n'uma pomba ou n'uma fera brava,
Deus habita, Deus sonha, Deus murmura!...

Ah, Deus é bem maior do que eu julgava!..

E quedou silencioso. O velho mundo,
Das suas crenças antigas, n'um momento,
Viu-o sumir exaustto, moribundo,
Nos abysmos sem fundo
Do tenebroso mar do Pensamento.

E chorou e chorou... A Egreja, a Crença,
Rude montanha pavorosa, escura,
Que enchia o globo com a sombra immensa
Dos seus setenta seculos d'altura;
O Himalaja de dogmas triumphantes,
Mais eternos que o bronze e que o granito.

Onde aos prophetas Deus falava d'antes
Entre raios e nuvens trovejantes,
Lá dos confins siderios do infinito;
Esse colosso enorme, em dois instantes,
Viu-o tremer, fender-se e desabar
N'uma ruina espantosa,
Só de tocar-lhe a aza vaporosa,
D'uma avesinha tremula a expirar!...

E arremessando a biblia, o velho abbade
Murmurou:

«Ha mais fé e ha mais verdade,
Ha mais Deus com certeza
Nos cardos seccos d'um rochedo nú
Que nessa biblia antiga... O' Natureza,
A unica biblia verdadeira és tu!...

Guerra Junqueiro.



A Lua de Londres

E' noite; o astro saudoso
Rompe a custo um plumbeo céu,
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, humido véo.
Traz perdida a côr de prata,
Na: aguas não se retrata,

Não beija no campo a flôr,
Não traz cortejo de estrellas,
Não fala de amor ás bellas,
Não fala aos homens de amor.

Meiga lua, os teus segredos
Onde os deixaste ficar?
Deixaste-os nos arvoredos
Das praias d'alem do mar?
Foi na terra tua amada,
N'essa terra tão banhada
Por teu limpido clarão?
Foi na terra dos verdôres,
Na patria dos meus amores,
Patria do meu coração?

Oh! que foi! deixaste o brilho
Nos montes de Portugal?
Lá onde nasce o tomilho,
Onde a leve mariposa
Se espaneja á luz do sol;
Lá onde Deus concedera
Que em noites de primavera
Se escutasse o rouxinol.

Tu vens, ó lua, tu deixas
Talvez ha pouco o paiz,
Onde do bosque as madeixas
Já têm um floreo matiz;
Amaste do ar a doçura,
Do azul-céo a formosura,

Das aguas a suspirar;
Como has de agora, entre gelos
Dardejar teus raios bellos,
Fumo e nevoa aqui amar?

Quem viu as margens 'do Lima,
Do Mondego os salgueiraeas,
Quem andou por Tejo acima
Por cima dos seus cristaes?
Quem foi ao meu patrio Douro
Sobre fina areia de ouro
Raios de prata esparzir,
Não póde amar outra terra,
Nem sob o céu d'Inglaterra
Doces sorrisos sorrir.

Das cidades a princeza
Tens aqui: mas Deus equal
Não quiz dar-lhe essa lindeza
Do teu e meu Portugal;
Aqui, a industria e as artes,
Além, de todas as partes,
A natureza sem véo;
Aqui, ouro e pedrarias,
Ruas mil, mil arcarias,
Além a terra e o céu!

Vastas serras de tijolo,
Estatuas, praças sem fim
Retalham, cobrem o solo,
Mas não me encantam a mim;
Na minha patria uma aldeia
Por noites de lua cheia

E' tão bella e tão feliz!...
Amo as casinhas da serra
Como a luz da minha terra,
Nas terras do meu paiz.

Eu e tu, casta deidade,
Padecemos igual dôr,
Temos a mesma sanidade,
Sentimos o mesmo amor;
Em Portugal o teu rosto;
De raio e luz é composto,
Aqui, triste e sem clarão;
Eu lá sinto-me contente,
Aqui, lembrança pungente
Faz-me negro o coração.

Eia, pois, ó astro amigo!
Voltemos aos puros céos,
Leva-me, ó lua, contigo,
Preso n'um raio dos teus;
Voltemos ambos, voltemos,
Que nem tu nem eu podemos
Aqui ser quaes Deus nos fez.
Terás brilho, eu terei vida,
Eu já livre e tu despida
Das nuvens do céu inglez.

Loão de Lemos.



Eternidade

Releio as tuas cartas e, consciente,
Agora que morreu todo o entusiasmo,
Tremo de magua, de terror, de pasmo,
Se vejo esta palavra: Eternamente!

O que ficou do poema ancioso, das-m'o
Tão desmentido já tão differente;
Que esta grande palavra — eternamente,
Só me diz amargura, fel, sarcasmo!

Juravas ser eterno o que sentias,
Que eternamente me pertenceria?!...
Quanta descrença o coração me invade!

Ah, meu amor, vê bem quanta loucura!
Nunca se fez tão mentirosa jura,
Ou nunca foi tão breve a eternidade...

Virginia Victorino.



A Virgem das Florestas

Quando a Virgem vivia ao pé da porta,
Onde á tarde sentava-se fiando
Vinham as pombas n'um risonho bando,
Beijar-lhe a bocca e as tranças virginaes:
Agora que ella está morta
As pombas não voltam mais!

Tudo na solidão se transformava
Quando ella apparecia!
A jassanan fugaz a aza estendia
E em roda della timida viuva
Piando de alegria!
Os sabiás da matta descansados
Entre os galhos annosos,
Quando ella passava, debruçados,
Cantavam mais choróso!
Tudo na solidão se transformava
Quando ella apparecia:
Uma rêde de flores encobria
O chão que ella pizava.
Quando ella cantava, a aragem santa,
Que a terra banha pela noite bela,
Levava ao ceu das meigas vozes d'ella
O meigo accorde e os indiziveis ais:
Agora que ella não canta,
A aragem não sopra mais.

Ella era a voz da solidão, o encanto
De toda a natureza;
Dos seus hombros pendia o louro manto
Da vida e da beleza:

Nos seus olhos escuros ondulava
Uma scisma ideal...
Sobre o seu seio, humildemente envolto
Na chita virginal,

Cahia em ondas seu cabello solto.
A jurity, que ao pé da noite chora,
Nem tão leve pizava,
Sobre o orvalho da relva seductora
Quando ella caminhava,
O vento, o espinho e o vime retirava,
De seus mimosos pés nús e macios.
No triste azul dos rios
A cuja sombra o coqueiral murmura,
Na face lisa e pura
Da lagôa serena, a face d'ella
Como no mar o vulto d'uma 'estrella
Brilhava doce e altival
A solidão inteira a idolatrava,
E toda a natureza
Que a sua maga sombra acarinhava,
Via nella a imagem fugitiva
Da vida e da belleza.

Quando ella sonhava, luz risonha
Dos astros pela fresta penetrando,
Na sua agreste cama repousando,
Vinham saudar-lhe os sonhos festivaes:
Agora que ella não sonha
Os astros não brilham mais.

Ella habitava uma choupana, um ninho
Fresco e macio á margem da lagôa;
E como o passarinho,
Que o ninho apenas deixa quando vôa

Plumoso pelos céos,
A cabana perdeu-a n'um momento
Em que da morte o pavoroso vento
Levou-a para Deus!
Perto da casa d'ella as casuarinas,
Os pinheiraes de parasitas cheios
Gemiam aos anceios
D'aura medrosa nas manhãs divinas.

Um pé de murta, um outro de boninas,
Sobre a tosca janella,
Por suas mãos queridas orvalhados,
Formavam os cûidados,
E os sonhos todos da existencia d'ella!
Nunca molhou-a o pranto do desgosto.
Se, ás vezes, no seu rosto,
Uma saudosa pallidez vagava,
Vinha logo o sorriso que a apagava!
Ella era pura, e Deus que a procreára.
Vendo-a tão bella, tão mimosa a cara,
Teve medo, talvez, Deus teve medo,
De cêdel-a á existencia torpe e avára
E matou-a tão cedo!

Quando ella rezava, a natureza,
Deslumbrada de amor, a idolatrava;
E a propria nuvem tremula baixava
Para envolvel-a em mantos sideraes.
Agora que ella não tem reza,
As nuvens não descem mais!

Ella morreu emfim! Morreu na hora
Em que no Oriente bruxoléa a aurora,
Cercada de esplendores,
Como a aurora do céu, foi entre as flôres,

Que ella exhalou o derradeiro alento...
Os suspiros do vento
Tornaram-se mais doces! Mais suaves
Na mole sombra do arvoredó, as aves
Passaram pipilando;
Os riachos mais ternos e sentidos,
Entre os cipós rolando,
Ouvir deixavam lugubres gemidos,
No espesso bosque da floresta bella,
O passaro saudoso,
Parecia um adeus dizer ancioso
A' sombra inteira que fallava d'ella!

O rio, a fonte, o passarinho, as flôres,
Tudo padece e chora!
Ella morreu emfim! Morreu na hora
Em que no Oriente bruxolêa a aurora,
Cercada de esplendores!
Quando a morte colheu-a, ella sorria
No melhor dos seus sonhos de creança,
E sobre tanto amor, tanta esperança,
Abriu a morte as azas funeraes:
Agora que ella está fria,
Seus labios não riem mais.

Branca mortalha de cheiroso linho
Macia como os velhos de alvo ninho,
Seus restos encobriram;
Os braços maternas a conduziam,
Hirtos de dôr, gelados de amargura,
Ao pouso derradeiro.
Foi no seio do bosque e da espessura
Onde as auras do céu têm' mais doçura,
E as aves mais tristeza;
Onde os raios do sol com mais pureza

Baixam da immensa e divinal planura;
Ahi onde pousando no ingazeiro
Do ninho á borda o sanhaçú murmura
 E a rola branca e pura
Exhala á tarde o canto derradeiro,
Que a enchada dum cabreiro
 Abriu-lhe a sepultura.

Quando ella enterrou-se, as casuarinas
Choraram surdamente, e na janella,
Entre as boninas, entre as flores della,
Passou o vento em doloridos ais:
 Orphãs de amor, as boninas
 Agora não vivem mais.

Era ao cahir da tarde, a Ave-Maria
Recortando os espaços ondulava
 Na aza vibrante e fria
Do vento, que entre as arvores cantava!
Dos pastores a voz acompanhava
O balido da ovelha demorada;
 A tremula toada
Da guitarra vibrava tristemente;
Num céu de opala a lua transparente,
 De sonhos coroada,
Erguia aos poucos a cabeça algente,
Mais meigo aroma o brando rosmaninho
 Derramava nos ares...
Pela face do lago os nenuphares
As folhas estendiam; de mansinho,
Corria a aragem na floresta esguia;
Era a hora em que um véo de melodia
Desenrola-se da cupula dos céos:

Hora em que foge o dia
Nos abysmos do mar; — grande momento
Em que o olhar seguindo o pensamento,
Desvenda o firmamento
E vai cegar-se no esplendor de Deus!

Era ao cahir da tarde: a muda terra
Ia esconder-lhe a fronte idolatrada;
Cava rangia a funeral enchada,
Gemia ao longe o sabiá da serra.

Materna bocca reviver tentava
No seio della o coração dormente:
E a enxada rangia surdamente,
E a alma d'ella já no céu estava!

Quando a alvorada de esplendor vestida
No levante surgiu, entre a espessura
Sobre a terra que deu-lhe sepultura,
Havia apenas uma cruz erguida.

Hoje que resta d'ella? Resta apenas
Um bocado de terra acre e selvagem,
Coberta de açucenas,
Onde sussurra a lamentosa aragem';
Ao pé de sua cova um ente amigo
Cavou tambem o maternal jazigo';
A cabana musgosa abandonada
A's chuvas e á invernada
Cahiu por terra: os lagos murmurantes,
Que cingiram-lhe as formas, que espelharam

Seus olhos deslumbrantes,
Já de todo seccaram;
Um véo de pezadissima tristeza
Cobriu a natureza;
Tudo é silente e morto e desprezado
Entre os galhos do bosque dessecadô,
Da noite o vento passa angustiado
Como um grito de dôr!
Ella morreu emfim! Ermo e profundo,
Dentro do seu sepulchro dorme um mundo
De innocencia e de amor!
Feliz! feliz mil vezes! Santa e pura
Virgem da soledade!
Tiveste o berço teu e a sepultura
Longe da triste e negra humanidade!
Os clamores fataes
Do mundo não soaram-te aos ouvidos;
A dôr, o engano, a lagrima, os gemidos
Teus sonhos matinaes
Respeitaram, creança! Só tiveste
Na terra que perdeste,
Onde brilhou da tua infancia a luz,
A palhoça querida que abrigou-te,
O seio maternal que acalentou-te
E os braços d'uma crúz.

Luiz Guimarães Junior.



O AMOR

No recanto doirado d'uma sala,
Comovido, eloquente, seductor,
Fala-lhe da paixão que o avassala:
Descreve-a, pinta-a com tamanho ardor,
Com tal febre lhe fala,
N'uma expressão tão poderosa e intensa
Que a noiva, palpitante de rubôr,
N'um êxtase, suspensa,
Olha-o sorrindo, longamente e pensa:
— «Pois é tudo isto, o amor?»

Casam por fim. Na alcova perfumada,
Impetuoso, bestial, dominador,
Cinge-a nos braços, loira e delicada,
Tão brutalmente como um cavador
Levanta ao ar a enxada:
E a pobre noiva, na revolta imensa,
De todo o seu pudor,
Devorando com lagrimas a ofensa,
Desiludida, tristemente, pensa:
— «Pois só isto, o amor?»

Julio Dantas.



A Caridade e a Justiça

No topo do Calvario erguia-se uma cruz,
E pregado sobre ella o corpo de Jesus.
Noite sinistra e má. Nuvens esverdeadas
Corriam pelo ar como grandes manadas
De bufalos. A lua ensanguentada e fria,
Triste como um soluço immenso de Maria,
Lançava sobre a cruz das coisas naturaes
A merencoria luz feita de brancos aís.
As arvores que outr'ora em dias de calor
Abrigaram Jesus, cheias de magua e dôr,
Sonhavam, na mudez herculea dos heróes.
Deixaram de cantar todos os rouxinoes.
Um silencio pesado amortalhava o mundo.
Unicamente ao longe o velho már profundo
Descantava, chorando, os psalmos da agonia.
Jesus, quasi a expirar, cheio de dôr, sorria.
Os abutres crueis pairavam lentamente
A farejar-lhe o corpo; ás vezes, de repente,
Uma nuvem toldava a face do luar,
E um clarão de gangrena, estranho, singular,
Lançava sob a cruz uns tons esverdeados.
Crucitavam ao longe os corvos esfaimados.
Mas passado um instante a lua branca e pura
Irrompia outra vez da grande nevoa escura,
E inundavam-se então as chagas de Jesus
Nas pulverisações balsamicas da luz.

No momento em que havia a grande escuridão,
Christo sentiu alguém approximar-se, e então
Olhou e viu surgir no horror das trevas mudas
O cobarde perfil sacrilego de Judas.

O traidor, contemplando o olhar do Nazareno,
Tão cheio de desdem, tão nobre, tão sereno,
Convulso de terror fugiu... Mas n'esse instante
Surgiu-lhe frente a frente um vulto de gigante,
Que bradou:

— E' chegado emfim o teu castigo! —
O traidor teve medo e balbuciou:

— Amigo,
Que pretendes de mim? dize, por quem esperas?
Quem és tu? —

— «O remorso, um caçador de feras,
Disse o gigante. Eu ando ha mais de seis mil annos
A caçar pelo mundo as almas dos tyranos,
Do traidor, do ladrão, do vil, do celerado;
E depois de as prender tenho-as encarcerado
Na enormissima jaula atroz da expiação.
E quando eu entro alli na immensa confusão,
De tigres, de leões, d'abutres, de chacaes
De rugidos febris e de gritos bestiaes,
Fica tudo a tremer, quieto de horror e de espanto.
Caim baixa a pupila e vae deitar-se a um canto.
E quando em summa algum dos monstros quer lutar
Azorrago-o co'a luz febril do meu olhar.
Dando-lhe um ponta-pé, como num cão mendigo.
Já sabes quem eu sou, Judas; anda commigo!»

Como um preso que quer comprar um carcereiro,
Judas tirou do manto a bolsa do dinheiro,
Dizendo-lhe:

— Aqui tens, e deixa-me partir... —
O gigante fitou-o e começou a rir.

— 99 —

Houve um grande silencio. O infame Iskariote,
Como um negro que vê a ponta d'um chicote,
Tremia. Finalmente, o vulto respondeu:

«Judas, podes guardar esse dinheiro: é teu
O oiro da traição pertence-lhe ao traidor,
Como o riso á innocencia e como o aroma á flôr.

Esse oiro é para ti o eterno pesadello.
Oh! guarda-o, guarda-o bem, que eu quero derretel-o,
E lançar-t'o depois, caustico, vivo, ardente,
Lançar-t'o gota a gota, inexoravelmente,
Em cima da consciencia, a putrida, a execravel!
Com elle hei de fundir a algema inquebrantavel,
A grilheta que a tua esqualida memoria
Trará, arrastará pelas galés da Historia,
Durante a eternidade illimitada e calma,
Essa bolsa que ahi tens é o cancro da tu'alma,
Já se agarrou a ti, ligou-se ao criminoso,
Como a lepra nojenta ao peito do leproso,
Como o iman ao ferro e o verme á podridão.
Não poderás jámais largal-a da tua mão!
E's traidor, assassino, hypocrita, perjuro;
A tua alma lançada em' cima d'um monturo
Faria nodoa. E's tudo o que ha de mais vil,
Desde o ventre do sapo á baba do reptil.
Sahe da existencial dize á sombra qué te acoite.
Monstro, procura a paz! verme, procura a noite!
Que o sol não veja mais um unico momento
O teu olhar obliquo e o teu perfil nojento.
Esse crime, bandido, é um crime que profana
Todas as grandes leis da consciencia humana,
Todas as grandes leis da vida universal.

Esconde-te na morte, assim como um chacal
No seu covil. Adeus, causas-me nojo e asco.
Deixo dentro de ti, Judas, o teu carrasco!
E's livre; adeus. Já brilha o astro matutino,
E eu, caçador feroz, cumprindo o meu destino,
Continuarei caçando os javalis nos mattos.»

E dito isto partiu a procurar Pilatos.

Vinha rompendo ao longe a fresca madrugada.
Judas, ficando só, metteu-se pela estrada,
Caminhando ligeiro, impávido, terrível,
Como um homem que leva um fim imprescriptível.
Uma idéa qualquer, heroica e sobranceira;
De repente estacou. Havia uma figueira
Projectando na estrada a larga sombra escura;
Judas, desenrolando a corda da cintura,
Subiu acima, atou-a a um ramo vigoroso,
Dando um laço á garganta. O seu olhar odioso
Tinha nesse momento um brilho diamantino,
Recto como um juiz, forte como um destino.

N'isto echoou através do negro céu profundo
A voz celestial de Jesus moribundo,
Que lhe disse:

— «Traidor, concedo-te o perdão.
Além de meu carrasco és ainda o meu irmão.
Pregaste-me na cruz; é o mesmo, fica em paz.
Eu costumo esquecer o mal que alguém me faz.
Eu tenho até prazer, bem vês, no sacrificio.
Não te cause remorso o meu atroz supplicio,
Estes golpes crueis, estas horriveis dôres.
As chagas para mim são outras tantas flôres!»

Biblioteca
de
Alfredo Mesquita

Judas fitou ao longe os cerros do calvario,
E erguendo-se viril, soberbo, extraordinario,
Exclamou:

— «Não acceito a tua compaixão.
A Justiça dos bons consiste no perdão.
Um justo não perdôa. A justiça á implacavel.
A minha acção é infame, hedionda, miseravel,
Preguei-te nessa-cruz, vendi-te aos pharizeus.
Pojs bem, sendo eu um! monstro e sendo tu um Deus,
Vais ver como esse monstro, ó pobre Christo nú,
E' maior do que Deus, mais justo do que tu:
A' tua caridade humanitaria e doce,
Eu prefiro o dever terrivel!»

E enforcou-se.

Guerra Junqueiro.



MISERIA

Senhora! sois mãe,
E mãe de Jesus.
— A fonte da luz,
A fonte do bem!
Doei-vos da triste,
Que assim se consome,
E apenas resiste
A's maguas que tem.
Sou mãe... tenho fome...
Meus filhos tambem!

João de Deus.

Santos Dumont

A Europa curvou-se ante o Brazil,
E clamou parabens, em meigo tom;
Brilhou lá no céu mais uma estrella:
— Apareceu Santos Dumont.

Salve Estrella da America do Sul,
Terra amada do indio audaz, guerreiro!
A maior gloria do seculo vinte,
E' Santos Dumont, um brasileiro!

O Brazil, cada vez mais poderoso,
Menos teme o rigor do vil bretão;
E' forte nos campos e nos mares,
E hoje nos ares com o seu balão.

A conquista do ar, que aspirava
A velha Europa, poderosa e viril,
Rompendo o véo que a occultava,
Quem ganhou foi o Brazil!

Por isso o Brazil, tão magestoso,
Do seculo tem a gloria principal:
Gerou no seu seio o grande heróe
Que hoje tem um renome universal.

Assignalou para o seculo vinte,
O heróe que assombrou o mundo infeiro:
Mais alto do que as nuvens, quasi Deus,
E' Santos Dumont — um brasileiro.

Eduardo das Neves.

CAPRICHIO

Não me falles agora. Estou doente,
muito nervosa, muito perturbada.
Pôz-me assim a alegria exaggerada
que mostras sempre ao pé de toda a gente.

Tenho confiança em ti; mas, de repente,
a tua distracção, talvez pensada,
crava em meu peito a garra envenenada,
e choro, e lucto, e soffro horripelmente.

Então, — vê tu em que incoherencia eu ando!
quizéra ver-te as lagrimas bailando
na expressão mais anciosa e succumbida!

Assim teria um prazer raro e dôce
eu, que para evitar-te uma fosse
era capaz de dar a minha vida!

Virginia Victorino.



O poeta e a fidalga

(RESPOSTA A MODINHA DO MESMO TITULO)

Tu dizes que eu te despréso,
Tu dizes que te aborreço,
Que dizes o que não mereço,
Hoje te quero provar:
Toda esta grande riqueza,
Que tu me accusas por ella,
Antes eu quero perdê-la,
Do que deixar de te amar.

Tu não sabes, nem conheces,
Quanto este peito te quer,
E poderás, se quizer,
Sentir o meu coração,
Como palpita ancioso,
Como de maguas suspira,
Aos trenos da tua lyra,
Ouvindo a tua canção.

Dizes que é grande a distancia,
Que nos separa na vida,
Pois tua imagem querida
A meu peito juntarei:
Quero viver na grandeza
Do teu brazão de poeta,
Como Camões, o athleta,
Serás num throno o meu rei.

Não julgues que o céu que sonho
Seja um com brilho de ouro;
Acho maior o thesouro
Da fronte de inspiração;
Antes despréso a riqueza
Que o aureo throno me deu,
Do que deixar de ser meu
Teu jovial coração.

Meu vulto passa dolente,
Frio de gelos polares...
Ai! não lamentos pezares,
Que eu te amo com fervor;
Nem mesmo a Venus de Milo
Amava assim um poeta;
Nem a linda Julieta
Teve a Romeu tanto amor.

Pouco vale a fidalguia...
Orgulho não quero ter,
Quero fruir um prazer,
Que me pede o coração!
Portanto, vem, meu poeta,
Não contes ser desprezado,
Que és o ente idolatrado
De toda a minha affeição.



A Morte da Águia

A bordo vinha uma águia. Era um presente
que um potentado, um certo rei do Oriente
mandava a outro: um mimo soberano.
Era uma águia real. Entre a sombria
grade da jaula o seu olhar luzia,
profundo e triste como o olhar humano.

Aos balanços do barco ella curvava,
ao niveo collo a fronte que scismava...
E enquanto as ondas turbidas gemiam
ao som do vento, em funebres lamentos,
ella pensava nos longinquos ventos
que do Hymalaja os pincares varriam.

Fôra uma infame e traiçoeira bala,
que do regio fuzil negra vassala,
invisivel — uma aza lhe partira,
cheia de luz, tranquilla, magestosa,
dobrando a fronte branca e poderosa
aos pés dum rei a águia real caíra.

Os bonzos vis, propheticos doutores,
sondando-lhe a ferida e as crúas dôres,
que um venenoso balsamo tentava
apaziguar em vão — diziam rindo:
« Não ha no mundo um exemplar mais lindo:
« Vale um imperio »! E a águia agonizava.

Um dia, enfim, o animal valente
resistindo aos martyrios, largamente,
respirou amplidão. A aza possante
abrir tentou de novo. Aberta estava
a jaula colossal que o esperava:
forçoso era partir. Desde esse instante,

A aguia sombria e muda e pensativa,
solemne martyr, vítima captiva,
terror dos vís e symbolo dos bravos,
pediu a morte a Deus, pediu-a anciosa,
longe, porém, da côrte vergonhosa,
desse covarde e baixo rei d'escravos.

Pediu a morte a Deus, o cataclysmo,
as convulsões electricas do abysmo,
as batalhas fínaes! Morrer num grito
vibrante, immenso, heroico, soberano,
e fremente rolar no azul do oceano
como um Titão caído do infinito.

Morrer livre, cercada de victorias,
com suas azas, pavilhão de glorias,
innundadas da luz que o sol espalha:
ter o fundo do mar por catacumba,
as orações do vento que retumba,
e as cambraias da espuma por mortalha.

Entanto, melancólica, tristonha,
como um gigante morbido que sonha,
fitava ás vezes o revoltó oceano,

com esse olhar nublado e delirante
com que saudava Cesar triumphante
o moribundo gladiador romano.

O commandante, um urso do mar bondoso,
disse um dia ao escravo rancoroso,
ao carcereiro estúpido, e inclemente:
— Leve-a ao convez. Verá que esse desmaio
basta para apagá-lo um brando raio
do largo sol no rúbido oriente.

Subiu então a jaula ao tombadilho;
do nato dia o purpurino brilho
salpicava de luz o céu nevado.
E a aguja, elevando a palpebra dormente,
abriu as azas ao clarão nascente
como as hastes de um leque illuminado.

O mar gemia, lóbrego e espumante,
açoitando o navio; além, distante,
nas vaporosas bordas do horizonte,
as matutinas nevoas que ondulavam
em suas varias curvas figuravam
os largos flancos triumphaes de um monte.

— Abra-lhe a porta da prisão — (ridente
o commandante disse) esta corrente
para conter-lhe o vôo é mais que forte:
voar! pobre infeliz! causa piedade!
dê-lhe um momento d'ar e liberdade,
único meio de a salvar da morte.

Quando a porta se abriu, como uma tromba,
como o invencível furacão que arromba
da tempestade as negras barricadas,
a aguja lançou por terra o escravo pasmo,
e, desprendendo um grito de sarcasmo,
moveu as longas azas espalmadas.

Paiou sobre o navio immensa e bella
como uma branca, uma isolada véla
a demandar um livre e novo mundo;
crescia o sol nas nuvens refulgentes,
e como um turbilhão d'aguas fermentes
zunia o vento na amplidão, profundo.

Ella luctou anciosa! Atra agonia
Suffocava-a. O escravo lhe estendia
os miseraveis e covardes braços;
nú, o oceano ao longe scintillava,
e a rainha do ar, em vão, buscava
onde pousar os grandes membros lassos.

Sobre o barco paiou ainda, e alçando,
alçando mais os vãos, e afagando
na luz do sol a fronte alvinente,
ébria de espaço, ébria de liberdade,
como um astro que cae da immensidade
afundou-se nas ondas de repente.

Luiz Guimarães.



Kremesse

Foi num dia de keremesse.
Depois de resá tres prece
Pr'a que os santo me ajudasse,
Deus quiz que nós se encontrasse
Pr'a que nós dois se queresse,
Pr'a que nós dois se gostasse.

Inté os sinos dizia
Na matriz da freguezia
Que embora o tempo corresse,
Que embora o tempo passasse,
Que nós sempre se queresse,
Que nós sempre se gostasse.

Um dia, na feira, eu disse
Com a voz cheia de meiguice
Nos teus ouvido, bem doce:
Rosinhã si eu te falasse...
Si eu te beijasse na face...
Tu me dá-se um beijo? — Dou-se.

E toda a vez que nos vemo,
A um só tempo preguntemo
Tu a mim, eu a vancê:
Quando é que nós se casemo,
Nós que tanto se querêmo,
Pr'o que esperemo? pr'o quê?

Vancê não falou commigo
E eu com vancê, pr'o castigo,
Deixei de falá tambem,
Mas, no decorré dos dia,
Vancê mais bem me queria
E eu mais te queria bem.

— Cabôco, vancê não presta,
Vancê tem ruga na testa,
Veneno no coração.
— Rosinha, vancêê me xinga,
Morde a surucucutingã
Mas fica o rasto no chão.

E de uma vez, (bem me alembrol)
Reste de safra.. Dezembro...
Os carro afundando o chão.
Veio um home da cidade
E ao Curuné Zé Trindade
Foi pedi a sua mão.

Peguei no meu cravinote
Dei quatro ou cinco pinote
Burricido como o quê,
Jurgando, antes não jurgasse,
Que tu de mim não gostasse,
Quando eu só amo a vancê.

Esperai outra keremesse
Que o seu vigario viesse
Pr'a que nós dois se casasse.

Mas Deus não quiz que assim sesse
Pr'o mais que nós se queresse,
Pr'o mais que nós se gostasse.

Olegario Marianno.



O Estudante Alsaciano

POESIA DRAMATICA

Antigamente a escola era risonha e franca:
Do velho professor as cans, a barba branca,
Infundiam respeito, impunham sympathia;
Modelando as feições do velho que sorria,
Era como creança em meio das creanças...
Como ao pombal correndo em bando as pombas mansas
Corriam para a escola; e nem sequer assomo
De aversão ou desgosto, ao ir para alli como
Quem vae para uma romaria. Ao começar o estudo,
Elles, sem um pezar abandonavam tudo,
E submissos, joviaes, nos bancos em fileiras
Iam todos sentar-se em frente das carteiras,
Attenta, gravemente — uns pequeninos sabios.
E o velho professor, tendo sempre nos labios
Uma phrase a animar aquelle bando imbelle,
La ensinando a este, ia emendando áquelle,
De manso, com carinho e paternal amor.
Por fim tudo mudou. Agora o professor,
Um grave pedagogo, é austero e conciso:
Nunca os labios lhe abriu a sombra de um sorriso,

E aos pequenos mudou em calabouço a escola...
Pobres aves sem dó mettidas na gaiola!
Lá dentro, hoje, o francez é lingua morta e muda;
Unicamente o allemão alli se fala e estuda,
São allemães, o mestre, os livros e a lição;
A Alsacia é allemã, o povo é allemão.
Como na propria patria é triste ser proscripto!
Frequentava tambem a escola um rapazito
De severo perfil, energico, expressivo,
Pallido, magro, o olhar intelligente e vivo,
Modesto no pensar, de luto carregado...
Pela patria talvez! Doze annos só teria!
O mestre d'uma vez chamou-o á geographia:
— «Dize-me, ó rapaz... Que é isto? estás de luto?
Quem te morreu?»

— «Meu pae, no ultimo reducto,
Em defeza da patria!

— «Ah! sim, bem sei, adeante...
Tu tens assim um ar de ser bom estudante..

Quaes são as principaes nações da Europa? Vá!»

— «As principaes, são... a França!..»

— «Hein! que é lá?

Com que então, a primeira a França? Bom começo!
De todas as nações, pateta, que eu conheço,
Aquella que mais vale, a que domina o mundo,
Nas grandes concepções e no saber profundo,
Em riqueza e esplendor, nas lettras e nas artes,
Que leva seu dominio ás mais remotas partes,

A mais nobre na paz, a mais forte na guerra,
D'onde irradia a sciencia a illuminar a terra,
A major, a mais bella, a que das mais desdenha,
Fica-o sabendo tu, rapaz, é a Allemanha!»

Elle sorriu com ar desprezador e altivo,
A cabeça agitou num gesto negativo,
E tornou com voz firme:

— «A França é a primeira!»

O mestre, furioso, ergue-se da cadeira;
Baté o pé, e uma praga energica lhe escapa:

— «Sabes onde está a França? Aponta-m'a no mappal»

O alumno ergue-se, então, os olhos fulgurantes,
O rosto afogueado. E enquanto os estudantes
Olham chejos de assombro aquelle destemido,
Ante o mestre, nervoso, audaz e commovido,
— Timido feito heróe, pygmeu feito athleta, —
Desaperta febril a sua blusa preta,
E batendo no peito, a impavida creança,
Exclama:

— «E' aqui dentro! aqui é que está a França!»



Lembrança de Mãe

Sonhos dourados de infantil aurora,
Que tive outr'ora, sem sentir amor,
Hoje findou-se toda a minha crença,
Desgraça immensa me prostrou na dôr.

Nasci nos campos, na choupana pobre,
Longe do nobre, longe de ilusões,
Mas o destino me esperava ancioso...
Hoje é forçoso soffrer mil paixões.

É triste a sorte, quando ainda creança,
Vai-se a esperança transformando em dor;
Quando se perde o premio desta vida,
A mãe querida, que é o mais santo amor.

A dôr é forte, horrorosa e dura.
Oh! desventura! minha mãe morreu?
Eu innocente, não sonhava tel-a,
Nem pude vê-la, para a conhecer.



A CARTA

A divina amorosa, reclinada
Sobre uma meza que um lilaz perfuma.
Ao seu amante escreve, enamorada,
Estas palavras ao correr da pluma:

« Como estou fatigada! Todo o dia
Andei n'uma continua dobadoira:
Tijm, era uma visita, e mal sahia,
Outra lhe vinha atraz, mais duradoira.

« Rosa e rosas, prendas, madrigaes,
Foi tudo uma perfeita inundação;
Os poetas enviaram-me os seus ais,
Um, n'uma quadra, o proprio coração.

« Meu tio de Lisboa, o mais querido,
Foi galante: mandou-me, que alma franca!
Um cheque de cem loiras, escondido
Sob uma aza d'uma rôla branca.

« Minha avósinha fez-me rir, coitada,
Mandou-me uns genealogicos papeis,
Com estas linhas: « Lembra-te, morgada,
De que descendes de barões, de reis.»

« Ralha sempre, e comtudo, que bondade!
Não ha pomba mais doce nos pombaes.
Quer um rei para mim, que ingenuidade!
Julga-se inda nos tempos medievaes!

« Minha boa mamã, bem commovida,
Toda em mim se revia, transportada
Ao tempo em que assim era estremecida,
E pelo santo, que a esposou, amada.

«Fiz pois annos. E quantos? Advinha.
Não sabes? Pois não tens' engenho e arte.
Sou menina de cóllo, creancinha:
Vê desde quando comecei a amar-te...

«Só tu não foste, meu grande urso, amavel!
Oh! vaes ter um castigo atroz, severo:
Ouve, escuta a sentença inexoravel:
«Não te amo, não te adoro, não te quero!»

Fechou a carta, e em breve adormecida,
Toda de branco se vestiu, sonhando.
Seja-lhe um sonho o decorrer da vida,
Um sonho cõr de rosa. ethéreo e brandol!

Assim adormecida, como é bella!
Mais branca do que um lirio que desmaia!
Anjós e seraphins, velae por ella!
Aves do amor, oh rouxinoes, cantae-a!

João Penha.

SEIOS

Curvas divinas, curvas de alabastro,
Abobadas celestes invertidas
Onde fulgura em cada polo um astro!

Zimborios de reconditas ermidas,
Doceis de misteriosa synagoga,
Aras divinas ante o amor erguidas!

Fontes da vida, onde se nutre e afoga
Seus primeiros vagidos, a criança;
Vagas sobre que a vida inteira voga!

Travesseiros de arminho onde descança
O terno amante a fronte fatigada
Na eterna lucta em que o labor o lança!

Cofres gentis de capa assetinada!
Que encerram dentro em si a paz e a guerra
E onde tanto mysterio se arrecada!

Escrinios onde o odio e o amor se encerra,
Montes de neve com vulcões no fundo,
A cujas vibrações se abala a terra!

Deus, formando a mulher, mytho profundo
Que o homem decifrar procura em vão,
Fez-lhe o symbolo de arbitra do mundo:

Dois hemispherios sobre o coração.

Accacio Antunes.

Meia Noite

Começaram as horas a cair;
Uma, duas... Virá? Vem, com' certeza.
E eu, commovida, assim como quem reza,
Cá vou contando as horas a sorrir.

E três, e quatro.. cinco.. E elle sem vir!
Se não vem, será prova de frieza?
Seis.. sete.. Não será! — Mas aqui presa,
Sem saber nada, sem poder sahir!..

Oito.. nove.. Mentiu. Onde estará?
Sinto passos. E' elle que vem lá!
Euganei-me... Não sei... Não é ninguem.

Dez.. onze... Mas meù Deus, tanta demora!
A minh'alma sucumbe, treme, chora...
Meia noite... Acabou-se! Já não vem.

Virginia Victorino.



Adoração

Vi o teu rosto lindo,
Esse rosto sem par;
Contemplei-o de longe mudo e quedo,
Como quem volta do aspero degredo
E vê ao ar subindo
O fumo do seu lar!

Vi esse olhar tocante,
De um fluido sem igual,
Suave como lampada sagrada,
Bemvindo como a luz da madrugada,
Que rompe ao navegante
Depois do temporal!

Vi esse corpo de neve,
Que parece que vae
Levado como o sol ou como a lua
Sem encontrar belleza egual á sua;
Magestoso e suave,
Que surprehende e attráe!

Attráe e não me atrevo
A contemplal-o bem;
Porque espalha o teu rosto uma luz santa,
Uma luz que me prende e que me encanta,
N'aquelle santo enlevo
De um filho em sua mãe!

Tremo, apenas presinto
A tua apparição;
E se me approximasse mais, bastava;
Pôr os olhos nos teus, ajoelhava!
Não é amor, que eu sinto,
E' uma adoração!

Que as azas previdentes
Do anjo tutelar

Te abriguem sempre á sombra pura!
A mim basta-me só esta ventura,
De ver que me consentes
Olhar de longe... olhar!

João de Deus.



Ao céo pedi uma estrella

LUNDU'

Ao céo pedi uma estrella,
á fonte, leve queixume,
á briza, doce caricia,
á flor, suave perfume.

A' noite negra, um mysterio,
ao mar, uma vaga azul;
ao sol, um raio brilhante,
aos ventos, um beijo do sul!

Reuni n'um só raminho
essas creações de Deus
para offerecer-te, creança,
no dia dos annos teus!!



A Rosa e o Sol

Dorme tranquilla, viçosa,
Pendida a frente, uma rosa,
Numa noite de verão:
E sobre ella as gotas limpidas
Do orvalho, que fulgura
Da lua na luz tão pura,
Dos beijos da noite são.

E ella dormindo tranquilla!
E não sabe que scintilla
A' luz pura do luar;
E a noite com seu silencio,
Beijando-a, dá-lhe vida...
Mas ella dorme esquecida
E não sabe o que é amar.

No céu o sol já desperta;
Esvai-se a noite, que aperta
Num beijo a rosa uma vez,
E chora mais uma lagrima
Sobre essa flor, que acordando,
Vendo-se bella, olvidando
Já está a noite talvez.

— O sol, oh! como elle é bello!
Diz a rosa, — como anhelos,
Se uma loucura não é,
Que um d'esses raios tão vividos,
De luz, de fogo, tão cheio
Me venha beijar o seio,
E luz e fogo me dê. —

Pobre noite! essa coitada
E' bem pouco, talvez nada,
P'ra a rosa que tanto amou;
Mas quando voltar e tática
Para a flor lançar os olhos,
Sómente verá abrolhos,
Que o mesmo sol a queimou.

D. João da Camara.



O FIEL

Na luz do seu olhar tão languido, tão doce,
Havia o quer que fosse
D'um intimo desgosto;
Era um cão ordinario, um pobre cão vadio,
Que não tinha coleira e não pagava imposto.
Acostumado ao vento e acostumado ao frio,
Percorria de noite os bairros da miséria
A' busca d'um jantar.

E ao vêr surgir da lua a pallidez etherea,
O velho cão uivava uma canção funerea,
Triste como a tristeza oceanica do mar.
Quando a chuva era grande e o frio era inclemente,
Elle ia-se abrigar ás vezes nos' portaes;
E mandando-o partir, partia humildemente
Com a resignação nos olhos virginaes.
Era tranquillo e bom como as pombinhas mansas;
Nunca ladrou d'um pobre á capa esfarrapada;
E, como não mordida as timidas creanças,
As creanças então corriam-no á pedrada.

Uma vez, casualmente, um misero pintor,
Um bohemio, um sonhador,
Encontrára na rua o solitario cão;
O artista era uma alma heroica e desgraçada,
Vivendo n'uma escura e pobre agua-furtada,
Onde sobrava o genio e onde faltava o pão.
Era desses que tem o rubro amor da gloria,
O grande amor fatal,
Que umas vezes conduz ás pômipas da victoria,
E que outras vezes leva ao quarto do hospital.

E ao vêr por sobre o lodo o magro cão plebeu,
Disse-lhe: — «O teu destino é quasi igual ao meu.
Eu sou, como tu és, um proletario roto,
Sem familia, sem mãe, sem casa, sem abrigo;
E quem sabe se em ti, ó velho cão de esgoto,
Eu não irei achar o meu primeiro amigo!..»

No céo azul brilhava a lua etherea e calma;
E do rafeiro vil no mysterioso olhar
Via-se o desespero e ancia d'uma alma
Que está encarcerada e sem poder falar.
O artista soube lêr n'aquelle olhar em braza
A eloquente mudez d'um grande coração:
E disse-me: — Fiel, partamos para casa;
Tu és o meu amigo eu sou o teu irmão.

E viveram depois assim por largos annos,
Companheiros leaes, heroicos puritanos,
Dividindo igualmente as privações e as dôres.
Quando o artista infeliz, exausto e miseravel,
Sentia esmorecer o genio inquebrantavel

Dos fortes luctadores;
Quando até lhe acudia ás vezes á lembrança
Partir com uma bala a derradeira esp'rança,
Pôr um ponto final no seu destino atroz;
Nesse instante do cão os olhos bons, serenos,
Murmuravam-lhe: Eu soffro, e a gente soffre menos
Quando se vê soffrer tambem alguém por nós.

Mas um dia a Fortuna, a deusa mïllionaria,
Entrou-lhe pelo quarto e disse alegremente:
«Um genio como tu vivendo como um pária,
Agrilhoado da fome, á lugubre corrente!
Eu devia fazer-te ha muito esta surpresa,
E devia ter vindo aqui p'ra te buscar;
Mas moravas tão alto; e digo-o com franqueza
Custava-me a subir até ao sexto andar.
Acompanha-me; a gloria ha de ajoelhar-te aos pés!»

E foi, e ao outro dia as boccas das Phrynés
Abriram para elle um riso encantador;
A gloria deslumbrante illuminou-lhe a vida,
Como bella alvorada esplendida nascida
A toques de clarim e a rufos de tambor!
Era feliz. O cão
Dormia na alcatifa á borda do seu leito,
E logo de manhan vinha beijar-lhe a mão,
Ganindo, com um ar alegre e satisfeito.

Mas, aíl o dono ingrato, o ingrato companheiro,
Mergulhado em paixões, em gosos, em delicias,
Já pouco tolerava as festivaes caricias
Do seu leal rafeiro.

Passou-se, mais um tempo: e o cão o desgraçado,
Já velho e no abandono,
Muitas vezes se viu batido e castigado
Pela simples razão de acompanhar o seu dono.

Como andava nojento e lhe cahira o pello,
Por fim o dono até sentia nojo ao vê-lo,
E mandava fechar-lhe a porta do salão.
Metteram-no depois n'um frio quarto escuro,
E davam-lhe a jantar um osso branco e duro,
Cuja carne servira aos dentes d'outro cão.

E elle como um roto, ignobil assassino,
Condemnado á enxovia, aos ferros, ás galés:
Se se punha a ganhar, chorando o seu destino,
Os criados brutaes davam-lhe pontapés.
Corrôera-lhe o corpo a negra lepra infame.
Quando exhibia ao sol as podridões obscenas,
Poisava-lhe no dorso o causticante enxame
Das moscas das grangrenas.

Até que um dia, enfim, sentindo-se morrer,
Disse: «Não morrerei' ainda sem o vêr;
A seus pés quero dar meu ultimo gemido...»
E arrastando-se quasi exausto, moribundo,
Metteu-se-lhe no quarto, assim como um bandido.
E o artista ao entrar viu o rafeiro immundo,
E bradou com violencia:

«Ainda por aqui o sordido animal!
E' preciso acabar com tanta impertinencia,
Que esta besta está podre e vai cheirando mal!

E, pousando-lhe a mão cariciosamente,
Disse-lhe com ar de muito bom amigo:
«O' meu pobre Fiel, tão velho e tão doente,
Ainda que te custe, anda d'ahi commigo.»

E partiram os dois. Tudo estava deserto,
A noite era sombria; o caes ficava perto;
E o velho condemnado, o pobre lazarento,
Cheio de immensas maguas,
Sentiu junto de si como um presentimento
O fundo soluçar monotono das aguas.

Comprehendeu enfim! Tinha chegado á beira
Da corrente. E o pintor,
Agarrando uma pedra atou-lh'a na colleira,
Friamente, cantando uma canção de amor.

E o rafeiro, sublime, impassivel, sereno,
Larçava o grande olhar ás negras trevas mudas
Com aquella amargura ideal do Nazareno
Recebendo na face o osculo de Judas.
Dizia para si: «E' o mesmo, pouco importa,
Cumprir o seu desejo é esse o meu dever;
Foi elle que me abriu um dia a sua porta;
Morrerei se lhe dou com isso algum prazer.

Depois subitamente
O artista arremessou o cão na agua fria.
E ao dar-lhe o pontapé cahiu-lhe na corrente
O gorro que trazia.
Era uma saudosa, adorada lembrança
Outr'ora concedida
Pela mais caprichosa e mais gentil criança,
Que amára como se ama uma só vez na vida.

E ao recolher a casa elle exclamava irado:
«E por causa do cão perdi o meu thesouro!
Andava bêm melhor se o tenho envenenado;
Maldito seja o cão! Dava montanhas d'ouro,
Dava a riqueza, a gloria, a existencia, o futuro,
Para tornar a vêr o precioso objecto,
Doce recordação d'aquelle amor tão puro.»
E deitou-se nervoso, allucinado, inquieto,
Não podia dormir.

Ao nascer da manhã o vivido clarão
Sentiu bater-á porta! Ergueu-se e foi abrir.
Recuou cheio de espanto; era Fiel, o cão,
Que voltava arquejante, exanime, encharcado,
A tremer e a uivar, no ultimo estertor,
Cahindo-lhe da bocca, ao tombar fulminado,
O gorro do pintor!

Guerra Junqueiro.



A LAGRIMA

POESIA DRAMATICA

Manhã de junho ardente. Uma encosta escavada,
Secca, deserta e núa, á beira d'uma estrada.

Terra ingrata, onde a urze a custo desabrocha,
Bebendo o sol, comendo o pó, mordendo a rocha.

Sobre uma folha hostile d'uma figueira brava,
Mendiga que se nutre a pedregulho e lava,

A aurora desprende, compassiva e divina,
Uma lagrima etherea, enorme e cristalina.

Lagrima tão ideal, tão limpida que, ao vê-la,
De perto era um diamante e de longe uma estrella.

Passa um rei com seu cortejo de espavento,
Elmos, lanças, clarins, trinta pendões ao vento.

— «No meu diadema, disse o rei, quedando a olhar,
Ha safiras sem conta e brilhantes sem par.

«Ha rubins orientaes, sangrentos e doirados,
Como beijos d'amor a arder, cristalisados.

«Ha perolas que são gottas de magua immensa,
Que a lua chora e verte e o mar gela e condensa...

«Pois brilhantes, rubins e perolas de Ophir
Tudo isso eu dou, e vem, ó lagrima, fulgir

«Nesta c'roa orgulhosa, olimpica, suprema,
Vendo o globo aos meus pés do alto do diadema!»

E a lagrima celeste, ingenua e luminosa,
Ouviu, sorriu, tremeu, e quedou silenciosa.

Couraçado de ferro epico e deslumbrante
Passa no seu ginete um cavalleiro andante.

E o cavalleiro diz á lagrima irisada:
«Vem brilhar, por Jesus, na cruz da minha espada.

«Far-te-hei relampejar de victoria em victoria!
Na terra santa, á luz da fé, ao sol da Gloria.

«E á volta ha de guardar-te a minha noiva, o astro,
Em seu collo aureal de rosa e de alabastro.

«E assim alumiarás com teu vivo esplendor
Mil combates de heroes e mil sonhos d'amor!»

E a lagrima celeste, ingenua e luminosa,
Ouviu, sorriu, tremeu, e ficou silenciosa.

Montado n'uma mula escura, de caminho,
Passa um velho judeu avarento e mesquinho.

Mulas de carga atraz levavam-lhe o thesoiro,
Grandes arcas de cedro abarrotadas d'ouro.

E o velhinho andrajoso e magro como um junco,
O craneo calvo, o olhar febril, o bico adunco,

Vendo a estrella, exclamou «Oh Deus, que maravilha,
Como ella resplandece e tremeluz e brilha!

«Com meu oiro em montão podiam-se comprar
Os imperios dos reis e os navios do mar.

«E por esse diamante esplendido trocará
Todo o meu oiro immenso a minha mão avara!»

E a lagrima celeste, ingenua e luminosa,
Ouviu, sorriu, tremeu, e ficou silenciosa.

Debaixo da figueira então um cardo agreste,
Já resequido, disse á lagrima celeste:

«A terra onde o lilaz e a balsamina medra
Para mim teve sempre um coração de pedra.

«Se a queixar-me, ergo ao céu os braços por acaso,
O céu manda-me em paga o fogo em que me abraso.

«Nunca junto de mim, ulcerado de espinhos,
Ouvi trinar, gorgear a musica dos ninhos.

«Nunca junto de mim ranchos de namoradas
Debandaram, cantando, em noites estrelladas...

«Vôa a ave no azul e passa longe o amor
Porque ail nunca dei sombra e nunca tive flôr!...

«O' lagrima de Deus, ó astro, ó gotta d'agua,
Cae na desolação d'esta infinita magoa!»

E a lagrima celeste, ingenua e luminosa,
Tremeu, tremeu, tremeu... e cahiu silenciosa!...

E algum tempo depois o triste cardo exangue,
Reverdecendo, dava uma flôr côr de sangue.

D'um roxo macerado e dorido e desfeito,
Como as chagas que tem Nosso Senhor no peito!...

E ao calix virginal da pobre flôr vermelha
Ia buscar, zumbindo, o mel doirado a abelha!...

Guerra Junqueiro.



A Locomotiva

Da penedia o dorso se espedaça,
Accelera-se o rio espavorido;
Abrem o seio escuro bipartida
A selva e o monte; o trem de ferro passa...

Sibila e corre a machina, esvoaça
Dos passaros o bando foragido..
Bufa o monstro, e do bojo ennegrecido
Golpha rolos de túrbida fumaça...

Rijo, forte e veloz; é uma ideia
Condesada em metal, em ferro espesso;
Não recúa, não cae, não titubeia!

E vôa e rasga o luminoso ingresso,
O ramo arterial, a grossa veia
Por onde corre o sangue do progresso!

Raymundo Corrêa.

◆◆◆

Aos heroes de 1640

Poesia do saudoso amador Carlos Filipe
Pereira, escripta expressamente para
ser recitada no **Gremio Dramatico
Gil Vicente**, no seu espectáculo com-
memorativo da **Restauração de Por-
tugal**, em 2 de Dezembro de 1899.

Sessenta annos havia
Qu'a mão brutal do estrangeiro
Lançara no captiveiro
O gigante Portugal.
Sessenta annos de martyrio,
Sessenta annos dia a dia,
Sessenta annos d'agonia
Como nunca houvera equal!

Qual leão adormecido
Que o caçador surprehende
Sem guerra ou lucta se rende
Ao poder que o dominou.

Mas os pezados grilhões
Não lh'os consente a altivez
E quer lançal-os aos pés
De quem captivo o tornou.

Ergue-se o povo indomavel
E a liberdade proclama
Ardendo no peito a chamma
Da lealdade e valor.
Despedaçam-se as algemas!
Já é livre Portugal,
Que mais do que a força val'
Da patria o sagrado amor!

Desperta do somno emfim!
O leão adormecido
E com seu rouco gemido
O céu e terra atroou!
Saudemos, pois, essa pleiade
D'heróes nunca derrotados,
De portuguezes ousados
Qu'a Portugal libertou..



O Fandanguassú

Cançoneta *cantada sempre com extraordinario agrado pelo actor Leonardo.*

Pela dança eu dou o cavaco
Desde o tempo de menino,
Se eu dêsse p'ra dansarino,
Já tinha feito carreira.
Isto em mim é de familia
E a prole não degenera:
Nas valsas meu pae foi coéra
Minha mãe foi **maxixetra!**

A' minha mãe eu sahi,
Por porque não ha nada
Que mais me enrabiche
Do que um lundú de massada
Com remechido de maxixe.
Hoje, até mesmo em salões
De muito espavento,
Bem claro se prova
Que o demonio d'esse invento
Não é só Cidade Nova.

O **maxixe** tem sciencia,
Ou pelo menos tem arte;
Requebra sómente em parte,
Em parte do corpo só.
Esse passo de **massidras**,
Que tem exquisita alcunha,
Nem é do siry sem unha,
Nem é do **jagotó.**

Tem segredos e quindins,
Levantam defuntos
E os vivos consomem,
Em vendo requebrar juntos
Agrada a mulher ao homem.

Ai! meu Deus, como isto é bom!
Como tem feitiço!
Aguenta seu Juca!
Gentes, seu bem, o que é isso?
Machuca os outros, nenê, machuca!

Augusto Fabregas.

◆◆◆

Desalento

MODINHA

Quando eu morrer, minha morte
Não lamente, caro amigo,
O sepulchro é o jazigo
Onde eu devo descançar,

A minha triste existencia
E' tão pesada e tão dura,
Que a pedra da sepultura
Já me não póde pesar.

Uma lagrima, um suspiro,
Eis quanto custa o morrer,
Custa-nos sempre o viver
Prantos, suspiros sem fim!

Que tormento fôra a vida
Se não fosse transitoria;
Não me risques da memoria,
Porém não chores por mim!

Enchem trevas o sepulchro,
Mas ninguém delle se queixa,
Quando o morto os olhos fecha,
Não quer luz, quer descansar.

Esse profundo silencio,
Aquelle extremo abandono,
Dão o mais tranquillo somno
Que não póde despertar.

Laurindo Rabello.



CINZAS

Um grande amôr em pouco se resume.
E o nosso como foi? Grande e pequeno,
Não durou mais que a sombra d'um perfume.
Foi mal e bem! Um balsamo e um veneno.

Restam-nos cinzas do que foi lume.
Ah, como eu lembro aquelle encanto ameno!
Se traduz um perdão cada queixume,
Como eu me sinto bem se te condemno!

Olhei, sorri... — Seria isto amôr? —
Não te pude fallar, perdi a côr,
E tu ficaste a olhar-me triste e mudo.

Amamo-nos. A prova está bem dada.
Era tudo este amôr, agora é nada.
E' nada agora, sendo ainda tudo.

Virginia Victorino.



ARRULHOS!..

Fado portuguez, cantado com enorme successo pela actriz Emilia de Oliveira, letra de Celestino Silva, musica do maestro Paschoal Pereira.

I

Debaixo d'um parreiral
Estava Arthur com Briolanja
E mais além n'um beiral
Dois pombinhos, por signal
Dos da bella raça archanja.

Bom Arthur apaixonado
Transbordando de ternura
Tendo Briolanja ao lado
Foi-lhe pondo descuidado
O braço pela cintura

E o pombo girando
Dizia arrulhando
Oh! pombinha bella
Fita o teu olhar
Repara como ella
Se deixa abraçar!

II

Phrases ternas amorosas
Disse Arthur a Briolanja
Comparou-se ás frescas rosas
A's camélias mais formosas
A' bella flor de laranja.

Impellido pelo desejo
Mais aperta a sua amada
E aproveitando o ensejo
Imprimiu-lhe ardente beijo
Na face pura e rosada.

E o pombo girando
Dizia arrulhando
Oh! pombinha bella
Fita o teu olhar
Repara como ella
Se deixa beijar!

III

Excitado p'la paixão
A' Briolanja o rapaz
Vai chegando ao coração.
E dizia o maganão
Não sei que mal isto faz...

Briolanja, ouvindo tal
Tinge as faces de rubor,
Mas entrega-se afinal
E houve então no parreiral
Um casamento de amor.

E o pombo girando
Dizia arrulhando
Oh! pombinha bella
Para os imitar
Façamos como ella
Vamos pois casar!

Oração ao pão

Num grão de trigo habita
Alma infinita.

Alma latente, incerta, obscura,
Mas que geme, que ri, que sonha, que murmura..

Quando a ceara é ceifada, acaso! o' grão
Terá dôr? Porque não?!

Um grão de trigo
Mil annos morto num jazigo,

Dêem-lhe terra e luz,
E eil-o germina e cresce e floresce e produz.

Vede lá, vede lá
Quanto no eirado o trigo soffrerá!

Pelo malho batido num' terreiro
Um dia inteiro!

E um dia inteiro, sem' piedade,
Coitadinho! rodado pela grade!

Depois a tulha celular,
A escuridão sem ar!

Depois, depois, oh negra sorte!
Entre rochedos triturado até á morte!

Oh pedras dos moinhos, mal sabeis
O que fazeis!

Quantos milhões de crimes por minuto,
Pedras de coração ferrenho e bruto!

E as aguas da levada vão cantando,
Em quanto as pedras duras vão matando!

E a moleirinha alegre tambem canta,
E ri a agua, e ri o sol e ri a planta!..

Enfarinhada, branca moleirinha,
E' pó de cemiterio essa farinha!..

Loiro trigo a expirar por nosso bem,
Sem um ai de ninguem!

Loiro trigo innocente,
Cuja morte horrorosa ninguem sente!

E é por isso que ao fim do teu martirio
E's côr de lua, és côr de neve, és côr de lírio!..

Bemdito sejas:-

Simples por nós viveste,
Puro por nós soffreste,
Martyr por nós morreste!

Bemdito sejas!

Perdeste a vida p'ra nos dar vida,
Foste a imolar p'ra nos salvar;

Bemdito sejas!

Bemdito sejas,
Trigo morto, cadaver fecundante,
Resuscitando em nós a cada instante

Bemdito sejas,
Bemdito sejas,
Bemdito sejas,

Trigo! corpo de Deus, — Pureza e Dor —
Nossa victima e nosso redemptor.

* * *

Com quantos grãos de trigo um pão se fez?
Dez mil talvez?

Dez mil almas, dez mil calvarios e agonias,
Todos os dias,

Para insuflar alentos n'alma impura
D'uma só creatura!

Homem, levanta a Deus o coração,
Ao vêr o pão.

Eil-o em cima da mesa do teu lar;
Olha a mesa: um altar!

Eil-o, o vigor dos braços teus,
O pão de Deus!

Eil-o, o sangue e a alegria,
Que teu peito robora e teu craneo alumia!

Eil-o, a fraternidade
Eil-o, a piedade,
Eil-o, a humildade,

Eil-o a concordia, a bemaventurança,
A paz em Deus, tranquilla e mansa!

Comer é comungar. Ajoelha, orando,
Em frente d'esse pão, ou duro ou brando.

Antes que o mordas, tigre carniceiro,
Ergue-o na luz, beija-o primeiro!

Depois devora! O pão é corpo e alma:
Em corpo e alma
O comerás,
Tigre voraz!

São dez mil almas, brancas, côr de lua,
Transmigando divinãs para a tua!

* * *

Sepultura do pão! bocca da humanidade!
Sob o infinito azul da imensidade,
Prega a verdade!

Boca harmoniosa, augusta voz da natureza,
Canta a belleza!

Boca divina, boca em flôr,
Verte o perdão, sorri á Dor, unge-a d'Amor!

Belleza, Amor, Verdade,
Eis a trindade!

Tres Deuses, juntos afinal
N'um só Deus imortal.

* * *

A humanidade é seara imensa em chão de areia,
Que Deus recolhe e Deus semeia.

E cada homem, quer o rei, quer o mendigo
E' na seára de Deus um grão trigo.

E a toda a hora, e todo o instante, ha milhões d'annos,
Searas sem fim de espiritos humanos

Brotam, florescem, crescem, são cortadas
E entre as mós do destino trituradas.

E eis a farinha ideal, o fermento de dor,
Que alimenta a Verdade, a Belleza, o Amor!

De maneira que vós, homens pigmeus,
Na terra sois o pão de Deus!

A vossa alma é a claridade
Que illumina a Verdade.

E' a hostia de luz, no mundo acesa
Pela Belleza

E' o nectario da roxa e dolorida flor
D'onde goteja o mel do Amor.

Homem!

Pela Verdade, intrepido e sereno,
Emborca a taça do veneno!

Pela Verdade inteira,
Dá o teu corpo ao barço, ao cutelo e á fogueira!

Pela Verdade sem pezar,
Teus filhos deixarás e deixarás teu lar!

Homem!

Pela Belleza socrosanta,
Adora e canta!

Pela Belleza, musica de Deus,
Une-te a Deus!

Pela Belleza ideal, ideal eucaristia,
Faz do universo Espirito e Harmonia!

Homem!

Dá pelo amor, ao triste e ao desvalido,
Teu coração, teu pão e teu vestido!

Pelo Amor, com teus labios virginaes
Beija lepras e cancos d'hospitaes!

Pelo Amor, pelo Amor, como Jesus,
Sorri á Dôr pregado n'uma cruz!

Belleza, Amor, Verdade,
Eis a Trindade,
Eia o Teu Deus.

Homem!

Vive por Deus!
Sofre por Deus!
Morre por Deus!

E bemdito serás na eterna paz,
Porque ao fechar os olhos teus,
Trigo de Deus, absorto em Deus descansarás!..

* * *

Oremus:

Trigo d'Abril, riso e verdura,
Dá-nos a Candura!

Trigo d'Agosto, oiro que alumia,
Dá-nos alegria!

Trigo da foice, trigo da grade,
Dá-nos a humildade!

Trigo da azenha, poeira de lirio!
Dá-nos o martirio!

Trigo do trigo, trigo da mesa,
Dá-nos o amor e a dôr, a paz e a fortaleza!

Trigo, dá-nos a Candura!
Dá-nos a alegria!
Dá-nos a humildade!
Dá-nos o martírio!
Dá-nos o amor e a dor, a paz e a fortaleza!

Dá-nos ao corpo tudo isto,
Dá-nos á alma tudo isto,
E faremos de nós o pão de Christo,
O pão de Deus, o pão do Bem,
O pão da Eterna Gloria, o pão dos pães, amem!

Guerra Junqueiro.



Sete annos!

Elle era um garotito... um homem pequenino,
Feliz de tudo e nada. Um riso crystallino
Nos labios a pairar.
O cabello em revolta, os olhos de alegrias
Traz sempre a transbordar... Contento ha quinze dias
Por saber assobiar...

Todos o conheceis... Despreza as raparigas.
Traz dentro da algibeira, em guitas, guisos, figas,
Uma carga pesada!...
Quando tem quatro sons, do mundo já é dono,
Ri de manhã á noite e dorme dum só somno.
Até de madrugada.

Brinquedos de criança ha poucos inventados.
Elle — como é vulgar — vae brincando aos soldados
Tal como nós brincamos.
Por instincto, o petis defende a patria terra
E faz, de brincadeira, imaginaria guerra
Aos que amaldiçoamos..

Mas eis que, um bello dia, irrompe pela aldeia.
Uma tropa inimiga. A praça fica cheia
De dragões e de hulanos.
Que a limpida Razão, venhas, Força, opprimir
Não é caso — ou será — para deixar de rir
Um petiz de sete annos.

Para um garoto assim tudo a brincar se presta,
A sua espingardinha, em ar de riso e festa.
Colloca em pontaria...
Eu juro que um francez, perante essa ameaça,
Teria, com certeza, a rir dessa chalaça,
Fingindo que fugia...

Mas vós, pondo uma nodea a mais nesta campanha,
— Acaso já não ha crianças na Allemmanha?
Para mostrar-vos fortes,
Contra essa arma de pau, por debeis mãos brandida,
Voltastes outras d'aço, ajuntando essa vida
A tantas outras mortes.

Si é certo, imperador, o crime que se conta,
Como ellas vão pesar, no ajustar da conta,
Que prestes se avizinha,

Como ellas vão pesar, quando sobre a balança,
Deitarmos em' silencio essa pobre criança
E a sua espingardinha!

M. Zamacois.



Como olvidar-te ?

Ai tu não sabes
como eu padeço!...
De ti, pensando,
jamais me esqueço.

E' longa a noite
do meu tormento,
porque tu vives
no pensamento.

Estribilho

Mas dize agora:
como olvidar-te,
se eu já não posso
deixar de amar-te!

Nada mais pode
roubar-me a calma,
porque este affecto
floresce n'alma!

Porque a saudade
que o estro inspira,
nas cordas geme
da minha lyra!

Os teus desprezos
não mais deploro,
porque não sabes
como eu te adoro.

Guardo no peito
que a dor consome,
gravado eterno
teu doce nome.

Catullo da Paixão Cearense.



O Lobo e o Cão magro

FABULA

A pequena distancia d'uma aldeia,
Um lobo encontra 'um' gôso,
E quér ferrar-lhe o dente..
O cão, manhoso,
E vendo a coisa feia,
Rabo entre pernas, diz-lhe humildemente:
«Peço perdão, mas Vossa Senhoria
Ou não vê bem do perto,

Ou vê decerto,
Em mim, pobre iguarial...
Eu sou o que se chama umj carga d'ossos!...
Vendido em qualquer talho,
Não valho
Dois tremoços!
Quer um conselho? Espere. Muito breve,
Meu dono casar deve;
Tempo de boda,
Tempo de fartura!
Faz-se gordura
Esta magresa toda!
Tal como sou não passo d'um lambiscol...
Emquanto que depois de uns dias ledos,
Não é por me gabar — mas... um petisco
Eu devo ser
De se lamber
Os dedos!

Deixe que eu tire o ventre de miséria
E venha, venha então!»
O lobo^o crê na léria...
E larga o cão!

Passam dias — e, muito cauteloso
Entra o lobo na aldeia,
A vêr se acha no gôso
melhor prêa,
Mas, em lugar seguro, o cão, velhaco:
«Por cá, meu caro? diz; — prazer sem par!
Dois dedos de cavaco
Eu e o guarda-portão te vamos dar.
Espera ahí portanto,
Abrimos-te o ferrôlho.»

Era o guarda-portão
um canzarrão
Capaz de estrangular um lobo emquanto
O demo esfrega um olho!
O lobo, ao vê-lo, diz, todo assustado:
«Senhor guarda-portão, um seu criado!...»
E as pernas poz em rapido exercicio!

Ora aqui está um lobo que, a meu vêr,
Mostrava não saber
Do seu officio!

Eduardo Garrido.



MORENA

Eu amo a gentil morena
bella, travêssa, elegante,
a fronte altiva e divina,
olhar vivo e penetrante.

Estribilho

Si fizeres n'um momento
mil peccados commetter,
pensa em tua formosura,
que me faz enlouquecer.

Esses teus cabellos pretos,
esses olhos scintillantes,
fascinam, matam de amores...
são martyrios dos amantes.

No teu rosto, moreninha,
nos teus labios purpurinos,
eu vejo brotar as flôres
dos teus sorrisos divinos.

Eu quero ver-te sorrindo,
sempre bella e linda assim,
com teus olhos captivantes,
com teus labios de carmim.

Geraldo de Magalhães.



A NOITE

MUSICA DA MODINHA — «AS ONDAS SÃO ANJOS
QUE DORMEM NO MAR»

Vem ver como a noite saudosa desliza,
por entre o silencio que falla tambem!
Escuta o meu canto, que a dôr sonora...
que eleva-se aos astros, sumindo-se além!

Acorda a natura, dolente embalada
nas notas sentidas da minha canção!
A lua, que escuta, de dôr contristada,
parece chamar-te da etherea amplidão.

Eu canto ao silencio, nas trovas pungentes
que a dôr exacerbam, meu fundo penar!
Só tu não me escutas as maguas cadentes,
que as minhas saudades estão a cantar.

Repara! As estrellas de lucida chamma
sómente p'ra vêr-te descerram seus véos
A lua seus raios silentes derrama!...
saudosa, te acclama das plagas dos céos.

Desperta!... são horas!... Não vejo uma estrella
que possa em minh'alam seus raios verter!
Desperta que a noite vai calma e tão bella
que as maguas se mudam n'um doce prazer!



Virgens mortas

Quando uma virgem morre, uma estrella apparece
Nova, no velho engaste azul do firmamento,
E a alma da que morreu de momento a momento
Na luz da que nasceu palpita e resplandece.

O' vós, que, no silencio e no recolhimento
Do campo, conversaes a sós quando anoitece,
Cuidado! o que dizeis, como um rumor de prece,
Vae sussurrar no ceo, levado pelo vento...

Namorados, que andaes com a bocca transbordando,
De beijos, perturbando o campo socegado
E o casto coração das flores inflammado;

Piedade! ellas, vêem entre as noites escuras...
Piedade! esse impudor offende o olhar gelado,
Das que viveram sós, das que morreram puras!

Olavo Bilac.



A mulher é um diabo de saias

MUSICA DO «SEU ANASTACIO CHEGOU DE VIAGEM».

A mulher é um diabo de saia,
que nasceu para os homens tentar!
E' perversa, é maldosa, e tem labia,
que nos faz a cabeça girar.

Sob as manhas de arteria amestrada,
com seu modo sereno e pacato,
tem as unhas tão bem afiadas,
que faria inveja ás do gato.

Si em solteira a mulher é de força
quando casa mais facil nos logra!
mas, nem mesmo o diabo lhe escapa,
si ella chega a ter nome de sogra!

Si o marido — esse pobre pateta —
não a engrossa de noite e de dia,
ella finge uns ciumes grottescos,
e põe tudo em medonha arrelia!

Vendo o homem que a bicha esbraveja,
que o seu nome na honra periga,
o remedio que tem é vestir-se,
e ir sabindo, sem mais, de barriga.

Si, porém, o marido, mais calmo,
vai falar-lhe de amor, de paixão,
ella diz que se deixe de agrados
e que bote p'ra casa o feijão.

Não tem alma a mulher, meus amigos!
vêde aquella de olhar meigo e atro!
se lhe acolhes um riso fingido,
amanhã 'stás andando de quatro!

Um conselho: fugi da serpente,
que o basbaque sómente venera!
mas, si queres á força uma esposa,
vai buscar no deserto uma fera.



O canto do Cysne

MODINHA

Quando eu morrer, não chorem minha morte,
Entreguem o meu corpo á sepultura,
Pobre, sem pompa; sejam-lhe a mortalha
Os andrajos que deu-me a desventura.

Não se insulte o sepulchro, apresentando,
Um rico funeral de aspecto nobre;
Como agora a zombar me dizem vivo
Porém morto dizer-me: ahí vae um pobre.

Dos amigos hypocritas não quero
Publicas provas de affeição fingida,
Deixem-me morto só, como deixaram-me,
Luctar só contra a sorte toda a vida.

Outros prantos, não quero que não seja
Esse pranto de fel amargurado
De minha companheira de infortunio,
Que me adora apesar de desgraçado.

O pranto assucena de minha alma,
Do coração sincero, d'alma sã,
De um anjo que tambem sente os seus males
De uma virgem que adoro como irmã.

Tenho um jovem amigo, tambem quero
Que junto minha eça os prantos seus
Aos de um pobre ancião, que perfilhou-me
Quando a filha entregou-me aos pés de Deus.

Dos meus todos eu sei que terei preces,
Saudade e lagrimas tambem,
Que eu não tenho lembrança de offendel-os
E sei quanta amizade elles me têm.

E tranquillo, meu Deus, a vós me entrego
Peccador de mil culpas carregado;
Mas os prantos dos meus, perdão vos pedem
E o muito que tambem tenho chorado.

Laurindo Rebello.



Ao rebentar das seivas

Vem depressa, ó primavera,
Que estamos á tua espera!
Vejo dispostos os teares
E armados os bastidores
Que são para tu bordares
A oiro do sol e a cores,
Charnecas, varzeas, pomares,
Arvores novas e velhas,
De folhas verdes e flores,
Que dão o mel ás abelhas
E a alegria aos lavradores...
Vem depressa, ó primavera,
Que estamos á tua espera.

A. de Macedo Papança.

O somno de um anjo

Quando ella dorme, como dorme a estrella,
Nos vapores da tímida alvorada,
E a sua doce fronte extasiada,
Mais perfeita que um lyrio, e tão singella.

Tão serena, tão lucida, tão bella,
Como dos anjos a cabeça amada,
Repousa na cambraia perfumada,
Eu vélo absorto o casto somno d'ella.

E rogo a Deus, emquanto a estrella brilha,
Deus que protege a planta e a flôr obscura
E nos indica do futuro a trilha.

Deus, por quem toda a criação se humilha,
Que tenha pena d'essa creatura,
D'esse botão de flôr — que é minha filha.

Luiz Guimarães.

—  —

DE LUTO

Sempre fechada, sempre triste! apenas
Assomando á janella, quando ha chuva...
Bem se vê que és sósinha, que és viuva
E te minam a alma grandes penas!

Mas ouve, a vida foge, a vida vóa!
E' como a onda da seara a vida!
Eras feliz, ditosa, eras querida?
Ha quem te queira ainda e se condôa.

Homens não digo: Deus, a natureza,
O campo, as flôres, essa praia, as ondas!...
Não te enterres em vida, não te escondas!
E's moça, tens encantos, tens' belleza!

Podes amar ainda e ser amada;
Amada e mais feliz talvez, quem sabe?
Bem é que a noite da tua alma acabe,
E a reânime a luz da madrugada!

A madrugada que no proprio inverno
Sacode o pranto que mergulha as flôres!
Tens chorado de mais! Novos amores!..
Só o amor é n'este mundo eterno!

João de Deus.

O Martyr do Calvario

QUADRO IX

(*Monologo de Judas*)

Consciencia infame que a dormir ficaste
Quando a traição eu meditei covarde,
Porque é que só agora despertaste,
Se para o crime afugentar é tarde?
Do fundo abysmo já me encontro á beira...
Lançam-me os homens um olhar que aterra!
Commigo em guerra estão! Commigo em guerra
Eu guido estar a natureza inteira!

Tremem, ao vêr-me, os animaes ferozes...
As aves, loucas, pelo espaço vôam!
Os écos, meus ouvidos atordoam,
Chamando-me traidor em roucas vozes!
O horror que aos mais infundo, em mim provoço;
Da minha sombra até fujo e me espanto,
E tudo quanto vejo ou oiço ou toco
E' para mim, sem vida, sem encanto!
Quanto me cerca me olha de revez...
Em furacões bravissimos, violentos,
A furia, contra mim, soltam os ventos!
O solo quejma em que eu assento os pés!

N'um mar de sangue vejo transmudada
Da ridente campina a verde alfombra,
E, em toda a parte, de Jesus a sombra,
Ante os meus olhos se apresenta irada
E só eu vou ficar, bem só no mundo!

Cruel destino mas justo castigo,
Sem lar, sem pão, talvez... sem peito amigo!
A consolar-me no pezar profundo!
Do remorso no horrivel soffrimento,

O fogo a devorar-me o coração,
Verei fugir meu derradeiro alento.

Aos céos, embalde envio os meus gemidos...
Embalde o seu perdão obter procuro,
Que a supplica de um vil, a Deus perjuro,
Nunca pôde chegar aos seus ouvidos!
Perdão jámais terei, que o não mereço!
Acabe, pois, na terra, o meu supplicio!

(Tirando a corda que tem atada á tunica.)

Cordã, tira-me a vida que aborreço,
Conduz-me depressa ao precipicio...
Fujamos, sim; fujamos d'este mundo,
E o corpo do traidor ao fogo eterno!
Luzbell! Surge do barathro profundo,
Vem minha'alma buscar, ó rei do inferno!

(Enforca-se).

Eduardo Garrido.



NATAL

Jesus nasceu. Na abobada infinita
Soam canticos, vivas de alegria;
E toda a vida universal palpita
Dentro daquella pobre estrebaria...

Não houve sedas, nem setins, nem rendas
No berço humilde em que nasceu Jesus...
Mas os pobres trouxeram offerendas
Para quem tinha de morrer na cruz.

Sobre a palha, risonho, e illuminado
Pelo luar dos olhos de Maria,
Vêde o Menino-Deus, que está cercado
Dos animaes da pobre estrebaria.

Não nasceu entre pompas reluzentes;
Na humildade e na paz deste logar,
Assim que abriu os olhos innocentes
Foi para os pobres seu primeiro olhar.

No emtanto, os reis da terra, peccadores,
Seguindo a estrella que ao presepe os guia,
Vêm cobrir de perfumes e de flores
O chão daquella pobre estrebaria.

Sobem hymnos de amor ao céu profundo;
Homens, Jesus nasceu! Natal! Natal!
Sobre esta palha está quem salva o mundo,
Quem ama os fracos, quem perdôa o mal.

Natal! Natal! Em toda a natureza
Ha sorrisos e cantos, neste dia...
Salve Deus da humildade e da pobreza,
Nascido numa pobre estrebaria.

Olavo Bilac

LINDA !

Lá vae a noiva... Como vae linda!
Toda de branco... véo transparente;
— Não vás á egreja, que é cedo ainda...
Aguarda o noivo que está auzente.

O noivo... Ai triste!... triste noviado!
Em volta d'ella tudo a chorar...
Que linda santa! Rosto adorado!
Tragam-lhe flores p'ra o seu altar!

Grinalda branca nos seus cabellos,
Branco vestido, nevado véo...
Como vae linda! Quantos desvellos
P'ra sua festa... que é lá no Céu!

Na despedida — soluços tantos...
E ella dormindo sem responder...
Lá muito ao longe — lamentos, prantos!
Era o seu noivo, que a qu'ria ver...

Ail tanto affecto que lhe elle tinha,
Noiva adorada dos sonhos seus!...
Martyr sem culpa, noiva santinha,
Pede por elle — junto de Deus!

Cortejo estranho! ardem os cyrios,
As flor's em ondas cobrem-lhe os pés.†.
Vicejam rosas, choram mysterios,
E ella dormindo!... Sonha talvez.

Talvez, quem sabe? n'um sonho alado,
Seu puro espirito o esteja a vêr...
A sorrir triste para o noivo amado,
Meiga, a jurar-lhe, — nunca o esquecer!

Segue o cortejo! Como vae bella!
Para que a roubam ao seu amor?
Onde vae ella? Onde vae ella?
Toda de branco... pallida flôr...

Do alto a chamam' vozes saudosas,
Divina aurora lhe amanheceu...
Ail Não a acordem! Lancem-lhe rosas...
Noivas dos anjos... Vae para o céol

Antonio X. de Souza Cordeiro.



Perdão Emilia

Já tudo dorme, vem a noite em meio,
a turva lua vem surgindo além,
tudo é silencio, só se vê na campa
piar o mocho no cruel desdem.

Depois um vulto de roupagem preta,
no cemiterio com vagar entrou:
junto ao sepulchro se curvando, ámeio,
com tristes phrases, nesta voz falou:

«Perdão, Emilia, se roubei-te a vida,
se fui impuro, fui cruel, ousado!
perdão, Emilia, se manchei teus labios
perdão, Emilia, para um desgraçado...»

«Monstro tyranno, p'ra que vens agora
lembrar-me as maguas que por ti passei,
lá nesse mundo, em que vivi chorando,
desde esse instante em que te vi e ameí?!

Chegou a hora de tomar vingança,
mas tu, ingrato, não terás perdão!
Deus não perdôa as tuas culpas todas...
castigo justo tu terás então.

Perdi as flôres da capella virgem,
cedi ao crime, que perdão não tinha,
mas tu manchaste a minha vida honesta,
depois zombaste da fraqueza minha!

Ái, quantas vezes, a meus pés curvado,
davas-me prova de teu puro amor!
quando eu julgava que tu fosses anjo,
não via fundo nesse olhar traidor..»

Mas eis que um corpo, resvelando á terra,
tombou de chofre sobre a pedra fria,
e quando a aurora despontou, na lousa
um corpo inerte a dormir se via.



Como eu te adoro

(ROSA DO SERTÃO)

Como eu te adoro seductora virgem,
nesta vertigem, que me faz soffrer,
com este affecto que me opprime em dôres,
castos amores que não pódes vêr.

Estribilho

Ai!
Como és formosa,
ó linda rosa
lá do sertão!
Ai, quem me dera
na primavera
dar-te os orvalhos
do abraço.

Se o triste peito tu sondar púdesse,
nelle viesses vêr a minha dôr,
logo verias porque assim te adoro,
porque eu te choro, melindrosa flor.

Mas tu me foges como um vão suspiro
que este retiro faz por ti soltar!
Assim não posso te dizer que vivo,
sempre captivo de teu mago olhar!

Mas, se algum dia, no final delirio,
este martyrio rematar aqui,
lembra-te sempre que vivi pensando,
morri te amando, meditando em ti!

Salve Rainha

« Salve Rainha »,
Vida e doçura,
Risonha e pura
Virgem do amor!
Virgem que trazes
O allivio santo
Ao nosso pranto.
A nossa dôr.

Ninguem existe
Que não te adore,
E orando, implore
A graça e a luz..

Luz de esperança,
Serena e doce,
Que á vida trouxe
O teu Jesus!

Tu és a aurora
Que escende os brilhos
Na alma dos filhos,
No amor dos paes...
E que transformas
Em risos e flôres,
— As nossas dôres
— Os nossos ais!

« Salve Rainha »,
Doce esperança,
Luz de alliança
Da terra e céos!
Mãe dos que soffrem,
Desamparados,
Dos desgraçados,
E Mãe de Deus!

J. Augusto de Castro.



TRISTEZA

Nos dias de tristeza, quando alguém
nos pergunta baixinho o que é que temos,
às vezes nem sequer lhe respondemos:
faz-nos mal a pergunta em vez de bem.

Nos dias dolorosos e supremos,
sabe-se lá d'onde a tristeza vem!
Calâmo-nos. Pedimos que ninguém
pergunte pelo mal de que soffremos.

Mas quem está livre de contradições?
Quem pode ler nos nossos corações?
Oh! mysterio, que em toda a parte existes!

Pois haverá desgosto mais profundo
do que este de não se ter no mundo
que nos pergunte porque estamos tristes?

Virginia Victorino.

Beijo na face

Beijo na face
Pede-se e dá-se;
Dá?
Que custa um beijo?
Não tenha pejo;
Vá!

Um beijo é culpa,
Que se desculpa:
Dá?
A borboleta
Beija a violeta:
Vá!

Um beijo é graça,
Que a mais não passa:
Dá?
Teme que a tente?
E' innocente...
Vá!

Guardo segredo,
Não tenha medo...
Vê?
Dê-me um beijinho
Dê de mansinho,
Dê!

Como elle é doce!
Como elle trouxe
Flôr,
Paz a meu seio!
Saciar-me veio,
Amor!

Saciar-me? louco...
Um é tão pouco,
Flôr!

Deixa, concede
Que eu mate a sede.
Amor!

Talvez te leve
O vento em breve,
Flôr!
A vida foge,
A vida é hoje,
Amor!

Guardo segredo
Não tenhas medo
Pois!
Um mais na face,
E a mais não passes...
Dois...

Oh! dois piedade!
Coisas tão boas...
Vês?
Quantas pessoas
Tem a Trindade?
Três!

Três é a conta
Certinha e justa...
Vês?
E que te custa?
Não sejas tonta!
Três!

Três, sim: não cuides
Que te desgraças:
Vês?
Três são as graças,
Três as virtudes;
Três.

As folhas santas
Que o lyrio fecham,
Vês?
E não o deixam
Manchar, são... quantas?
Três!

João de Deus.

(Musica de H. Vargas).

A preta mina

(XISTO BAHIA)

Eu tenho uma namorada,
que é mesmo uma papafina,
lá na praça do Mercado...
Digo logo: é preta mina.

Estribilho

Laranja, banana,
maçã, cambucá,
eu tenho de graça
que a preta me dá.

Em noite de frio,
da que ella mais gosta,
me estende por cima
seu panno da costa.

Mas quando ao longe me vê
Grita logo; Acugelê,
Vem cá, dengoso, vem cá
E diz-me ao ouvido
Acubabá!

Certo dia um senador
quíz fazer-se de bonito...
Mas a preta, que é só minha,
foi-lhe ás ventas c'um palmito.

Carurú apimentado,
que ella faz com tanto geito,
dá-me, ás vezes, tão sómente
para me vêr satisfeito.

PERDÃO

Perdão, Senhor, meu Deus, minh'alma sente,
e não pode deixar de não sentir!
Se eu disser que eu não sinto, eu sinto sempre;
é melhor confessar do que mentir.

Eu sinto e sinto tanto, que não posso
minha dôr, meu soffrer aniquilar!
Já não pode a razão salvar-me agora...
Quer o fado que eu ame, eu hei de amar.

E' meu fado adoral-a! Amor cegou-me,
e o cégo é sempre cégo em face á luz!
O amor nos vem de Deus, e Deus protege
quem carrega, a soffrer, tão santa cruz!

Eu vejo na mulher pura, innocente,
o que ha de mais bello a conceber!
Se o amor da mulher não vence o homem,
não existe na terra outro poder.

Chiquinha

Chiquinha, si eu te pedisse
de modo que ninguem visse,
um beijo, tu m'o negavas?
— Ai davas... Ai davas!

Um dia eu te divisando
na varanda costurando,
me recebeste sorrindo!
— Bem vindo! Bem vindo!

Beije o teu pé pequeno,
teu lindo rosto moreno
o rubro dos labios teus!
— Meu Deus! Meu Deus!

Se teu pae não fôr beocio,
descobre o nosso negocio!
E vae buscar mão da lei!...
— Bem sei! Bem sei!

Casar é febre que assusta
que horrivelmente me custa!
Fujamos já, sem demora...
Agora! Agora!

Depois de tantas venturas,
das mais subidas ternuras,
que havemos nós de fazer?
— Morrer? Morrer?

Se teu pae não fôr beocio,
descobre o nosso negocio...
Que havemos de decidir!
— Fugir! Fugir!



A' Virgem Santissima

Num sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizível anciedade,
E' que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade,
Era outra luz, era outra suavidade
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só de perdão, só de ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

O' visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Anthero de Quental.



Muito pedir

— Dá-me esse jasmim de cêra,
Minha flôr?
« Mas e depois se lh'o dera,
Meu senhor?

— Depois era uma lembrança
«Mas de quê?
— De uma tão linda creança,
Já se vê.

«Oh! tão linda! Mas parece,
Sendo assim,
Que inda quando lhe não dêsse
Tal jasmim!..

— Não me esquecia por certo.
«Nunca já?
— Nunca. «Nunca é muito incerto,
Mas... vá lá.

— E a rosa que bem lhe fica?
Dá-m'a, flôr?
«Oh! a rosa, a rosa pica,
Meu senhor!

João de Deus.



A Canção do Africano

(A João de Azevedo)

Martha, meu amor,
Ouve o teu cantor!

Ai, como eu sei te amar,
e sei querer!
Ai, como é triste andar
a padecer,
Longe dos meus, do lar,
e não te vêr,
ao lado meu feliz!

Martha, meu amor,
Ouve o teu cantor!

Não sinto o negro crime
da escravidão,
nem quanto **Zambi**¹ exprime
de maldição,
mas sinto a dôr que opprime
meu coração,
ao me lembrar de ti.

Martha, meu amor,
Ouve o teu cantor!

Eu choro o meu destino,
o lado meu,
vagando aqui sem tino,

¹ Deus.

porque morreu
aquelle **innan** ² divino
que, ao lado teu,
me fez da terra um céo!

Martha, meu amor,
Ouve o teu cantor!

Eu sinto acerbo espinho
ferir-me aqui,
longe do **inzó** ³ o ninho
em que eu nasci,
longe do teu carinho,
longe de ti,
longe da patria... oh, dôr!

Martha, meu amor,
Ouve o teu cantor!

Quando o luar prateia
a solidão,
e o **banzo** ⁴ atroz golpeia
meu coração,
meu **xoqueré** ⁵ aneia
n'uma afflicção
que só entende o mar!

Martha, meu amor,
ouve o teu cantor!

2 Amor.
3 Choça.
4 '
5

Minha Jupá é tão bella,
de almo scismar,
a minha dôr revela,
o meu pensar,
quando pensando n'ella,
vens relembrar
o meu primeiro amor!

Martha, meu amor,
ouve o teu cantor!

Ai, Congo meu fagueiro,
tempo feliz!
Ai, meu amor primeiro,
que bem te quiz!
Eu beijo prazenteiro,
a cicatriz,
d'esta saudade atroz!

Martha, meu amor,
ouve o teu cantor!

Astro do céu nublado,
porque choras?
Ai, peito meu, cançado,
cala teus ais!
Meu coração maguado,
não chores mais
que ella é feliz... talvez!

ESTRIBILHO

Acolhe, ó patria amada,
os filhos teus!

Adeus, Martha adorada
ó Martha adeus!
Na **cungã** 7 idolatrada
nos cantos meus,
tu has de ser sempre lembrada!...
ó minha Martha! Adeus!...

OS VELHOS

Quando eu fôr muito velho e tu velhinho fôres
E teus lindos cabellos estiverem brancos já,
No teu jardim florido, em maio, mez de amores
Iremos assentar-nos ao pé de Baobá.
A primavera em flôr virá reacende
O folo e o calor dos jovens amorosos,
E tremulos, a rir, verás ainda volver,
Passados tantos annos, os dias venturosos.
Estou certo de encontrar ainda esses fulgôres
No teu languido olhar, olhar como não ha,
Quando eu fôr muito velho e tu velhinha fôres
E teus lindos cabellos 'estiverem' brancos já.

Sob o nodoso tronco, alfombra viridente,
No sitio em que eu e tu nos iamos sentar,
O Baobá gigante ainda discretamente
Alguma vez então nos ha de vêr beijar.

Quantas vezes outr'ora eu te jurei sentidas
Mil coisas que depois ali recordaremos!
Pequenas ninharias, illusões queridas
De dias que lá vão, de tempos que perdemos.
Em noites outomnaes e d'um fulgôr esplendente
Um raio de luar ha de ir-nos oscular
Sob o nodoso tronco, alfombra viridente
No sitio em que eu e tu nos iamos sentar.

E como cada dia eu te amo mais ainda,
Porque hoje mais que então, bem menos que amanhã,
Que importarão os annos, essa ventura infinda
A vida tornará alegre e folgazã.
A pratica do bem, consolação suprema
Dos justos e dos bons, será nossa divisa.
O balsamo melhor, que até á hora extrema
A mais intima dôr que acalma e suavisa.
E embora muito velha, ainda serás linda
Com teus bandós de neve, sorridente e louçã,
E assim eu hei de amar-te, e mais, e mais ainda
Porque hoje mais que então, bem menos que amanhã.

E d'esse casto amor, que passa como um sonho,
Desejo conservar o aroma subtil,
Do lirio virginal, suavissimo, risonho,
Que nasceu no fragôr de uma manhã de abril.
Aspiro o que vem d'elle, com sofrega avareza,
Para o poder guardar para os meus velhos dias
Serei então senhor de colossal riqueza,
D'um immenso tesouro, infindo em alegrias;
Se um dia o vendaval do sul negro e tristonho,
Ele arrojar o baixel a um pélago vil,
Viverei d'esse amor, quinta essencia do sonho,
De que guardarei o aroma subtil.

Quando eu fôr muito velho, e tu velhinha fôres,
E teus lindos cabelos estiverem já nevados,
Pelos campos floridos, em' maio, mez de amores,
Iremos passear á margem dos valados.

A primavera em flôr virá reacender
O fogo e o calor dos jovens amorosos,
E tremulos, a rir, verás ainda volver,
Passados tantos annos, os dias venturosos.
Estou certo de encontrar ainda esses fulgôres
Nos seus languidos olhos, olhos incomparados,
Quando eu fôr muito velho e tu velhinho fôres
E teus lindos cabellos estiverem já nevados.

Rosemond de Rostand.

Trad.



BORBOLETA

Borboleta, meus encantos,
mimoso insecto, onde vaes?
Vaes á patria dos amores
ver as fontes de crystaes?
Has de ver a minha Elvira
entre as flores de coraes!

Vae contar-lhe as minhas dores,
meus affectos immortaes!
Minha c'roa de martyrios,
meus suspiros e meus ais!
Has de ver a minha Elvira
entre as flores de coraes!

Vem dizer-me se ella guarda
suas juras tão leaes,
ou se adora um outro amante,
de mais louros triumphaes!
Has de ver a minha Elvira
entre as flores de coraes!

Se seu peito ingrato e fero
já não quer ouvir meus ais,
vae libando o mel das flores...
Fica lá não voltes mais!
Vivam duas inconstantes
entre as flores de coraes.

Epithalámio

Senhora que vindes, candida e perfeita,
De que céus decestes? Que estrella vos guia?
— Tão formosa e alva, nem que fosseis feita
Do mais tenro trigo que agora se eleita
Aos seios da terra que tambem me cria!

Se sois uma noiva, sêde vós bemvinda,
Que outras em passados tempos sem lembrança,
Tambem já vieram palpitar de esperança
Sôb estes meus ramos que dão sombra ainda.

Pendem-me dos braços fructos pequeninos
Que parecem feitos de esmolas da aurora;
Quando sopram brandos ventos matutinos,
Todos elles bailam, num folgar de sinos
Repicando em festa pelos campos fóra!

Inda neste musgo que me faz selvagem,
Ha signaes dos passos d'ageis rapazinhos,
Que vinham outr'ora disputar aos ninhos
O sadio embalo da minha ramagem.

Mal o sol batia na mais alta serra,
Já elles saltavam barrocaes e valles!
— Passaram os annos, passou uma guerra...
Hoje são já mortos — e em vão sob a terra
Estendendo raizes longas a buscal-os.

Vós que sois Senhora, pura como o linho,
Se tiverdes filhos (assim Deus o queira!)
Dizei-lhes que subam á velha fructeira
Que foi ama-sêca de seu avôsinho.

E vereis que logo todos os meus braços,
Rijos como penhas, grossos como traves,
Vergarão contentes p'ra lhe dar abraços
E darão mais fructo só de ouvir seus passos
Entre o arfar das folhas e o cantar das aves!

Assim já tão velha martyr de plejas,
Com o vento e a neve, minha esp'rança esprema
Algun dia o sangue das minhas cerejas.

Depois, quando eu morra, calma, sem terrores
D'arvore de fôrca lésa de vingança,
Fazei do meu tronco berços creadores,
Porque quem balouça fructos, aves, flores,
Sabe embalar sonhos puros de creanças.

D. João de Castro.

ETERNA DOR

Já te esqueceram todos neste mundo...
Só eu, meu doce amor, só eu me lembro,
Daquella escura noite de setembro
Em que da cova te deixei no fundo.

Desde esse dia um latego iracundo
Açoitando-me está, membro por membro.
Por isso que de ti não me deslembro,
Nem com outra te meço ou te confundo.

Quando, entre os brancos mausoléos, perdido,
Vou chorar minha acerba desventura,
Eu tenho a sensação de haver morrido!

E até, meu doce amor, se me afigura,
Ao beijar o teu tumulo esquecido,
Que beijo a minha propria sepultura?

Arthur Azevedo.

Sobre as ondas

Sobre as ondas mansamente,
o nosso barco, fagueiro,
oscila brando e ligeiro,
à luz do luar albente!

A noite calma, divina,
vai sobre nós deslizando,
emquanto a não peregrina
vai sobre as ondas boiando.

Ante o teu labio risonho,
ante o clarão de teus olhos,
não tenho medo de escolhos!...
Navego como n'um sonho!

Como cysnes alvejantes,
n'um lago serenamente,
vamos felizes, errantes,
sobre as ondas mansamente!

Que importa que ruja o vento,
raivoso rebrante o mar,
se eu tenho neste momento
o pharol de teu olhar!



Lá para as bandas do Norte

Lá para as bandas do Norte,
do sertão da minha terra,
onde as nuvens se espreguiçam
nas cumjadas da serra!...
Onde as flôres têm mais viço,
e a mulher tem mais feitiço!...

De nuvens é limpo o céu...
existe em pobre choupana
a minha bella serrana...
a virgem dos sonhos meus!

Como eu gostava de vê-la,
pés mettidos na tamanca!...
Cabellos soltos aos hombros,
de saia curtinha e branca...
Aquella saia de neve,
que lhe cobria de leve
as suas fórmãs tafues!...
Guarnecidas de matames,
que pareciam enxames
de borboletas azues!

Oh! que saudades que tenho
dos sertões de minha terra!...
Das nuvens que se espreguiçam
Nas cumiadas da serra...
Do verde esmalte dos montes,
e dos bulícios das fontes,
e do pleno azul dos céos!
Das brisas beijando as flôres!...
Dos prados com seus verdores!...
Da virgem dos sonhos meus!



Vamos, Eugenia

Vamos, Eugenia, fugindo,
de tudo, alegres, nos rindo,
bem longe nos occultar,
como bohemios amantes,
que dizem, vagando errantes
P'ra ser feliz basta amar;

N'uma casinha bonita,
lá onde o matto se agita,
do vento ao leve soprar,
no manto verde da selva,
no leito fresco da relva,
como é tão bom de se amar.

N'essa casinha pequena
faremos a vida amena,
vivendo n'um céu de amor!
Como um casal de pombinhos,
vamos fazer nossos ninhos
lá onde ninguem mais fôr.

A' noite, no mesmo leito,
recostada no meu peito,
ouvirás os versos meus!
E cantarás na viola
aquella moda hespanhola,
enlevo dos sonhos teus!



O Fado da Severa

Por te amar, ando perdido,
E, perdido, sem saber,
Si por ti tenho vivido,
Eu por ti ei-de morrer...

Quem não ama, nunca pode
Dizer que goza algum bem...
Julga viver e não vive,
Julga ter alma e não tem!

Noite escura. Vejo além
Duas estrellas sem fim...
São os olhos do meu bem!
Que andam á cata de mim...

Quem ao longe tem' amôres
Tem maguas no coração,
Os momentos são horrores,
As horas saudades são...

A minha capa adorada
Deixei-a: está sem ninguem...
Fiz-lhe o mesmo, coitada,
Que a mim' me fez o meu bem!

Quiz dar-te um amor sem' fim,
E tu-disseste que não!
Rosas todas são assim:
Nenhuma tem' coração!

Os teus olhos, que eu adoro,
Tem commigo desafio,
Pois só choram quando eu choro,
E só riem quando eu rio...

Quem de amor anda abalado,
Quanto mais sonha mais pena...
Nunca eu tivesse sonhado
Com esses olhos, morena!

Ribeiro de Carvalho.



A Somnambula

Virgem de louros cabellos
bellos
como cadeia de amores,
onde vás tão triste agora,
hora
de tão funestos horrores?!

Sob nuvem lultulenta,
lenta
se esconde a pallida lua!
A' noite os genios combatem!..
Batem
os ventos na rocha núa!

Tristonha noite funesta!...
Esta
fundos mysterios encerra!...
Não corras, olha, repara!...
Para,
escuta as vozes da serra!

Dos furacões nas lufadas,
fadas
traidoras cruzam nos ares!
Cruentos monstros espiam!
Piam
as corujas nos palmares.



O Beija-Flor

Beija-flor, côr de esmeralda,
que a linda fronte engrinalda,
olha, o raio é fogo em braza!
Não o beijes, que te escalda!

Bate as azas,
beija-flôr!

Fere as nuvens, contra os ares,
sobre o denso azul dos mares!
Vae brincar contente agora,
onde Julia tem seus lares!

Vae-te embora,
beija-flôr!

Pelas moitas de boninas
ha mais rosas peregrinas!
Mas não vás assim á tôal...
Deixa as flôres das campinas...

Vôa, vôa,
beija-flôr!

Vae pousar-lhe nas mãosinhas,
vae dizer-lhe que definhas!
E, se vires lhe desejo
de saber noticias minhas,

dá-lhe um beijo,
beija-flôr!

Mas, se a virgem caprichosa
se mostrar pouco cuidosa
se temeres na revolta,
que te esmague a mão mimosa,

volta, volta,
beija-flôr!



A Extrema Unção

I

O cortejo que leva a extrema-unção,
Vae triste e vae calado;
Calado e triste o povo agglomerado;
Triste e calado o padre e o sacristão.

Turba-multa de sombras vacilantes.
Parece deslizar
Absorta nos magoados cambiantes
Da luz crepuscular.

Foi tambem n'uma tarde assim tranquilla,
Que eu tive minha mãe julgada morta,
E o viatico, atravessando a villa
Entrou a nossa porta.

Mas o povo cantava atraz da umbella
E ao vir-se approximando,
Assomavam com luzes á janella,
As mulheres cantando;

Cantavam o bemdito de joelhos
E a tremerem, coitados,
Na rua, á porta dos quintaes, os velhos
Torcidos e mirrados;

A' frente retinia a campainha
Em soluços no ar...
Morte negra, ai de nós! que se avisinha,
No ar a soluçar!

O cortejo que leva a extrema-uncção
Vae triste e vae calado;
Calado e triste o povo agglomerado;
Triste e calado o padre e o sacristão!

O padre é novo e natural da aldeia,
Conhece-o toda a gente;
Mandou-o o Senhor Bispo, e casualmente
Faz hoje a sua estreia.

O João da Luz tem uma filha, e é ella
Que está a agonisar,
Delgada e branca assim como uma vela
Que ardeu, ardeu e se apagou no altar.

O padre novo disse a missa nova,
E a triste, n'esse dia,
Resignada enterrou na mesma cova
A saude e a alegria.

E foi-se aos poucos definhando, e agora
Não ha remedio, adeus...
Se a gente apaga uma candeia, Deus
Pode apagar a aurora.

E' por isso que vae triste e curvado
O padre, e em vão procura
Apagar da lembrança
O espectro que das brumas do passado
Sinistramente avança!

Se elle pudesse, a consciencia pura,
Humilde e sem paixão.
A'quella desgraçada creatura
Levar a extrema-uncção;

Alma limpa, mãos limpas, ir depôr
Os santos oleos n'esse corpo enfermo,
Sentindo o coração tranquillo e ermo
D'um tão funesto amor!

Se pudesse esquecel-a,
Derruir na memoria
Essa risonha quadra transitoria,
Trecho de vida deliciosa e bella,
Ao longe intercalado
Na sombria aridez do seu passado!

Mas tudo, á proporção que vae andando,
Por onde quer que passa,
Vilmente lhe espicaça
O corpo miserando;
Debalde invoca Deus, que o não escuta,
E a Virgem, que o despreza nessa lucta.

Como então, embriagam-lhe os sentidos
As mesmas cousas que com ella d'antes
Amara tanto! Sítios preferidos,
Valles, encostas, arvoredos distantes,
As rochas e os outeiros...
Lá voltam ao trabalho os jornaleiros
Cantando atraz dos bois;

N'aquella pedra, ao pôr do sol, um dia,
Abraçados os dois...
— « Perdoa-me, Jesus! Virgem Maria,
Valei-me por quem sois! »

Mas isso sim! Pelos caminhos fóra,
Por entre as sebes que o relento esfria,
Tudo que d'antes lhe cantava e ria,
Empallidece e chora!

Fôra alli, no pendor d'aquelles serros,
Na primitiva paz d'esses montados,
Que d'entre a terra inculta dos seus erros,
Nascera o cardo vil dos seus peccados.

Se em fins d'abríl a natureza é rica,
E uma erupção de flôres
Dilue por toda a parte as sete côres
Que o sol, o grande chimico, fabrica,
Qualquer casal acha o seu ninho feito
Quando está verde o pasto
E a tarde se incendeia em rosicléres;
Não ha mais doce e perfumado leito:
Uma enxerga de folhas de mentrasto
Coberta com lençóes de malmequeres.

Foi alli que, olhos fitos nos seus olhos,
Bôca na sua bôca,
A carne em flôr amortalhara a louca
N'um sudario d'abrolhos.
Inda lá estão os cedros inclinados

E as moitas d'alecrim...
Parece que foi hontem! Abraçados...
— «Jesus! O' Virgem, mãe dos desgraçados,
Tem compaixão de mim!»

O outomno que vae aspero, desnuda
A charneca maninha;
Ai tudo soffre e secca e se desfinha
N'uma tristeza muda!

Vão por montes e valles,
Aos repelões do vento, as folhas soltas;
Partiste, juventude, e já não voltas!
Ordena-te o destino que te caes...
O teu amor é criminoso, vence-o!
Silencio, alma de clérigo, silencio!

O cortejo que leva a extrema-unção;
Vae triste e vae calado;
Calado e triste o povo agglomerado;
Triste e calado o padre e o sacristão.

II

No seu pequeno catre de solteira,
Essa pobre mulher inda tão nova,
Dorme, coitada a noite derradeira;
Que a d'amanhã vae já dormil-a á cova.
Mal respira, está fria, cae-lhe a neve
Da eterna escuridão nos membros hirtos...
O' morte, os teus segredos, como deve
Ser bom na hora derradeira ouvir-t'os!

Não vê nem ouve, em tão mesquinha sorte;
Esse martyrio atroz,
Poupou-lh'o Deus, que Deus sempre na morte
Tem compaixão de nós.
Chora a um canto, num silencio emargo,
De joelhos, a mãe d'ella;
A dôr é grande, o coração é largo,
Mas custa-lhe a contel-a.

O pae, esse fugiu, não pode mais!
São mais fracos os paes,
Se a desgraça lhes vem bater á porta.
Anda talvez por esses matagaes,
Por essa noite escura, aos ais, aos ais,
Vendo por toda a parte a filha mortal!
Fugiu, não pode mais!

De tanta formosura eis o que resta!
A doença ninguem poupa.
Quem a está vendo pensa: não é esta;
Morre, tão deformada e tão magrinha,
Que a gente mal o corpo lhe adivinha
Por debaixo da roupa!

O padre vae-a ungindo, e a cada unção
Esconjura o demonio, mas em vão,
Que o sente e escuta, eterno peccador.
A soluçar — que horror! —
No proprio coração!

As unções purificam-lhe os sentidos:
— « Perdoae-lhe os peccados commettidos,

Senhor, a carne é fraca;
Se um mal eterno as almas desgoverna
Durante a vida, ha clemencia eterna
Que as coleras aplaca!»

Quando o unge no peito, o pensamento
grita-lhe sem piedade: que tormento!
O' peito que elle tanta vez beijara!
O' carne quente, palpitante e clara!
E aquella ancia de amor!... — «Jesus, soccorro!
Se me não vales, desfalleço e morro!»

Ao terminar a uncção já não se ouvia
O flébil arquejar d'essa agonia;
Illumina-lhe os labios um sorriso
A derradeira lagrima resvala...
Anjos do Paraiso,
Já podeis vir buscal-a!

III

Noite fria d'outomno. Mal se enxerga;
-- Caminha-se ás escuras;
Rescende a terra, cheira a sepulturas,
Coaxam rãs nas aguas estagnadas;
Ergueu-se um vento rispido, que verga
Os choupos das estradas.

E o cortejo ao voltar da extrema uncção
Vem triste e bem calado,
Calado e triste o povo agglomerado;
Triste e calado o padre e o sacristão...

Conde de Monsaraz.

A côr morena

A côr morena
é côr do ouro,
a côr morena
é meu thesouro.

Fui condemnado
pela açucena
por exaltar
a côr morena.

A côr morena
é meu delirio,
a côr morena
é meu martyrio.

A côr morena
é côr de prata,
a côr morena
me prende e mata.

A côr morena
me dá calor!...
A côr morena
é toda amor.

A côr morena
é côr de ouro!
A côr morena
vale um thesouro.

Estribilho

E' de meu gosto,
E' de minha opinião
Amar a côr morena
Com fervor no coração.



Saudades de Maura

Imitação

MUSICA DA MODINHA DO MESMO NOME

Tenha saudades de Maura,
de Maura terna e formosa,
d'aquelle tempo de amores,
d'aquella quadra saudosa!

Tenho saudades dos beijos
á luz da lua furtados!
das brisas que doudejavam
por seus cabellos dourados!

Tenho saudades da choça,
mimoso ninho de amores...
onde se ouviam descantes,
dos roceiros trovadores!

Tenho saudades da lua,
que lhe escutava os queixumes,
quando a viola chorava
por entre agrestes perfumes!

Tenho saudades das flôres,
debruçadas na janella,
do seu banquinho ao terreiro...
do tudo quanto era d'ella...

Da sua canção plangente,
que a meiga esp'rança restaura...
De Maura tenho saudades...
Tenho saudades de Maüra!



A' terra um anjo baixou

MUSICA DO MAESTRO H. DE MESQUITA

A' terra um anjo baixou
de pureza e de candura,
de graças mil rodeado,
primorosa creatura!

Soberanos, raros dotes,
concedeu-lhe a natureza!
E' copia, é typo fiel
da perfeição, da Belleza!

Taes encantos me prenderam
ao vel-a, mimosa flôr!...
E logo ardeu em meu peito,
fogo intenso, abrazador!

Desceste, ó anjo do céo!
Sêde meu anjo tutelar!
Attende, não me recuses
a ventura de te amar!

O' Pallida Madona

O' pallida Madona de meus sonhos,
bella filha dos cerros de Enggadi,
vem inspirar os cantos do poeta,
rosa branca da lyra de David.

Todo o amor que em meu peito repousava,
como o orvalho das noites no relento,
a teus pés elevou-se como as nuvens,
que se perdem no azul do firmamento!

Aqui, além, bem longe, em toda a parte,
meu pensamento segue o passo teu;
tu és a minha luz, eu sou a tua sombra!...
Eu sou o lago teu, tu és meu céu!

A' tarde, quando chegas á janella,
a trança solta onde suspira o vento
minh'alma te contempla de joelhos,
a teus pés vae morrer meu pensamento.

Inda hontem, á noite, no piano,
os dedos teus corriam no teclado!
Nas caricias de tuas mãos tão lindas;
suspirava e gemia apaixonado!

Depois, cantando, a aria suspirosa
veio n'alma accender-me mil desejos!
Prostrei-me a teus pés perdido e louco,
suplicando-te amor, em doces beijos.

Vem dizer-me se posso ainda um dia
nos teu labios beber o mel do céo!
Eu te direi, mulher dos meus amores:
amar-te inda é melhor do que ser Deus.



O canto da noiva

Horas serenas dessa quadra bella,
brisas da tarde, que passais, ouvi:
cerca-me a fronte virginal capella,
o véo de noiva, o branco véo çingi.

Não mais os sonhos virgínaes de outr'ora,
não mais as crenças que o ideal creou!
Mais veros laços vão prender-me agora...
Santos deveres a cumprir eu vou.

Sou noiva... O pranto que me invade o seio
não é causado pela dor, oh! Não!
Do esposo ao lado se feliz me creio,
que magua é esta que me ateia então!

Soffro saudades, desse lar querido,
onde tranquilla me senti viver,
choro essa quadra de um sonhar florido...
Não mais minh'alma a poderá rever.

Sou noiva... Amigas que gosais ainda
dessa existencia folgazã, feliz,
adeus!... Dest'alma a confidencia finda...
Outros cuidados dar-me a sorte quiz.

Mãe, que da vida o desvelado manto
de teus carinhos desdobraste em mim,
da filha acceita o derradeiro canto...
Sou de outro agora, Deus! o quer assim.

Horas serenas dessa quadra bella!
Brisas da tarde, que fugis, adeus!
Cingi-me a fronte a virginal capella,
o véo de noiva confiou-me Deus.

DESPERTA

Accorda, escuta: os passarinhos cantam!
Olha! Lá surge no deserto a luz!
O sol vermelho já fugiu do leito,
banhando a fronte nos regalos nús!

Olha. não ouves!... O tropeiro fala!
Treme a viola na canção gentil!
As borboletas despertando fogem
dos seios frescos das cecens de Abril.

Não durmas! Olha como o mar palpita,
e a branca espuma solitaria vae!
A espuma é anjo que dormiu na vaga,
e o mar acorda, suspirando: — Amae!

Eia! Desperta! Quanta luz se espalha!...
A aurora volta, recamando o céu!
Serás a rosa ao suspirar das brisas!
Acorda! Escuta! Vem ouvir!... Sou eu!



Se soubesses

Musica da modinha « Que importa que a ausencia de ti ». etc.

Se acaso soubesses o quanto de adoro,
talvez que não fôras assim tão ingrata!
A dôr que meu peito lacéra, pungente,
é dôr inaudita que fere e que mata!

Se tento, distante, de balde esquecer-te,
se busco no peito matar minha dôr,
tu segues-me sempre, no somno ou vigilia
e quanto mais longe, mais cresce este amor!

Pudesse em teu collo pousar esta fronte,
lenindo amarguras da barbara sorte,
meus olhos cerrára contente, risonho,
se n'elle dormisse o somno da morte.

Mas, como é meu fado soffrer estas magoas,
sem mesmo um suspiro poder exhalar,
procuro um martyrio cruel, fulminante,
que venha de prompto meus dias findar.



Foi nas margens

Foi nas margens de um lindo ribeiro.
que eu te vi com uma cesta de flores!
Oh! que olhos, que faces divinas!
Eras, mesmo, uma deusa de amores.

Eu vaguei tanto tempo de balde,
té que um dia te pude encontrar!
E querendo dizer que te amava,
nem, ao menos, quizestes me olhar.

Um momento te peço, ó mulher,
para ouvires a terna expressão
deste pobre infeliz, que só vive
sepultado em profunda paixão.

Como os teus lindos olhos, tão bellos,
eu jámais neste mundo encontrei!
Mas teus olhos perturbam, maltratam,
de uma fôrma que eu mesmo não sei.

Só te peço, mulher, que consintas
de alabastro o teu collo beijar;
Teus cabellos, cobrindo meu rosto,
possam meigos a dôr abrandar.



O bem-te-vi

A' sombra de enorme e frondosa mangueira,
coberta de flores, da tarde ao cahir
a virgem dos campos, morena garbosa,
contava ao amante meiguices a rir!

O céu era bello! Na beira da estrada
cantava o **encontro** nas frondes do ipé!
Os olhos da virgem tornaram-se languidos ..
e os labios mais rubros que o rubro café.

E, qual trêda flecha que ouvia o selvagem,
um'ave, de manso, n'um galho pousou!
E o jovem dizia palavras mais ternas,
e a virgem mais ternas venturas sonhou!

«Se deres-me um beijo, trigueira, em minh'alma
terás sempre affectos, delirios paixão!
No pouzo uma rede de pennas, bem feita,
na minha viola, saudosa canção».

Depois desse beijo, talvez o primeiro,
não sei que mysterio passára-se allí!
Cobrira a trigueira, vexada, o semblante,
E a ave, voando, gritou: Bem-te-vi!

A' sombra frondosa de enorme mangueira,
coberta de flores da tarde ao cahir,
a' jovem dos câmpos, morena garbosa,
contava ao amante meiguices a rir!



Canção da tarde

Quando o sol, do firmamento
Fôr descendo
Ao mar sem fim,
Lembra bem esse momento...
Nunca te esqueças de mim.

Meus olhos... Foi ao sol-pôr
Que elles te viram tambem,
Para depois,
Meu amor,
Já não verem mais ninguem.

No céo surgiam estrellas,
Doces bemaventuranças...
E da serra,
A bemdizêl-as,
Baixavam ovelhas mansas.

Guiava o lêdo rebanho
Uma velhinha... Saudades.
E ao longe,
Pastor extranho,
Tocava um sino ás Trindades.

Beijo-te. Por tentação.
A tua bôcca sorria...
E nunca mais,
Desde então,
Pude esquecer esse dia.
Esse beijo tudo encerra...
Venturas, sonhos, esp'ranças.
Lembra-te...
Vinham da serra
Rebanhos de ovelhas mansas.

S. Martinho do Porto, 20 de Outubro de 1913.

Ribeiro de Carvalho.

Não és tu

Não és tu quem eu amo não és,
nem Thereza também, nem Cyprina,
(bis) nem Mercedes, a loura, nem mesmo
a travessa e gentil Valentina.

Quem eu amo, eu te digo, está longe:
lá nas terras do imperio chinez,
(bis) n'um palacio de louça vermelha,
sobre o throno de azul japonez!

Tem a cutis mais fina e brilhante
que as bandejas de cobre luzido!
(bis) Uns olhinhos de amendoas voltados,
um nariz pequenino e torcido.

Tem uns pés!... oh, que pés!... Santo Deus!
Mais mimosos que os pés de creança!
(bis) Uma trança de seda, e tão longa
que a barriga das pernas alcança!

Não és tu quem eu amo, nem Laura
nem Mercedes, nem Lucia, já vês!
(bis) A mulher que minha alma idolatra
é princesa do imperio chinez!



ABANDONO

As abelhas d'ouro fogem da colmeia,
Vão na terra alheia
Fabricar o mel...
As abelhas d'ouro, d'infieis amores,
Ao murchar das flores
Fogem do vergel.

Sem levar saudades lá se vão embora,
E nenhuma chora
Nem se lembra mais
Das primeiras rosas, dos primeiros favos
Madresilvas, cravos,
Girasoos, myrtaes...

Lá se vão em bando, no doirado enxame,
Já segurado o estame
A' derradeira flor.
E não voltam nunca, nunca mais regressam
E talvez esqueçam
O primeiro amor.

E na casa em ruínas, já sem mel nem rosas
Larvas tenebrosas
Foram-se abrigar...
Já não cantam aves no silencio morno
Andam só em torno
Corvos a voar...

Madresilvas, lírios, primavera alada,
Oiros da alvorada,
Mocidade em flor!
Foram-se ábelhas... Coração vasio?
Vejo a Noite, o frio.
A solidão e a Dôr!

Antonio Feijó.

◆◆◆

MYSTICISMO

São quatro linhas só, quatro palavras,
Rosita minha flor
Que deixo neste livro, consagrando
A luz do teu pudor.

E bastam... p'ra que possa pertencer-te
A minha inspiração,
A vida inteira: a alma... este pamphleto,
Minha voraz paixão.

Quero dizer-te apenas, linda Rosa,
Que irmão só quero ser
Dessa mulher que é todo o meu futuro
Amando-a até morrer.

Si pensam, odios, — crime ou desventura,
Visando uma desgraça
Em nosso amor, que importa? **Os cães bravejam**
E a caravana passa!

S. Paulo.

UM IDYLIO

Elle era uma creança... de 80 annos!
Ella oitenta e seis... par'ciam manos!
Ha sessenta Janeiros, talvez mais,
que se haviam casado — e dos casaes
eram casto modello... um' puro ceu!
Idyllio de Virginia ou de Romeu!
Do lár, elle era um santo patriarcha,
e ella meiga Laura de Petrarcha!
Nem mesmo se descreve igual carinho
n'amorosa plumagem d'outro ninho!
— Havia lhes morrido, (quando em flor)
uma qu'rida filhinha, um' bom penhor
que Deus, por grã mercê lhes confiára,
e que, passados annos, lhes roufára,
afim de exp'rimentar, se a provação
faria adulterar tanta affeição!
Porém, se em Deus haver póde incerteza
d'esta vez enganou-se com certeza;
que envolvidas as dores d'essa saudade,
no manto fatalista da' idade,
a crença lhes ficou de que nos ceus,
um anjo, pelos paes, rogava a Deus!
E, sentiam-se os velhos muito bem,
pois é sempre feliz, quem' crenças tem!

Elle fôra, n'outro tempo, operario,
No constante lidar do seu fadarío,
ao governo ganhára uma pensão
que, á honradez, é sempre um galardão;
e, com esta quantia bem mesquinha,
sustentava elle a casa e a velhinha,

que também trabalhava o que podia,
ajudando o marido, noite dia.

A casa era, para ella, o seu enleio!
E era um gosto ver o quanto aceio
a tudo presidia! Um **dandy**... o velho!
Mobília da casa... um puro espelho!
Par'cia novo o chão, que ella 'sfregava...
e, na cozinha, a lata... deslumbrava!
Era mesmo um palmito, um puro enlevo
o arranjo das arcas, onde o trevo
e a campestre alfazema, perfumava
a roupa que a velhinha ali guardava.
— Nunca tinham pesado sombras negras
sobre o ninho d'aquellas tutinegras.
— Quando o velho sahia, vinha ella
pressurosa, correndo p'rá janella,
afim de ver, na rua o **seu rapaz**...
(como ella lhe chamava) e que p'ra trás
á 'squina se voltava com agrado,
dizendo-lhe um «adeus» de namorado.
Tão piegas se mostravam, que os vizinhos
lhes puzeram a alcunha dos... **rolinhos**!
— Quando o velho, p'ra casa recolhia,
era sempre, p'rá velha, uma alegria
tão pura e verdadeira! Uma **creança**!
que, as pequenas ali da vizinhaça,
d'inveja se mordiam, com furôr,
co'o exemplo frisante d'este amor.
— Se á noite, ao recolher, uma demora
qualquer, o velho tinha e era a hora
que elle havia marcado'star em casa...
a bôa da velhota andava em braza!
Não sabia, coitada!... o que fazer

nem mesmo que pensar, nem que dizer!
Era vê-la, velóz qual ventoinha,
correndo da janella p'r'á cozinha,
afim de bem cuidar, que se não fume
o guizado que'stava posto ao lume!
— « E esta?! Já lá vae um quarto d'hora
« e **aquelle senhor...** inda por fóra!
« Talvez... a namorar... **aquelle joia!**
« Talvez em casa d'uma **lambisgoia...**
« e a **moira** a trabalhar, fazendo a ceia,
« enquanto o **seu senhor**, por lá passeia!!!
« Não sei, onde aprender, vae taes costumes!!!
Inda sentia o ferro dos ciumes
a bôa da velhinha! Inda julgava
que o marido, por fóra, a enganava!..
— « Mas... meu Deus? vae-se a hora adiantando
« e elle que não vem! 'sta-me assustando
« semelhante demora! oh! Christo faça
« que lhe não aconteça uma desgraça!
« Que cuidados os meus e que martyrio!..
E corria a ascender um bento cyrio
que tinha bem guardado, e o credo em cruz
rezava aos pés da imagem de Jesus.
— Uma noite qualquer, em que o marido
em palestra d'amigos, entretido
se havia um pouco mais do que o costume,
e que a Furia maldita do ciume,
a velha apoquentava... oh! que traição!!! —
na golla do pesado casacão,
descobriu o ciume desvairado,
um cabello pequeno e aloirado!..
— « Que é isto! — D'onde vem, não me diga!!
— « Demorarei-me na loja a comprar chá...
— « Não minta, trapalhão!
— « Então se queres...
— « Você 'steve fallando com mulheres!

— « Eu ?

— « Sim!

— « Um velho!

— « Um tolo! Um desleal!...

— « E eram até loiras... por signal!

— « Gostaria de ver a tal **cegonha**...

— « E não lhe cae a cara de vergonha!

— « Não sei, como de dôr, eu não estoiro...

— « Maldito sejas tu... cabello louro!!!

Mas filha... eu não vejo...

— « **Elle** aqui 'stá!

— « E' talvez do caixeiro lá do chá...

— « Diga!...

— « Mas... é um **pello** da cadella do vizinho da loja... é amarella!

— « Um **pello**?!

— « Sim. Ha pouco a tive ao collo

— « e até, por signal, lhe dei um bollo.

— « Será verdade?!...

— « Filha, vê que um **pello**

— « não se confunde com qualquer cabello!

— « Não te faças, de mais, desconfiada...

— « repara... tem a ponta esbranquiçada.

E a velhinha, depois d'examinar

e de, n'essa verdade, se formar,

ás faces, lhe subiu, um rubro pejo...

o velhote abraçou e... deu-lhe um beijo...

.....

E á meza? oh! era um gosto ver os dois

a fallarem do passado! E depois:

os mimos que faziam... as tolices!...

D'uma lua de mel as pieguices!

Ella então levantava-se ligeira,

p'ra ir buscar um cofre de nogueira,

onde guardára, como minas d'ouro,
as prendas do seu tempo, de namôro:
cartinhas de papel assetinado,
â tesoura, de roda, recortado...
ressequidas flôres... fitinhas... tranças...
Era um mundo completo de lembranças!
Era vel-os então, como n'um céu,
em extasi, adorando o seu museu!

.
.

Um dia... dia triste por signal!
D'esses dias de chuva e vendaval,
em que o sol, nos não vem dar alegrias,
rompendo as nuvens negras e sombrias!
d'um céu, em que não vemos o azul;
n'um d'esses tristes dias, em que o sul,
em lufadas virís percorre os ares,
derrubando os carvalhos seculares;
em que a chuva, em cadencia bem pezada,
retine sobre as pedras da calçada,
fazendo estremecer o proprio céu...
foi então... que a velhinha adoeceu!
O que o velho sentiu... o seu soffrer,
ninguem, de certo, o póde descrever!
Reconheceu que a Morte lhe pairava
sobre a esposa que tanto idolatrava,
e, perdida em sua alma, a doce 'sp'rança,
chorava... como chora uma criança!...
— E verdade... verdade, bem razão
tinha o velho na sua exaltação;
não se perdem assim, d'uma só vez,
sessenta annos d'amor... e honradez!

.

Quinze dias, enfim, são decorridos
entre choros, lamentos e gemidos,
fingindo à velha, ás vezes, melhorar
quando ouvia o marido lamentar
a sua triste sorte! Elle... (coitadol!)
sorria-se p'ra ella e contristado:
— « Não morres, não... (par'cia-lhe dizer!)
— « enquanto teu marido não morrer!!!
E a pobre enferma, então, a soluçar...
não sei se por morrer, se por deixar
cá na terra, vivendo ao desamparo,
quem na vida lhe fôra sempre caro!
— Era muito sagrada aquella dôr
d'uma lucta, da Morte e do Amor! —

.

Não descansava o velho noite e dia!
Se por acaso, a velha adormecia...
descalçava-se então para melhor
poder andar do leito em derredor,
sacudindo um mosquito zombeteiro...
ou pondo um **abat-jours** no candieiro.
Se acaso a companheira então gemia,
sentia elle a dôr que ella sentia,
par'cendo ler nos olhos do Doutor,
a sentença fatal de seu Amor!

.

Uma noite, de febre e de martyrio,
apóz bem longas horas de delirio,
teve a velha um momento de descanso,
(visita de saudel) e no remanço
que a febre impertinente lhe deixou,
dôce olhar sobre o quarto irradiou.
e viu, junto ao leito, em agonia

o velho que vellava noite e dia.
Sorriu-se para elle — «o qu'è que sentes
— «meu filho? Eu 'stou melhor... não te apoquentes!
— «Deus que é bom, de certo ha de escutar-nos,
— «e não hade tão cedo separar-nos!
— «Bem vês... eu 'stou melhor... muito melhor...
— «não chores assim meu velho meu... amor!
— «Satisfaz-me, filho, este desejo...
— «Olha... chega-te cá e... dá-me um beijo...
Fazendo sobre si, um grande esforço, -
os braços, já mirrados, ao pescoço
do velho, ella deitou, e, um beijo ardente,
depoz elle nos labios da doente.
— E ligados ficaram d'esta sorte,
olvidando ella... a vida, e elle a... morte! —

.
Alguns instantes mais... e percebêra
que a sua companheira adormecêra:
elle então, em silencio, mudo e quêdo
deixou-se alli ficar, pois tinha medo
até, que o proprio ar que respirasse,
o somno da doente perturbasse.
E decerrou assim um longo espaço,
até que enfim, o somno e o canção
pelas longas vigalias, o prostou
ao lado da velhinha. Assim ficou
aquelle gentil par d'enamorado,
co'os labios, um ao d'outro, bem collados.

.
Ao romper da manhã, quando o Doutor,
(que era até por signal madrugador,
em casa da doente penetrou,
espantado, entre as portas se ficou!

Uns visinhos tambem! que então subiam
ao ver aquelle grupo apaixonado,
n'um abraço d'amor, assim ligado.
O medico, rapaz de coração,
que bem comprehendera a situação,
disse, em tom de respeito bem profundo:
— Não quiz Deus separal-os n'este mundo!!!

.

E ficaram absortos os visinhos,
ao ver qu'estavam mortos... os rolinhos!

Baptista Machado.



DALILA

Foi desgraça, meu Deus!... Não; foi loucura
Pedir seiva de vida — á sepultura,
Em gelo — me abraçar.
Pedir amores — a Marco sem brio,
E a rebolcar-me em leito immundo e frio
— A ventura buscar.

Errado viajor — sentei-me á alfombra
E adormeci da mancenilha á sombra,
Em berço de setim...
Embalava-me a brisa no meu leito...
Tinha o veneno a lacerar-me o peito,
— A morte dentro em mim...

Foi loucural... No occaso — tomba o astro...
A estatua branca e pura de alabastro
— Se mancha em lôdo vil...
Que rouba a estrella — á tumba do occidente?
Que Jordão lava na lustral corrente
O marmore, o perfil?

Talvez!... Foi sonho!... Em noite nevoenta
Ella passou sósinha, macilenta,
Tremendo a soluçar...
Chorava — nenhum écho respondia...
Sorria — a tempestade além bramia...
E ella sempre a marchar...

E eu disse-lhe: Tens frio? Arde minha alma.
Tens os pés a sangrar? — pódes em calma
Dormir no peito meu.
Pomba errante — é meu peito um ninho vago.
Estrella — tens minha alma — immenso lago —
Reflecte o rosto teu!...

E amamos. Este amor foi um delirio...
Foi ella minha creança, foi meu lyrio,
Minha estrella sem véu...
Seu nome era meu canto de poesia,
Que com o sol — penna de ouro — eu escrevia
Nas laminas do céu.

Em seu seio escondi-me... como á noite
Incauto colibri, temendo o açoite
Das iras do tufão,

A cabecinha esconde sob as azas,
Faz' seu leito gentil por entre as gazas
Da rosa do Japão.

E depois... embalei-a com meus cantos,
Seu passado esqueci... lavei com prantos
Seu lodo e maldição...
...Mas, um dia acordei... e mal desperto
Olhei em torno a mim!... — tudo deserto...
Deserto o coração...

Ao vento, que gemia pelas franças,
Por ella perguntei... de suas tranças,
A flôr, que ella deixou...
Debalde... seu logar era vazio...
O meu labio queimado e o peito frio,
Foi ella que o queimou!...

Minh'alma nodou no osculo immundo,
Bem como Satanaz — beijando o mundo —
Manchou a criação;
Simoun — crestou-me da esperança as flôres...
Tormenta — ella afogou nos seus negros
A luz da inspiração...

Vae. Dalila!... E' bem longa tua estrada...
E' suave a descida — terminada
Em Barathro cruel.
Tua vida — é um banho de ambrosia...
Majs tarde a morte e a lampada sombria,
Pendente do bordel.

Hoje flores... A musica soando...
As perolas do champagne gottejando
 Em taças de crystal.
A volupia a escaldar na louca insomnia...
Mas suffoca os festins de Babylonia
 A legenda fatal.

Tens o seio de fogo e alma fria,
O sceptro empunhas lubrico da orgia
 Em que reinas tu só!
Mas que finda o ranger de uma mortalha,
A enchada do coveiro que trabalha
 A revolver o pó.

Não te maldigo, não... Em vasto campo
Julguei-te estrella, e eras pyrilampo,
 Em meio a cerração...
Prometheu — quiz dar luz á fria argilla,
Não pude... Pede a Deus, louca Dalila,
 A luz da redempção.

Castro Alves.



Sempre te amando

Sempre te amando desprezando as outras
passando os dias só pensando em ti,
sempre chamando por teu doce nome
desde o momento em que te conheci.

A bella rosa a borboleta abriga
nunca despreza tão sincero amor:
tu és a rosa que me dás allivio
eu sou orvalho que alimenta a flôr.

Quizera a fronte repousar no collo
gozar delicias que jámais senti,
amargã vida vou passando agora
desde o momento em que te conheci.

Quando meu corpo descançar na louza
mulher formosa tu irás alli,
pois mesmo ao peso da funerea campa
ai, não, não posso me esquecer de ti.



Nasci para te amar

I

Nasci para te amar
sorte ferina,
foi meu fado te adorar
foi minha sina
como eu soffro quanta dor
atroz sentida,
na ferida dolorida
deste amor.

II

Na lyra adorentada
um ai lateja,
a flor dos labios meus
teu nome te adeja,
o pranto aos olhos vem
em gottas frias,
a dôr tem harmonia
que o prazer não tem.

1.^a PARTE

Nasci para te amar, etc.

III

Já não te tenho alento,
minha dôr vae-se extinguindo
não se illuda o pensamento
eu te vejo além sorrindo.

1.^a PARTE

Nasci para te amar, etc.

Não quero mais viver
é doloroso,
prantear, carpir, gemer
não ser ditoso,
é penosa esta paixão
ai que desgraça,
me espedaça me traspássa
o coração.

2.^a PARTE

No collo da saudade
a mente vòã,
o seio da minh'alma
a dôr magôã,
o pranto tem dulçor
eterno ameno
e com mais sereno
porque vem do amor.

1.^a PARTE

Eu vou fugir de ti
fui desprezado,
já bastante padeci
sou desgraçado,
vou fugir não torno mais
ai que maldade,
tem piedade, tem piedade
de meus ais!

3.^a PARTE

Num sonoro adejo
eu irei aos céos alando
na ambrozia de um teu beijo
morrerei por ti sonhando.

1.^a PARTE

Eu vou fugir de ti, etc.

Meu cafuné

I

Eu adoro uma yayá
que quando está de maré
me chama muito em segredo
p'ra me dar seu cafuné.

II

Não sei que geito ella tem
no revirar dos dedinhos
que fecho os olhos de gosto
quando sinto os estalinhos.

III

Mas quando arrufada está
raivosa me bate o pé
me xinga ralha commigo
não me dá seu cafuné.

IV

Então, nem mesmo chorando
fazendo-lhe mil carinhos
consigo que entre os cabellos
ella me passe os dedinhos.

V

Um dia zangou-se toda
por vir cheirando rapé,

chamou-me de velho feio....
não me deu seu cafuné!

VI

Brigou commigo deveras,
mas passada a raivasinha,
foi ella mesmo quem deu-me
uma linda bocetinha.

VII

Oh! que boceta mimosa
das pazes emblema é!
quando funguei a pitada
ella deu-me um cafuné!

VIII

Oh! que gosto então senti
na boceta de rapé
descobri o melhor meio
de ganhar meu cafuné.



Junto de um bem que adoro

Junto de um bem que adoro
nada no mundo desejo,
penso que estou na gloria,
meu anjo, quando te vejo.

Se eu tiver de ser teu
ou tu teres de ser minha,
no maior impedimento
beijar-te-hei ó linda rolinha.

Por outro me despresaste,
por ti soffro grande dor,
agora nem que te arrependas
não vale mais o teu amor

Deixe o tempo correr
a terra se construir,
o que tem de ser meu
em minhas mãos ha de vir.

ESTRIBILHO

E' assim que se conhece
todos nós devemos crêr
não se pode desmanchar
o que Deus tem para fazer...



Quanto dóe uma saudade!

Quando o véo negro da noite
cobre a vasta immensidade
é que n'alma soffro e sinto
quanto dóe uma saudade!!

Só quem nunca teve amores,
só quem nunca teve amizade,
poderá dizer eu não sinto
quanto dóe uma saudade!!

Mas quem ama neste mundo
com pureza e lealdade,
esquecer jamais não póde
quanto dóe uma saudade!!

Nem na hora em que me repouso
posso ter tranquilidade,
por me lembrar em vão suspiro
quanto dóe uma saudade!!

Bem procuro distrahir-me,
porém, meu Deus, é debalde!
quando em ancias me recordo
quanto dóe uma saudade!!



Penso em ti

Penso em ti quando vejo em céo sereno
meiga estrella isolada a scintillar,
quando a lua penosa e macilenta
merencorea e saudosa beija o mar.

Penso em ti nestas horas tristorosas
porque triste e bem triste é o meu viver!
ai!! não posso, nem devo, nem me é dado
dar-te um beijo de amor, depois morrer!

Penso em ti nessas horas de saudades,
quando a noite a cair pezar traduz,
quando o mocho gemendo adeja e pousa
nos braços carcomidos de uma cruz!

Impossivel! não posso! agora é tarde!
dos teus labios ouvir num mau sonhar!
impossivel direi já quando a louza
para sempre no mundo me occultar!

Penso em ti quando canta a voz queixosa
de uma flauta a gemer em solidão!
quanto escuto do leito o doce harpejo
de um choroso e plangente violão!

Soluçando na dor de atroz vigilia
porque a esperança morreu já não sorri
nas caladas da noite em horas mortas
solitario e cançado eu penso em ti!



Por um teu riso!

Por um teu riso desprendeuse um canto,
por teus encantos comparei-te á flôr,
por teus olhares me julguei vencido,
quasi perdido suspirei de amor.

Eras meu ídolo e eu te amava tanto,
eras o encanto de minh'alma ardente
quando meu peito só de amor pulsava
eu suspirava era por ti sómente.

Faz hoje um anno, eu me lembro ainda,
estavas tão linda mas com' ar tristonho,
faz hoje um anno, ao clarão da lua,
a imagem tua pareceu-me em sonho.

Faz hoje um anno, estou bem presente,
que indifferente me disseste adeus;
faz hoje um anno que ao cahir da tarde
tive saudades dos sorrisos teus.



Lenda Normanda

I

Certo Conde normando, assolador e hirsuto,
Senhor tradicional d'uma cidade ingleza,
Querendo um prato d'oiro a mais na sua meza
Lançára sobre o povo um pesado tributo.

Não podia pagal-o o burgo irresoluto:
Era a ruina, era a fome. E desvairada, accesa,
A multidão rugia em frente á fortaleza,
Com os filhos ao collo e coberta de luto.

Mas as portas de ferro, immoveis e pesadas,
Não se abriam. E o povo, erguendo as mãos crispadas,
Cansava-se a bradar, a uivar, a soluçar...

Cahia a tarde. O sol quebrára a néve fria.
Ao sopé da montanha o burgo adormecia,
Como um cachorro aos pés d'uma arca tumular.

II

Dentro da fortaleza, entretanto, rodeado
De dalmaticas d'ouro e capellos vermelhos,
O Conde rejurava á fé dos Evangelhos,
Que o burgo pagaria o tributo lançado.

Tudo o applaudia. Sómente, alva e loira, a seu lado
Se ergue lady Godiva: e prostrada de joelhos,
Defendendo condoída, as crianças e os velhos,
Gemeu: — «Senhor! O povo é já tão desgraçado!

Porque o não libertaes d'esse tremendo imposto?»
Então, o Conde olhou a esposa, rosto a rosto,
E vendo-a casta, humilde, exclamou como um Rei:
— «Liberto-o. Se amanhã tu fores, rua em' rua,
Sobre um cavallo branco, inteiramente nua!»
Ella baixou o olhar e murmurou: — «Irei».

III

Nasceu por fim o Sol. Branca e nua — Que importa,
Se é gloriosa a nudez quando se é casta e bella! —
Sobré um cavallo Branco, em redoirada sella,
Como quem atravessa uma cidade morta,

Godiva, no clarão divino que a transporta,
Os braços sobre o seio, o cabelo a envolvê-la,
Percorreu todo o burgo e foi de viella em viella,
Sem que a visse ninguém, sem se abrir uma porta.

Revoavam-lhe, em redor, bandos de pombos brancos;
E o sol, cobrindo d'ouro as suas roseas ancas,
Vestia-lhe a nudez de formas virginaes...

Quando enfim regressou, loira, calma, modesta..
O barbaro senhor beijou-a sobre a testa,
E os tributos d'então, não se pagaram mais!

Julio Dantas.



Já não me queres bem

I

Já-não me queres bem, eu vejo a todo instante,
Porque não sei dizer, não sei qual é a razão;
Já não me tens amor e eu te sou constante,
Não posso mais domar esta voraz paixão...

Ai, se eu pudesse
Serias minha até morrer!
Muito padece
Meu coração por te querer.

Não negues ao captivo
trovador
Um terno olhar furtivo,
minha flôr.

Eu de saudades vivo,
meu amor...
Minha dôr te bendiz!
Decide minha sorte,
Dá-em a morte
Que só assim serei feliz. (bis)

II

Tu não te lembras mais d'aquelle sonhar fagueiro
De tempo mais feliz do nosso alegre amor;
Já te esqueceste então desse passado inteiro
Que recordar-me vem nos dias de amargor.

Ai, se eu pudesse
Serias minha até morrer!
Soffre e padece
Meu coração por te querer.

Não negues ao captivo
trovador
Um meigo olhar furtivo,
minha flôr

Eu sem te ver não vivo,
meu amor!
Que dulçor
nesse olhar...
Decide a minha sorte,
dá-me a morte
Pois eu não quero mais penar. (bis)

III

Teu coração foi meu, já foi só meu outr'ora,
Delicias mil gozei, prazeres mil senti;
Por isso, vens me dar a recompensa agora...
Maldito aquelle dia em que fui crêr em ti...

Quanto padece
meu illudido coração,
triste fenece,
na dôr da tua ingratidão.

Tu negas ao captivo
Trovador
um teu olhar furtivo,
linda flôr.
Só de chorar eu vivo,
meu amor;
Minha dor
te bendiz,
Quero morrer sonhando,
me enganando,
Que só assim serei feliz. (bis)

IV

Não sei quem te merece os divinaes am'ores,
Mas mesmo sem o saber, o faça Deus feliz,
Não soffra o que soffri, não sinta os dissabores,
Que em fim te queira tanto assim' como eu te quiz...

Ai, se eu pudesse
Serias minha até morrer!
Geme e padece
meu coração por te querer...

E morra o teu captivo
trovador,
Soffra sem lenitivo,
sem amor.
Morto sem ti não vivo,
minha flôr.
Que amargor,
Que afflicção,
Pois que tu me illudiste,
me trahiste,
irei penar na solidão... (bis)



Mimosa saudade

I

Fui ao jardim colher flores,
nem uma só me agradou;
sympathisei com uma saudade
por ser bella, por ser bella a sua côr.

ESTRIBILHO

Ai, minha bella!
Ai, minha flôr,
Se tu me acompanhas } (bis)
No meu pranto e dôr.

II

Tu te cobriste de roxo,
eu de magoas, minha flôr!
se choras eu tambem choro...
sepultando, sepultando a mesma dôr!

III

O' bella flôr da saudade,
vem collocar-te ao meu lado!...
que só assim terá allivio
o meu pobre coração amargurado!



VELHINHO

Ai! quem me déra ser um velhinho
Mui pobresinho,
Tropego e debil, misero, só...
Ir pela estrada, pelo caminho,
Corcovadinho,
Rotas as vestes, vestes antigas, cheias de pó!

De porta em porta, sempre esmolando,
Sempre esmolando,
Jantar de pobres... côdeas de pão;
Dias e noites andar vagando,
Magoas contando,
Desilludido, constricto e humilde, de olhos no chão!

Dormir risonho, todo enfeitado,
Como em noivado...
Relva por leito, por tecto o céu;
Ter o cabelo muito prateado,
Todo nevado,
Como o que tinha minha avosinha, que já morreu!

Ai! quem me dêra ser um velhinho
Mui pobresinho,
De vestes rotas, chejas de pó!...
Talvez que os anjos ao pobresinho
Triste e sósinho,
Viesses buscal-o, cá a este mundo, por terem dó!

A. Carvalho Pimental.

Cyrano de Bergerac

ACTO TERCEIRO — SCENA IX

Cyrano

«Beijo. A palavra sorri
e queima-se detrás do labio que a deseja.
Beijo a brincar na bôca e bôca que não beija,
porque o pudor retrai esse desejo louco...»

Sem querer, sem sentir, via-a desfolhar ha pouco
a flôr do galanteio, e passar n'um encanto
do sorrir ao suspiro e do suspiro ao pranto!..
Aclare um pouco mais a luz do sentimento:
nas lagrimas, um beijo, é um deslumbramento!
E afinal o que é um beijo? Um céu aberto.
Juramento d'amôr, feito mui de perto!
Numa promessa linda uma confirmação.
Ponto roseo a cahir no i d'uma afeição.
Segredo que se diz a uma bôca vermelha.
Num pouco d'infinito um ruido d'abelha...
E' uma communhão com um sabor de rosas.
O respirar subtil das almas amorosas;
O precioso subir d'um coração á bôca...
Luz que do labio sae, numa volupia louca!»

Trad.

Julia Dantas e Manoel Penteado.



PASTORAL

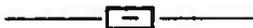
Canção popular portugueza, musica de Vianna da Motta

I

O' fonte que estás chorando,
Não tardarás a seccar;
Mas os meus olhos são fontes
Que não param de chorar!
Ai! triste da minha vida,
Ai! triste da vida minha
Onde tu vaes, andorinha. (bis)
Quem me déra ir contigo,

II

Rouxinol canta de noite,
De manhã a cotovia;
Todos cantam, só eu choro,
Toda a noite e todo o dia.
O' aguiã que vaes tão alta,
Por essas serras d'além,
Leva-me ao céo, onde tenho
A alma de minha mãe! (bis)



A brisa dizia á Rosa

A brisa dizia á rosa:
— «Dá, formosa,
Dá-me, linda, o teu amor;
Deixa eu dormir no teu seio
Sem receio,
Sem receio, minha flôr!

De tarde virei da selva
Sobre a relva
Os meus suspiros te 'dar,
E de noite na corrente,
Mansamente,
Mansamente te embalar!» —

E a rosa dizia á brisa:
— «Não precisa
Meu seio dos beijos teus;
Não te adoro... E's inconstante...
Outro amante,
Outro amante aos sonhos meus!

Tu passas de noite e de dia
Sem poesia,
A repetir-me os teus ais;
Não te adoro... quero o Norte
Que é mais forte,
Que é mais forte e eu amo mais!» —

No outro dia a pobre rosa
Tão vaidosa
No hastil se debruçou;
Pobre d'ella! — Teve a morte
Porque o Norte,
Porque o Norte a desfolhou!...

Sonhei que mil flores

Sonhei que mil flôres
N'um prado colhia,
E sobre o teu collo,
Armania, espargia.

Que fina grinalda
Então te offertava,
Que beijos sem conta
A furto te dava...

Sonhei que constante
Juravas tu ser-me,
Emquanto da vida
O sopro aquecer-me:

Então, minh'Armania,
Feliz me julgava
Em vêr a meu lado
Aquella que amava.

Mas tanta ventura
Tornou-se illusoria,
E d'ella conservo
Apenas memoria.

Capellas e flôres,
Prados e jura,
Foi sonho enganoso,
Foi tudo amargura!

Assim, minh'Armania,
Vou triste passando,
Em sonhos sómente
Ventura gosando...

Até que um dia,
Feliz e ditoso,
Me torne contigo
Assaz venturoso!...



A greve dos ferreiros

Senhor juiz, a minha historia será breve.
Pelos ferreiros foi determinada a greve.
Tinham esse direito: o inverno desalmado
Augmentava o soffrer do bairro esfomeado...
Ao receber a fêria, alguém, com modo amigo,
Deu-me o braço em silencio e levou-me consigo
Para a taverna; ali uns companheiros meus
— Nunca revelarei, oh! nunca! os nomes seus!...
— Disseram-me:

— João, já para mais não estamos!
Ou dão maior salario, ou nós não trabalhamos!
Exploram-nos! e nós não temos outro meio...
Fizemos uma escolha, e essa escolha veio
A recahir em ti, mais velho, para ires
Procurar o patrão a fim de o prevenires:
Ou nos augmenta a fêria, ou não voltamos lá.
Acceitas? Sim, ou não?

Respondi-lhe:

— Eu cá

Acceito, visto que é para bem dos camaradas.

Senhor juiz, eu nunca entrei em barricadas.
Sou um velho prudente, e sinto algum terror
A' gente do bom tom que tem a seu favor

Soldados e policia... A minha obrigação,
Porém, era annuir. Fui ter com o patrão.
Bato á porta: jantava. Emfim, manda-me entrar.
Conto-lhe o nosso agravo, e faço-lhe notar
Que as rendas vão subindo e que o pão está mais caro...
Em summa, que ninguem póde viver. Comparo
O seu ganho e o nosso... E em termos cordeaes
Digo-lhe ser melhor, p'ra todos, dar-nos mais!
Em silencio, tranquillo, ouviu-me até ao fim,
Partindo amendoas; e depois disse-me assim:
— E' homem sério, João. Os que nisto o metteram
Saibam muito bem quem era o que escolheram.
Você ha de ter sempre um lugar na officina,
Mas creia que augmentar a féria me arruina.
Fecho a porta amanhã. Diga a esses queixosos
Que não cedo a mandões, vadios preguiçosos!
Não tenho outra resposta a dar-lhes!

Eu então

Retirei-me, dizendo apenas:

— Sim, patrão...

Acabrunhado, fui, cumprindo o promettido,
Levar esta resposta. Ergueu-se um alarido
Enorme! Palavrões! Política em baralha!
Juram todos de vez que ninguem mais trabalha!
E — co'a bréca! — até eu entrei no juramento!

Ai! quantos n'essa noite, á ceia, no momento
De darem á familia a sua honrada féria.
Haviam de pensar na proxima miséria!
Ai! quantos n'essa noite, a sós co'o travesseiro,
Lembrando que de seu não tinham mais dinheiro,

Sentiram que chegava o tempo de um forçado
Jejuar!... Quanto a mim, fiquei muito abalado.
Tenho alguém neste mundo, e demais estou velho...
Quando cheguei a casa, e os netos puz no joelho,
— O meu genro asneou; levou-me a filha um parto
Sósinho com os dois pequenos no meu quarto,
Fiquei-me a olhar, a olhar p'ra aquellas duas boccas,
Que a fome ameaçava... E das palavras loucas
Que soltára, córei. Mas digno de lamento
Como os outros eu era; e pelo juramento
Saberia cumprir inteiro o meu dever.

Vinha do lavadouro, entrou minha mulher,
Toda avergada sob a trouxa humida e fria.
Acanhei-me... e a medo expuz tudo o que havia.
A pobre velha tinha um genio resignado...
Ficou por muito tempo olhando p'ra o sobrado.
Em silencio, e por fim, alevantando o olhar:

— Bem sabes que não sou amiga de gastar...
Farei o que puder... Mas n'esta occasião,
Francamente, em que nós apenas temos pão
P'ra uns quinze dias...

— Bem! Tudo se ha de compôr!

Respondi-lhe. Mas como, a não ser-se traidor?
Demais sabia eu que todos os queixosos
Para a gréve durar seriam rigorosos,
Vigiando e punindo os que fossem hostis.

E a miseria chegou. — Senhor! senhor juiz!
Creia que, por maior que fosse o meu soffrer,
Ladrão isso é que nunca, eu poderia ser,
Bastava a ideia só p'ra morrer de vergonha!

Se digo isto, senhor, não é porque supponha
Que se deva levar em conta ao desgraçado,
Que o desespero vê sempre ante si postado,
Não ter nunca cedido ao crime e o pensamento.
Mesmo quando o inverno erá já um tormento,
E eu, velho honrado, via, em dor's como d'espinhos,
A leal companheira e os meus dois netinhos
A tremerem os tres junto ao fogão sem lume;
Os gritos infantis; o feminil queixume;
O grupo inteiriçado; os braços semi-nús;
Nunca, por nunca ser — juro por essa cruz! —
Nunca senti em mim aquelle negro impulso
Violento para a infame acção em que, convulso,
O peito treme, o olhar espreita, a mão agarra.
Ail se o orgulho cede e na fraqueza esbarra
N'este momento, se eu me curvo e choro aqui
E' porque vejo os tres a quem me referi,
A quem sacrifiquei todo o meu proceder.

Viveu-se no principio em regra co'o dever.
Tudo empenhámos e comiamos pão duro.
A casa e para mim' como um carcere escuro.
Eu sou um trabalhador; 'star em casa não sei.
Soffri muito. A' prisão depois a comparei:
Pequena differença entre ambas é notavel.
E então não fazer nada é mais insupportavel!

Quinze dias depois nenhum dinheiro havia.
Durante aquelle tempo eu fui de noite e dia
Como um doido a errar por entre a multidão,
Porque para esquecer que se precisa pão
O rumor da cidade é melhor do que o vinho.
Uma vez, ao entrar no meu gelado ninho,
Por uma tarde agreste e escura de dezembro,

Fui dar co'a pobre velha — aíl com que dôr me lembro! —
Assentada a um canto, os netos apertando
Contra o peito. E pensei:

— Sou eu que os mato!
E quando,

Hesitante, a mulher me disse, sem rancor:
— João, só nos restava um rôto cobertor;
Quiz empenhal-o... quiz... Ninguem o acceitou.
Onde ir buscar o pão?

— Deixa, mulher! Eu vou!

De coragem me enchi, e tive a repentina
Decisão de voltar de vez para a officina.
Sabendo que ia ser por elles repellido,
Fui porém á taverna afim de, reunido,
Todo o grupo encontrar dos director's da grève.
Entrei; a minha vista absôrta se deteve:
Bebiam quando havia alguém que tinha fome!
Bebiam!! Que o auctor d'este crime sem nome,
Que alimentava a grève á sombra da taverna,
Receba deste velho a maldição eterna!
— Apenas avancei, os que estavam bebendo
As minhas intenções ficaram percebendo:
Tinha os olhos em sangue e a fronte em humidade.
Apesar de lhes ver a fria gravidade,
Falei-lhes d'esta forma:

— Escutem ao que venho.

Minha mulher é velha; eu sessenta annos tenho;
A' minha guarda estão dois netos que eu adoro;
Na humida mansarda onde com elles moro
Nem um farrapo existe, e a fome a todos rala.
Um leito no hospital, o corpo para a vala,
E' sorte por mim talvez, um pobretão,
Mas para a minha velha e para os netos — não!
Quero voltar sósinho ao meu trabalho honrado,

Mas preciso saber se isto é do vosso agrado,
Pois desejo evitar da intriga as investidas.
Tenho a cabeça branca e as mãos ennegrecidas...
Vejam que sou ferreiro ha quarenta annos já.
Irei ter com o patrão, eu só. Deixem que eu vá.
Quiz mendigar: não foi possível. N'esta idade
E' facil a desculpa... Indigno é na verdade,
Quando se traz na frente o sulco fundo e bello
Gravado pelo esforço altivo do martello,
Ir estender á esmola a nossa mão robusta.
De mãos postas vos peço! E' coisa um tanto justa
Que o primeiro a ceder seja eu, o mais antigo.
Deixem-me voltar, só, ao meu trabalho amigo,
Se isto incommoda alguém, resposta não me guarde.
... Um d'elles avançou e disse-me:

— Covarde!

Gelou-me o coração, vi tudo em sangue involto.
Olhei para quem tal palavra tinha solto:
Um robusto rapaz, mas de cara mesquinha;
Um farçante, amador de bailes e que tinha
Caprichosa melena em cada fonte, assim
Como as moças. E ria olhando para mim!...
Os outros... era tal o seu silencio attento,
Que eu sentia pulsar-me o coração, violento.

De subito, apertando a testa com a mão,
Exclamei:

— A mulher e os netos morrerão.
Pois seja! E nunca mais trabalho. Sem detença.
Eu te juro, porém, que has-de pagar-me a offensa,
E como a búrguesia ir-nos-emos bater!
Á hora? N'este instante! Armas? Posso escolher.
E — co'a bréca! — será o malho rijo, de aço,
Mais do que a espada ou a penna affeito ao nosso braço.

Testemunhas serão vocês, meus companheiros!
Vamos lá, façam roda, e dois malhos maneiros
Procurem por ahí, embora enferrujados.
E tu, insultador de velhos alquebrados,
Põe o teu tronco a nú, e cospe n'essa mão!

Correndo ferozmente a um canto, de roldão
Por entre elles, abrindo á força uma passagem
Dois malhos descobri n'um monte de ferragem,
E depois de escolher o que julguei melhor,
Foi nesse que entreguei ao meu insultador.
Elle zombava ainda, embora dubiamente.
Pegou na arma, e disse em tom meio indulgente
E receioso:

— Então! não sejas mau, velhote!..
Nem sequer respondi ao reles malandrote.
Avancei, avancei, cravando n'elle o olhar,
Fazendo ao de redor da cabeça girar
A minha ferramenta, arma do combate.
Nunca se viu um cão aos pés de quem lhe bate,

Desvairado, a tremer, a supplicar clemência
Co'os olhos, ter assim tão misera apparencia
Como a que eu vi em todo o corpo apavorado
Do tremulo poltrão, recuando, horrorisado,
E arrimando-se emfim contra a parede, exangue!
Mas era tarde. Um veo vermelho, um veo de sangue,
Qual denso nevoeiro — ai! — entre mim tombára
E aquelle inutil ser que o terror fulminára;
E d'uma vez, só d'uma, abri-lhe o craneo ao meio!

Sei que fui homicida e nada remedeio,
E acho que é mais justo ao meu crime sanguineo
Chamar, em vez de duelo, um simples assassinio.

Elle, morto aos pés, escancarava o craneo...
E eu sentindo então, d'impulso momentaneo,
O immenso remorso eterno de Cain.
Fiquei co'as mãos tapando a cara, até que emfim
Os companheiros meus em silencio avançaram
E, como quem me agarra, o corpo me abalaram.
Affastando-os de manso, e de aspecto sereno,
Disse-lhes simplesmente:

— A' morte me condemno.

Tirando o meu boné perante o auditorio,
Estendi-o assim como em bando precatório:
— Para a mulher e para os netos! implorei.
Dez francos recolhi, que logo lhes mandei.
Depois... fui entregar-me eu proprio ao commissario.

Aqui teem, senhor's, o breve elucidario
Completo do meu crime; e assim, bém inteirados,
Pódem deixar talvez de ouvir os advogados.
Eu mesmo, se contei com toda a minudencia,
Foi para lhes provar que ás vezes a affluencia
De varias causas tem um desfecho fatal.
Os pequenos agora estão no hospital,
Onde a minha mulher já morreu... de paixão....
Por isso, para mim! o degredo, a prisão,
Ou liberdade... é o mesmo, e não me dá cuidado.
— E se de morte fôr a sentença... — obrigado!

1898.

François Coppée

Trad. de Augusto de Lacerda.



O CREOULO

Quando eu era molecote,
Que jogava o meu pião,
Já tinha certo geitinho
Para tocar violão.
Quando eu ouvia,
Com harmonia,
A melodia
De uma canção,
Sentia gatos
Que me arranhavam,
Que me pulavam
No coração.

Fui crescendo, fui aprendendo,
Fui-me mettendo na malandragem!
Hoje sou cabra escovado,
Deixo os mestres na bagagem!..

Quando hoje quero
Dar a mão á lyra,
Ella suspira,
Põe-se a chorar.
As moreninhas
Ficam gostando
De vêr o creoulo
Preludiar.

Entrej para a Estrada de Ferro,
Fui guarda-freio destemido...
Veiu aquella grande grêve,
Por isso fui demittido.

Era um tal chefe,
Que ali havia,
Que me trazia
Sempre na pista;
Ah! não gostava
Da minha ginga;
Foi, apontou-me
Como grévista.

Como é o filho de meu pai
Do Grupo dos Estradeiros,
Fui p'ra a quarta companhia,
Lá do Corpo de Bombeiros.

Na companhia
'Stava alojado,
Todo equipado,
De promptidão;
Emquanto esp'rava
Brado de fogo,
Preludiava
No violão.

Fui morar em S. Christovão,
Onde morava meu mestre...
Depois de ter minha baixa,
Fui p'ra companhia equestre

Sempre na ponta,
A fazer successo,
Desde o começo
Da nova vida;

Rindo e brincando,
Nunca chorando,
Tornei-me firma
Bem conhecida.

Não me agasto em ser creoulo;
Não tenho mau resultado,
Creoulo, sendo dengoso,
Traz as mulatas de canto chorado.

Meus sapatinhos
De entrada baixa,
Calça bombacha,
P'ra machucar;
As mulatinhas
Ficam gostando,
E se babando
Co'o meu pizar..

Fui a certo casamento...
Puxei sciencia no violão,
Diz a noiva p'ra madrinha:
— «Este creoulo é a minha perdição.

'Stou encantada,
Admirada,
Como elle tem
Os dedos leves...
Diga-me ao menos
Como se chama...?»
«Sou o creoulo
Dúdú das Neves.»

Engenho Novo, Fevereiro de 1900.

Quadras para guitarra

I

Vão as pombas pelo céu,
Vão as canções pelo ar,
Vae na dança, junto ao meu,
O coração do meu par.

II

Se eu chegassè a ser estrella
e a brilhar no azul dos céos,
eu dava todo o meu brilho
só por um beijo dos teus.

III

Quando me tentas fitar,
meu peito envolve-se em dôr,
que os raios do teu olhar
são como espinhos de flôr.

IV

Meus olhos sentem-se presos,
mas não choram na prisão;
Deixal-os andar, deixal-os,
presos no teu coração.

V

Perguntou-me um labio amado
porque não choro e só canto:
E' porque eu guardo o meu pranto
para chorar o passado.

VI

Póde soluçar o lyrio
e o branco jasmim florente;
chore quem quizer, eu canto
porque me sinto contente.

VII

A luz, que tem sete côres,
com ellas não me seduz,
que o olhar dos meus amores
é mais brilhante que a luz.

VIII

Lanço meus olhos em volta,
lanço beijos em redor;
eu quero vêr se conheço
o rosto do meu amor.

IX

Quero envolver-me nas maguas
do teu seio que perfuma,
como se envolvem na espuma
as plantas filhas das aguas.



Quarenta e seis annos...

Fructo depois de ser semente humilde e flôr,
Na alta arvore n̄utriz da Vida amadureço.
Gozei, soffri — vivi! Tenho no mesmo apreço
O que o gozo me deu, e o que me deu a dôr.

Venha o inverno depois do outomno bemfeitor!
Feliz porque nasci, feliz porque envelheço,
Hei de ter no meu fim a gloria do começo:
Não me verão chorar no dia em que me fôr.

Não me amedrontas, Morte! O teu appello escuto,
Conto sem magua os soes que me acercam de ti,
E sem tremor, á porta, ouço o teu passo astuto.

Leva-me! Após a luta, o somno me sorri:
— Cahirei, beijando o galho em que fui flôr e fructo,
Bemdizendo a sazão em que amadureci.

Olavo Bilac.

O Lyrio da Campina

Viste o lyrio da campina?
Lá s'inclina
E murcho no hastil pendeu!
— Viste o lyrio da campina?
Pois, divina,
Como o lyrio assim sou eu!

Nunca ouviste a voz da flauta
A dôr do nauta
Suspirando no alto mar?
— Nunca ouviste a voz da flauta?
Como o nauta
E' tão triste o meu cantar!

Não viste a rola sem ninho,
No caminho
Gemendo se a noite vem?
— Não viste a rôla sem ninho?
Pois anjinho,
Assim eu gemo tambem!

Não viste a barca perdida,
Sacudida
Nas azas de algum tufão?
— Não viste a barca fendida?
Pois, querida,
Assim vae meu coração!



Ave Maria!

A noite desce, lenta e triste,
Cobrem as sombras a serranja,
Calam-se as aves, choram os ventos,
Dizem os genios: — Ave, Maria!

Na torre estreita do pobre templo
Resôa o sino da freguezia,
Abrem-se as flôres, Vesper desponta,
Cantam os anjos: — Ave, Maria!

No tosco albergue de seus maiores,
Onde só reinam paz e alegria,
Entre os filhinhos o bom colono
Repete as vozes: — Ave, Maria!

E longe, longe, na velha estrada,
Pára, e saudades á patria envia,
Romeiro exausto que o céu contempla,
E falla aos ermos: — Ave, Maria!

Incerto nauta por feios mares,
Onde se estende nevoa sombria,
Se encosta ao mastro, descobre a fronte,
Reza baixinho: — Ave, Maria!

Nas soledades, sem pão nem' agua,
Sem pouso e tenda, sem' luz nem' guia,
Triste mendigo, que as praças busca,
Curva-se e clama: — Ave, Maria!

Só nas alcovas, nas salas' dubias,
Nas longas mesas de longa orgia
Não diz o impio, não diz o aváro,
Não diz o ingrato: — Ave, Maria!

Ave, Maria! — No céo, na terra!
Luz d'alliança! Doce harmonia!
Hora divina! Sublime estancia!
Bem dita sejas! — Ave, Maria!



CARIDADE

Para um sarau em beneficio das Crèches

Era viuva e triste. Ella não tinha
Na sua existencia amargurada,
Outro consolo mais que a abençoada
Alegria da loira creancinha.

A profunda tristeza, a desventura
Do torturado abysmo do seu peito,
Dissipava-a por vezes a ternura
Do filhinho a sorrir-lhe satisfeito.

Era uma creança linda. Tamanha
A meiga timidez d'aquelle encanto,
Como a doçura intima e estranha
Do seu olhar immaculado e santo.

Não tinha ó brilho falso da riqueza
Na profusão de rendas e de folhos,
Mas que rosto gentil! E que pureza
No velludo sombrio dos seus olhos!

E para aquella mãe desventurada
Tinha a grande valia d'um thesoiro
A cabeça do filho aureolada
Numa touquinha de cabellos d'ouro.

Mas se ella era tão pobre! No seu lar
Faltava sempre o fogo crepitante,
Que pudesse os seus hombros num instante
Piedosissimamente confortar.

O pão, se o havia, era tão escasso
Que bem mal poderia a desditosa
Alimentar com elle todo o cansaço
Daquella sua vida tormentosa.

Lá por ella é o menos, não se cansa.
Com pouco a pobresinha se contenta.
Mas quem ha de calar essa creança,
Puro amor que nos braços acalenta?

Vós, oh Mães, que embalaes vossos Filhinhos,
Esses corpos de neve, estremecidos
Honrosissimamente recolhidos
Num bercito de pennas e de arminhos,

Bem podeis comprehender a sua magua,
O desespero enorme, torturante,
Que do peito lhe brota suffocante
E se espelha nos olhos rasos d'agua.

Vós que tendes para dar-lhe todo o bem
Que o vosso amor sonhou e a phantasia
N'uma tela vibrante d'harmonia
Primorosa teceu, dourou tambem!

Calculai a tortura desses entes,
A tortura que o pranto não acalma,
De quem não tem que dar aos innocentes
Que são tambem pedaços da sua alma.

Mas o quadro mudou, a caridade,
Essa pomba de luz, compadecida,
Pajrou por sobre a casa entristecida
Num impulso de immensa piedade.

Manhã de frio nevada,
O pequenino sorrindo
Adormecido, tão lindo,
Duma cor tão delicada,
Fazia lembrar por certo
O botão entreaberto
Duma camelia rosada.

A mãe exclama acordando:
«Emquanto estou no trabalho
Terá pão e agasalho
O meu anjô estremecido»
E parou contemplando
O gesto suave e brando
Do filhinho adormecido.

Por sobre elle docemente
Se inclina. E com ternura
Beijando suavemente
Os labios côr de romã
Do seu pequeno dormente
Em voz baixinho murmura:
« Meu filho, é quasi manhã »

E então a creancinha,
Ainda meio a dormir,
Olha p'ra mãe a sorrir
E soletra na expressão
Duma celeste oração:
« Levas-me á Crèche, Mãesinha ? »

Domitilia de Carvalho.



No infinito ..

I

Viver, pensar, sentir. Bem haja, natureza!
Ter alma é ter na vida um raio do infinito,
Que nos suspende o olhar eternamente fito
A contemplar-te sempre a esplendida grandeza!

II

Que te agradeça a lua a quietação dos mares,
As nevoas a campina, as nuvens o seu vento,
O lago a sua fonte, a estrella o firmamento,
E a terra envolta em luz a limpidéz dos ares..

O sol que te agradeça a etherea magestade,
O diadema de luz, o manto azul siderio,
O sol a quem tu deste o throno d'um imperio
No mundo, que a milhões lançaste a immensidade;

Mas eu que mal existo, um atomio do mundo,
Não mais, um pó da terra instantes animado;
Mas eu que sinto e penso e, muito embora ousado,
Me lança a esse azul como n'um mar sem fundo;

Eu quero agradecer-te o luminoso laço
Com que me tens suspenso em todo o pensamento,
Como suspende á esphera o sol no firmamento
E tu milhões de sóes nas amplidões do espaço.

Quem sabe a quanto sol a immensidade encerra,
Que afoga a sua luz na do outro sol suspensa,
E sempre, sempre assim n'uma cadeia immensa,
Tão longe que inda a luz lhes não chegou á terra!

Se alguém, porém, existe em toda a luz immerso,
Se tudo tem um fim como appetece á idéa,
Percorro, sem contar, os élos da cadeia
E julgo ver-te emfim no trono do universo!

Vejo-te ou julgo ver-te, ó Deus, ó providencia,
Não só no que me cerca, em mim que sinto e penso,
Na luz, que vem de ti, que vem do fóco immenso
Da vida universal, na luz da consciencia!

Mas se deriva a idéa no dar-se ás maravilhas
De tudo que fizeste, a estrella, o sol ardente,
Os céus, a terra, o mar, e tudo finalmente,
O que serás tu mesmo e a luz com que tu brilhas?

Talvez esse universo a pullular de espheras
Seja a tua alma immensa, onde se encadeia,
Tomando logo ser e forma, toda a idéa
Até que a lance o olvido no vertice das éras!

Persaste n'uma estrella, um mundo mais no espaço,
Uns seculos depois, se o dás ao esquecimento,
E' menos um viajor no azul do firmamento
Que deixa as amplidões sem lhes deixar um traço.

Mas o que fazes tu, se nada se aniquila,
Do pó de cada esphera ao apagar-se em summa,
Como no mar se apaga o phosphoro da espuma
Ou como apaga a morte a luz n'uma pupilla?

Que fazes tu d'um mundo em' proporções tamanhas
Ao despegar-lhe dos flancos arquejantes
Os oceanos seus em convulsões gigantes?
Fundidos nos caudaes da lava das entranhas?

Fizeste assim n'um d'esses cataclysmos
A terra, o nosso mundo, a illuminada esphera,
Que entrava a arder no azul, quem sabe se não era
Faisca do outro mundo a arder nos paroxismos?

E assim, talvez, assim renova' o mysterio
Da vida universal. Um mundo que envelhece,
Transforma-se, morrendo, em outro, que apparece
Rasgando pelo azul o seu caminho ethereo!

Assombras-me, infinito, ó mar de pensamentos,
Que em cada vaga tens prostradas de cansaço
Andorinhas ás mil, que um dia pelo espaço
Quizeram ir tambem até perder o alento!...

III

E acaso um foco existe em luz, em sóes immerso?
Acaso tudo acaba? Exige acaso a idéa
Que um élo ponha aos élos da cadeia
Vinculando o infinito ao throno do universo?

Vincular o infinito era negar que exista;
Marcar-lhe um foco, um centro, era marcar-lhe um raio;
E em pensamento, subo, e subo, e canço e caio,
Mas quanto mais subir, menos me abrange a vista;

Que a idéa do infinito é igual, na majestade
Desses mundos sem fim, á d'este grão de arêa,
Que eu penso em dividir e não me basta a idéa,
Para chegar-lhe ao fim, nem mesmo a eternidade.

Quem ha-de amesquinhar-te a esplendida grandeza
Buscando no teu seio um atomo, uma esphera,
Para chamar o nada ao que, ha momentos era
A parte do infinito, a tua, natureza?!

Cousa nenhuma acaba e tudo se transforma.
No tempo eternamente a instantes renovado
São germens do porvir as cinzas do passado,
Da vida no infinito é esta a lei, a norma.

IV

Pois porventura eu vivo? acaso a vida é isto?
A vida é o do infinito, o tempo, a eternidade...
Sei lá de quanto ser fez parte noutra idade
O que hoje me completa o ser, em que eu existo?

E, quando um dia fôr minha missão cumprida
No eterno transformar de quanto a vida encerra,
Sei lá de quanto ser, disperso pela terra,
Ha de inda ser o pó, que a mim me traz na vida?

Pois se o que chamam vida e tanto a vida creio
Como filtrando a terra e em nuvens pelos ares
A gotta d'agua é mar, só porque vem dos mares
E tarde ou cedo ha de ir findar-se-lhes no seio.

Se eu chego a confundir nos seios do infinito,
Tendo em seculos um e outro o seu momento,
O desabar d'um mundo em pleno firmamento,
O insecto a agonisar nos musgos do granito.

Vida! estulto sonhar! quem chama a isto vida!
Vida, o relampaguear de uns rapidos instantes
Do nascimento á morte! E então depois? E antes?
O nada? essa abstracção da phantasiosa lida?

Se o nada não existe, o nada o que fecunda?
Que ser podia dar-me o que meu ser continha?
Sou eu que sou da vida, a vida não é minha,
Sou do infinito e é d'elle a vida que me inunda.

A grande arvore — o tempo — empresta-me a existencia,
Sou-lhe em fragil haste pequena folha verde,
Que ella um dia sacode e logo alli se perde
Na seiva da raiz, da eterna florescencia.

Sou no mar do infinito, a gottã que elle impelle
A filtrar-se tambem no seio pela terra,
Que foi cahir na fonte e vai descendo a serra
Levada pela corrente a restituir-se a elle.

Correndo em turbilhões eternamente em lida
Por todo esse universo em collossaes arterias,
A estrella a circular nas amplidões ethereas
E o insecto pelo pó são igualmente a vida.

E mal se illuminou no azul do firmamento
Mais uma nova estrella, envolve-a o infinito
No turbilhão da vida, e a estrella achou prescripto
O seu itinerario e vida, o movimento.

Pois bem, a mesma lei da unanime materia
Organizou-me assim como organiza a estrella,
E á vida me lançou, como a lançara a ella,
Deu-me orbita na terra, os astros tem-na etherea.

A vida é no infinito o que é no mar o vento;
Se um barco surge mais, soltando a vela aos ares,
Vem a aragem da vida, a viração dos mares,
Encontra a véla erguida e dá-lhe movimento.

O vento é pois que a leva e nunca ao vento a véla,
Pois quando aberta a vaga, em que o batel fluctua,
Se afundam véla e barca, o vento continúa
Levando ás mil e mil como trouxera aquella.

V

Mas onde vais, ó barca, a velejar nas trevas?
Sem luz que te illumine, o que te vale a aragem?
Sabes sequer de ti faltando-te a miragem,
A consciencia do que és e vais e do que levas?

Harpa eolia surgiste e a aragem do nascente
Ao desferir-te os sons anima-te um momento,
Mas quanto falta ainda á corda em movimento,
A corda que vibrou, mas indecisamente.

Falta-te afinação, a ordem, a harmonia,
Falta-te o doce rythmo e o cadencial harpejo,
Ou da alma universal o vivido bafejo
A modular-te o accorde e n'elle a melodia.

Mal a esphera surgiu do aureo centro,
Ao repassar-lhe o seio a vida, que a levava,
Mil folegos lhe dava a expiração em lava
E punha-lhe a pulsar um coração lá dentro.

E, enquanto andar a esphera, o coração lhe pulsa
Em ondas pelo mar, em nuvens pelo horizonte,
Em flores na campina, em arvores no monte,
E em lume na montanha a respirar convulsa.

E ha cantos na ramada, e ha fontes pela escarpa,
Rugidos no palmar, caudaes nas serranias,
E ha perfumes e luz, murmurios e harmonias...
Em summa a véla ao vento ás vibrações da harpa.

Pois eu que sou da terra, e á vida lhe pertenco,
Como a terra é do sol e lhe pertence á vida,
Como além do ser tem vida transmittida,
Que reproduz no seio, — eu vivo e eu sinto e penso.

A terra tem o mar, as nuvens, o ar, o vento,
Tem pérolas, tem oiro e joias de mil côres,
Florestas e leões, perfumes, aves e flôres...
Eu tenho o coração e tenho o pensamento.

Um turbilhão de luz e um turbilhão de vento,
Vento—a vida e alma,—a luz. E quando eu sinto e penso
O que eu digo ser alma é d'esse dia immenso
A luz, que vem de embate, á véla em movimento.

Por isso a véla vem de sua escuridade
A' luz crepuscular inda indecisa e turva
Clareando a cada passo até que vence a curva
E a corôa de luz o sol da immensidade.

E segue, e segue avante e esplende emfim de alvura,
Na luz, que a banha a jorro inteiro ao vento solta,
E segue, e vem a sombra e segue, e desce e volta,
A um crepusculo inda e logo á noite escura.

Que a vida é como o sol passando no hemispherio.
Uns céos puros e azues no alvor da mocidade,
D'ahi a nada a tarde, as sombras da saudade...
Depois silencio, noite, o tumulto, o mysterio!...

Dois crepusculos só... A's vezes Deus reune-os
Cobrindo no zenith o sol mais reluzente!...
Ha nuvens pelo céu que o toldam tristemente;
Noites que véem mais cedo e chamam-se — Infortunios.

Ai! Quanto a mim me encanta a estrella scintillante!
Abençoada a hora em que eu surgi da treva
Votado a receber o raio, que me enleva
A deslumbrada vista em pleno espaço errante...

Que ter alma é ter luz, ter asa destemida
Poder fugir da terra embora prezo n'ella,
E, insecto por insecto, estrella por estrella,
Contar pelo infinito as pulsações da vida.

Ter alma é penetrar nos seios do futuro;
Lançar a dynamite ao flanco das montanhas,
E ver-lhes borbotar das collossaes' entranhas
Os jorros de crystal e as veias d'oiro puro.

E' sentir arquejar a audaz locomotiva
Devorando a extensão na rapidez do vento;
E' transformar em raio a idéa, o pensamento
Passando adjante ainda á hora fugitiva.

E' com pulmões de ferro respirando fogo,
Bradar no grande oceano aos páramos profundos;
Oh! mar, que os separastes, anda abraçar dous mundos:
E ver o mar immenso obedecer-nos logo.

E' ter onde occultar os intimos affectos
Como se occulta á hostia fulgidos sacrarios
E os perfumes da flor nos virginaes ovarios,
E o lar do rouxinol nos frondes dos abetos.

E' conter a desgraça, esse leão esfaimado,
E arrancar-lhe da garra ensanguentada e adunca
Que nunca teve alguém, quem lhe sorrisse, nunca,
Como o orphão no berço e o pallido engeitado.

E' combater a morte, a morte, a negra ceifadora,
Esse invisível monstro, o verme nauseabundo,
Que vai de leito em leito, anoitecer no mundo
As noites para sempre, as noites sem aurora.

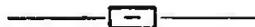
Ter alma, é ter na vida estrella deliciosa
Que nos transporta ao céo n'um raio de seu brilho,
Basta a voz d'um irmão, basta o sorrir d'um filho,
O beijo de uma mãe, o braço d'uma esposa.

Eu te agradeço pois o luminoso laço
Porque me tens suspenso em todo o pensamento,
Como suspende a esfera o sol no firmamento
E tu milhões de soes nas amplitões do espaço.

Emquanto me illumine o seu clarão celeste,
Hei de gloriar-te n'elle, oh mais que divindade,
Formando só do — Bem, do Bello e da Verdade,
O ideal, o throno azul da estrella que me deste.

Na altura desse ideal eu te amo e te contemplo;
Chamam-te o eterno Deus no templo do Uníversono:
Em pleno seio teu profundamente immenso
Eu chamo-te Infinito. E' mais; é Deus e templo.

Fernando Caldeira.



ROSAS

Segundo uma lenda antiga,
Maria com José
Fugindo á gente inimiga,
Transpoz caminhos a pé;

E á proporção que Maria
Deixava o rastro no chão,
Todo o caminho floria
De rosas em profusão.

Pelos trilhos e barrancas
Das estradas, viu-se em breve
O estendal de rosas brancas
Todo enfeitado de neve.

De um branco suave e doce
As rosas. Nenhuma havia
Pela terra que não fosse
Da côr dos pés de Maria.

Depois de tempos volvidos,
Ao peso de immensa cruz,
Pelos caminhos floridos
Um homem passa — Jesus.

E sobre o estendal de flores,
De seu corpo o sangue vae
Cahindo, e Elle, entre mil dôres,
Não geme, nem solta um ai.

Passou, e pelas barrancas
Sob as azas das abelhas,
Dos tufos das rosas brancas
Brotaram rosas vermelhas.

Só duas côres havia
De rosas que aqui registro:
A côr dos pés de Maria
E a côr das chagas de Christo.

Belmino Braga.

Prestito Funébre

Que alegrias virgens, campezinhas, fremem
Neste immaculado, límpido arrebol!
Como os galos cantam!... como as moras gemem!...
Nos olmeiros brancos, cujas folhas tremem,
Refulgente e nova passarinha o sol!...

Pela estrada, que entre cereaes ondeia,
Uma pequerrucha, — tro-la-ró lará! —
Vae cantando e gujando o carro para a aldeia...
São os bois enormes, e a carrada cheia
Com um castanheiro apodrecido já.

Oh! que donaires, linda boeirinha!
Grandes olhos garços, sorrisinho arisco...
D'agulhada em punho, lepida caminha,
Com a graça aerea d'ave ribeirinha,
Verdilhão, arveola, toutinegra ou pisco.

Loira, mas do loiro fulvo das abelhas;
Fresca como os cravos pelo amanhecer;
Brincos de cerejas presos nas orelhas,
Na boquita rosea tres canções vermelhas,
Na aguilhada, ao alto, uma estrelinha a arder!

Descalcinha e pobre, mas sem ar mendigo,
Nada mais esvelto, mais encantador!
Veste-a d'oiro a gloria do bom sol amigo...
O chapéu é palha que inda ha um mez de trigo,
A saia é linho inda ha bem pouco em flôr!...

E os dois bois enormes, colossaes, fleugmaticos,
Na alleluia immensa, triumphal, da aurora,
Vão como bondosos monstros enygmaticos,
Almas porventura d'ermitões estaticos,
Ruminando Biblias pelos campos fóra!

Ao arado e ao carro presos noite e dia,
Como dois grilhetas, quer de inverno ou v'rão!
E, submissos, uma pequerrucha os guia!
E nos sulcos que abrem canta a cotovia,
As boninas riem-se e amadura o pão!..

Levam as serenas fronte magestosas
Enramalhetadas como dois altares:
Mãesilvas, loiros, pampanos, mimosas,
Abelhões ardentes desflorando rosas,
Borboletas claras em noivado, aos pares!..

E eis no carro morto o castanheiro, enquanto
Melros assobiam nos trigaes além!..
Heras amortalham-no em seu verde manto!..
Deu-lhe a terra o leite, dá-lhe a aurora o pranto!..
Que feliz cadaver, que até cheira bem!..

Musgos, linches, fectos, — chimica incessante! —
Fazem montões d'almas dessa podridão!..
Já nesse esqueleto secco de gigante,
Sob a luz vermelha, num festim radiante,
Mil milhões de vidas polulando estão!..

Sempre á fortaleza casa-se a doçura:
Como o leão da Biblia morto num vergel,
Do seu tronco ainda na caverna escura
Um enxame d'oiro rutilo murmura,
Construindo um favo candido de mel!..

Oh, os bois enormes, mansos como arminhos,
Meditando estranhas, incubas visões!..
Pousam-lhe nas hastes, vêde, os passarinhos,
E por sobre os longos, torridos caminhos
Dos seus olhos cahem bençãos e perdões!..

Chorarão o velho castanheiro ingente,
Sobre o qual dormiram sestas estivaes?
Almas do arvoredó, o seu olhar plangente
Saberá acaso mysteriosamente
Traduzir as linguas em que vós falaes?!

Castanheiro morto! que é da vida estranha
Que no ovario exiguo duma flôr nasceu,
E criou raizes, e se fez tamanha,
Que trezentos annos sobre uma montanha
Seus trezentos braços de colosso ergueu?

Onde a alma, origem dessas fórmãs bellas?
Em tão varias fórmãs que sonhou dizer?
Qual a idéa, ó alma, convertida nellas?
E desfeito o encanto que nos não revelas.
Que apparencias novas tomará teu ser?..

Noite escura!... enygmata!... Ai! do que eu preciso,
Boeirinha lida, linda d'encantar,
E' dessa innocencia, dêsse paraiso,
Da alegria d'oiro que ha no teu sorriso,
Da candura d'alva que ha no teu olhar!...

Grandes bois que adoro, p'ra fortuna minha,
Quem me déra a vossa mansidão christã!
Arrotear os campos, fecundar a vinha,
E nos olhos garços duma boeirinha,
Ter duas estrellas virgens da manhã!...

E tambem quizera, mortos castãneiros,
Como vós erguer-me para o sol a flux,
Dar trezentos annos sombra aos pegureiros,
E num lar de choça em festivaes brazeiros,
A aquecer velhinhos, desfazer-me em luz!...

Guerra Junqueiro.



A tua janella

Todos os dias na rua
Defronte dessa janella,
Que barbaridade a tua,
Porque não chegas a ella?

O quente sol no horisonte,
Com todo o fogo d'agosto,
E eu na rua e eu defronte
Da tua janella posto.

Dezembro, o mez inclemente,
O sangue nas veias gela,
E eu na rua, e eu em frente
Em frente/ dessa janella.

Sempre esta idéa constante:
Ah! meu Deus, se eu hoje a visse!
Se ao menos, um só instante
A janella hoje se abrisse!

E nunca se abre, Senhor!
Abrem-se os labios num riso,
O botão abre-se em flor,
Abre-se o teu paraiso.

Abre-se a concha do mar,
Onde a perola se encerra,
A semente, a germinar,
Abre-se o seio da terra.

Abrem-se os braços da mãe,
Para abraçar o filhinho,
E as aves abrem também
As asas por sobre o ninho.

Abre o seu calice a rosa,
Abre-se o mar tão profundo,
Só tu, janella teimosa,
Nunca te abriste um segundo.

Pois, fica sempre fechada,
Como a noite mais escura,
Como uma alma condemnada,
Como negra sepultura!

Mas o que estou a dizer!
Meu Deus! meu Deus, o que eu disse!
Ai! que infinito prazer,
Se a janella hoje se abrisse!



Serenata Indiana

Um doce rio desliza
Por entre arvores gigantes,
A' claridade indecisa
Das estrellas scintillantes.

Espalham cheiros nos campos
As florestas, tropicaes,
Volitam os pyrilampos
Por sobre os verdes juncaes.

Já se não ouvem os trilos
Que ao solo mudúlam as aves,
Ouve-se o cri-cri dos grilos
E uns sussurros mais suaves.

Ha o murmurio do rio,
Ha o frémito da relva,
E o flébil ciciar macio
Das ramarias na selva.

Brilha n'agua a tremulina,
Reflexo movel da lua,
Scintillação argentina
D'uma luz tibia mas crua.

Sopra uma tépida aragem:
Grupos de esbeltas palmeiras
Accentuam na paizagem
As estaturas ligeiras.

A brisa faz baloiçar
As palmas e os troncos lesto,
Que parecem ao luar.
Gigantes fazendo gestos.

A' janella d'um cottage,
Que ao pé do rio se eleva,
Está, com um branco traje,
D'aquelle Eden a doce Eva.

Por baixo d'essa janella
A poucos passos do rio,
Com os olhos fitos n'ella
E preso ao fundo amavio,

Que exhala em torno a creoula,
(Como um perfume se exhala
Do seio d'uma cassoula,
Vê-se um rapaz que lhe fala,

Escutemos nós os dois:
Quinze annos ella, elle vinte...
Leitora! eu espero pois
Que lhe desculpe o seguinte.

*

* *

«A' janella^e onde te inclinas,
Quero e não posso trepar;
Se as tuas mãos pequeninas
Me quizessem ajudar!...

«Tu és a vida desta alma,
Viver sem ti é morrer;
Tu és a unica palma
Que eu desejava colher.

«Para mim tem menos graça
A mais bella flôr d'abril,
Que o teu vulto quando passa
Com esse porte gentil.

«A tua bocca vermelha
Tem o viço duma rosa:
Quem me dera ser abelha
E libar-te o mel, formosa!

« Quando aspiro o halito doce,
Que exhalas, sinto um deleite
Suave como se fosse
Um fresco aroma de leite.

« Tu não sabes como enturvas
O meu olhar, mal assomas,
Se recahe nas doces curvas
Das tuas virgineas pomas.

« O teu cabelo tão negro,
Faz a inveja, a raiva, o escandalo
Das rivaes... Só eu me alegre,
Mal lhe sinto o cheiro a sandalo.

« Esse teu collo de Venus
Parece feito de lyrios,
Mas parece ter venenos,
Porque me causa delirios.

« A tua voz, ó creoula,
Tem essa meiga ternura
Do gemer da triste rola
Que o perdido par procura.

« Macio como o velludo
E' teu olhar, minha flôr;
Quando o vejo fico mudo,
Do rosto fico sem côr.

« Esse teu olhar deslumbra;
De noite, se olhas é dia!
Dissipa a treva e a penumbra
Esse olhar que me alumia.

« Esses dois lípidos mundos,
Que vejo atrás de teus cílios,
Commettem gostos profundos,
Commettem não sei que idyllios.

« Para evitar os escólhos
Da vida, tenho uns pharões,
Só nos teus húmidos olhos
Que brilham como dois sóes.

« Quando te vejo sorrir,
Parece-me vêr immerso,
Desde o zenith, ao nadir,
Em alegria o universo.

« Vi-te chorar uma vez,
Pareceu-me que chorava
O céu e a terra... Bem vês
Que a minha alma é tua escrava.

« Para beber os teus prantos
Dava a sciencia dos sabios,
E dava a gloria dos santos
Por um beijo desses labios!

*
* *
*

Ouviu-se então outra voz
Dizer: só nos vê a lua...
Pois bem! já que estamos sós,
Confesso, amo, sou tua!

Depois sómente se ouviu
O ciciar dum longo beijo...
E á luz da lua elle viu
Que ella córava de pejo.



A esmola do pobre

Nos toscos degraus da porta
D'egreja rustica e antiga
Velha, tremula mendiga,
Implorava compaixão.
Quasi um seculo contando
De tormentosa existencia,
Eil-a, triste, na indigencia,
Que á piedade estende a mão.

Duas creanças brincavam
A' distancia, na alameda,
Uma trajava de sêda,
Da outra humilde era o trajar:

Uma era rica, outra era pobre
Ambas louras e formosas,
Nas faces a côr das rosas.
Nos olhos o azul do mar.

A rica, ao deixar dos jogos,
Vencida pelo canção,
Viu a mendiga e ao regaço
Uma esmolã lhe lançou.
Ella recebe-a e a creança
Que a soccorre compassiva
Em prece feryente e viva
Aos anjos encommendou.

D'um ligeiro sentimento
De vaidade possuida
A' creança mal vestida
Disse a do rico trajar:
— O prazer de dar esmolas
A ti, aos teus não é dado,
Pobre como és, coitado!
Aos pobres o que has-de dar?

Então a creança pobre
Sem mais sombra de desgosto
Tendo um sorriso no rosto,
Da egreja se aproximou;
E após, serena, em silencio,
Ao chegar junto da velha,
Descobrando-se ajoelha
E a magra mão lhe beijou.

E a mendiga alvoroçada
Ao collo os braços lhe lança
E beija a pobre creança,
Chorando de commoção..
— E' assim a Caridade:
De pobre a pobre consola.
Não só da mão sae a esmola,
Sae tambem do coração!

Julio Diniz



O Fado Liró

Guitarra, guitarra, geme,
Que o meu peito todo freme
Quando choras pianinho..
Não ha fado côm mais alma
Que o liró, pois leva a palma
Té ao proprio choradinho.

As duquezas e condessas
Ao cantal-o pedem meças,
Sem receio de perder;
Nas areias de Cascaes
Tem meu fado encantos taes
Que é da gente endoidecer!

II

Guitarra, guitarra amiga,
Quando boto uma cantiga
No mais famoso salão,

Tua voz, gemendo anciosa,
Torna a minha carinhosa
E até chega ao coração.

Qualquer faja canta o fado
P'la guitarra enthusasmado,
Até canta o bom burguez!
Foi fadista o Vimioso,
Co'a Severa ardendo em gozo,
Pois o fado é portuguez!

Guitarra, as cordas estala,
de um coração que te fala,
afogado em pranto e dó.
Guitarra! amor! vida minha!
amor que ainda não tinha,
meu coração triste e só!..

Guitarra! as cordas rebenta
quando a minh'alma em tormenta
vejas contigo estalar:
como baixei naufragado
nas ondas do mar cavado,
vejas emfim sossobrar.

Guitarra! acode! soccorro!
que d'amor eu por ti morro!
sejas tu o mausoleo
d'este amor sem teu encanto,
minha Senhora do Pranto,
que me fugiste do céu!

Guitarra! faze que eu cante,
de modo que o meu amante
contigo possa voltar
ao céo da minh'alma afflicta!
O' minha virgem bemdita,
aqui t'o rogo a chorar!

OUTRAS COPLAS

Guitarra, guitarra, geme,
Que meu peito todo freme
Ao cantar o nosso amor!
Passemos a vida unidos
A soltar nossos gemidos
P'ra acalmar a nossa dor.

Pois se a vida são dois dias,
Procuremos alegrias,
Gosar a vida é mistér;
Esqueçamos a tricana,
Se ella nos é deshumana
Busquemos outra mulher.

Dentre as verdes ramarias
Se ouvem bellas poesias,
Que se echoam no choupal;
São versos cheios de dôres
De quem soffre por amores,
De quem sente um grande mal.

Neste mundo, quando a gente
Ama verdadeiramente,
E' como o doce Jesus:

Mil tormentos vae sentindo
Sem protestos conduzindo
A sua pezada cruz!



Noivado na aldeia

— « Andaram na aldeia,
Ha bem poucos dias,
Alguns da cidade,
Prégando heresias.

Botaram-se aos santos,
Ao padre prior,
E até contenderam
Com Nosso Senhor!

— « Ouviste aos homens? »
— « Ouvi-os, Iria »
— « Que vae na cidade.
Com tanta heresia! »

Dois annos que eu fôra
Mais velho, abastava;
E o demo os levasse,
Se os não estoirava!

A fructa é avondo.
Ao que mostra o pão
Não cabe nas eiras.
E o vinho... isso então!

Nunca vi um maio
Tão bem assombrado,
Assim Deus nos guarde
Dalgum mau olhado!

Que tal a gente brava
Daquelle pensar,
E' capaz de trazer-nos
A peste ao logar!

— « Escuta, ó meu Carlos...
— « Dize tu, Iria.»
— « Bateram Trindades,
E eu cá entendia:

A' minha madrinha,
Que é Nossa Senhora,
Ir a gente juntos,
E rezar-lhe agora!»

Entraram na ermida,
O Carlos e a Iria
Cortados de medo,
Por tanta heresia.

Rogaram mãos postas
A' Virgem Maria!

Quatro annos contados,
Depois desse dia,
Numa manhãzinha,
Mal o sol rompia,
Na mesma capella
De Santa Maria,
Casavam-se uns noivos...
O Carlos e a Iria.

Bulhão Pato.



O funeral da pomba

Um pequenino a soluçar, caminha
A' tarde pela estrada;
Vae, de capa encarnada,
A agitar tristemente a campainha.

Abre o prestito, á frente, o irmão mais velho
Com ares d'infeliz;
Leva uma cruz alçada e um Evangelho,
E uma saia a fingir sobrepeliz.

Tres creancinhas vão
Tirando o carro com sentida magoa,
A enxugar — coitaditas! — com a mão
Os olhos rasos d'agua!

A pomba vai deitada
Sobre um colchão de folhas setinosas;
Abriga-a uma ramada
Toda feita de petalas e rosas.

Vão raparigas a espargir-lhe em roda
As flrões que despontam no caminho
E as longas azas, que a encobrem toda
Duma brancura doce,
Deixam-na ir assim como se fosse
Amortalhada num lençol de linho!

No ar adeja o bando
Dos rouxines, soltando
Uns dolorosos pios!...

Das folhas do arvoredo
Pendem sentidas lagrimas em fios.

E pelo pinheiral
Perpassa o vento a soluçar a medo,
Como quem chora em intimo segredo,
Ao vêr passar o triste funeral!

Alberto Braga.



Cantigas populares

S. João p'ra vêr as moças
Fez uma fonte de prata;
As moças não vão a ella,
S. João todo se mata.

S. João adormeceu
Nas escadinhas do côro,
Deram as freiras com elle,
Depenicaram-o todo!

O S. João embarcou
Com vinte e cinco donzellas.
Embarca, não desembarca,
S. João no meio dellas.

O' meu rico S. João,
Que daes a quem por vós chama,
A's solteiras bom marido,
A's casadas boa fama.

O altar de S. João
E' um jardim de flôres,
Enfeitado pelas moças
Com sentido nos amores.

O' meu S. João Baptista,
A vossa capella cheira,
Cheira a cravos, cheira a rosas,
Cheira a flôr de laranjeira.

S. João adormeceu
Debaixo da laranjeira,
Cahiu-lhe a folha por cima,
S. João que tão bem cheira!

Ahi vem o S. João,
Quem n'ò ha de ir esperar?
Hão de ser as lavadeiras
Que estão no rio a lavar.

Que festas farão os mouros
No dia de S. João?
Correm todos a cavallo
Com cannas verdes na mão.



A Patria Portugueza

Qual é a tua patria, ó portuguez? E' o Douro
Com os seus alcantis, pomares, vinhedos, fontes?
O Minho, esse vergel, todo esmeralda e ouro?
A sorridente Beira? A altiva Tras-os Montes?

Qual é a tua patria abençoada? E' o Tejo?
A encantadora Cintra, escritorio aurifulgente?
A nobre Extremadura? O soberbo Alemtejo?
Lisboa, a capital grandiosa e surprehendente?

— Oh! não! a minha patria é bem maior, mais bella
Que tudo que apontaes. Nem ha outra como ella!—

Qual é a tua patria, ó portuguez? E' o Sado?
A provincia do Algarve, esse torrão fecundo?
A cidade do Porto, invicto burgo honrado
Que ao nome « portuguez » deu origem ao mundo?

Qual é a tua patria excelsa? E' o Guadiana?
Evora, Montemor? Setubal, a Figueira?
A lusa Athenas Coimbra? A região Limiana?
A Arrábida frondosa? As praias da Ericeira?

— Oh! não! a minha patria é bem maior, mais bella
Que tudo que apontaes. Nem ha outra como ella! —

Qual é tua patria, ó portuguez? E' a ilha
Da Madeira, esse amor, paraíso de amores?
E' o alegre Funchal, que a vista maravilha?
Porto-Santo? A Guiné? Cabo Verde? Os Açores?

Qual é a tua patria afamada? Qual é?
O teu berço natal? Que a tua voz o indique!...
Congo, Macau, Timor, Príncipe, S. Thomé?
Nova Gôa, Pangim? Angola, Moçambique?

— Oh! não! a minha patria é bem maior, mais bella
Que tudo que apontaes. Nem ha outra como ella! —

A patria portugueza abrange a terra inteira
Envolve até o Ceu, o illimitado azul;
Vae desde a velha Europa á terra brasileira,
Alastra pelo mar, do pólo norte ao sul.

O meu berço natal comprehende aquella extensa
Lista, que referis.. e mais ainda, sim..
Tanger e Mazagão, Ormuz.. e Olivença.
Ceuta, Fernando Pó, Arzila e Bombaim!

A patria portugueza é a maior, a mais bella
De quantas Deus creou! Não ha outra como ella!

N'uma empreza titan, n'uma tarefa ingente,
Ergueu a Cruz de Christo em remotos sertões...
Avassalou o oceano e descobriu o Oriente;
Difundiu pelo globo o idioma de Camões!

O passado e o presente... o velho mundo e o novo...
O sangue, a cinza, o pó dos nossos ancestraes...
O conjuncto de acções d'um pequenino povo -
Que Deus predestinou p'ra feitos immortaes!

A patria Portugueza é a maior e a mais bella
De quantas cobre o Ceu! Bem dita seja ella!

Delfim Guimarães.

O Corvo

(Traduzido de Edgar A. Poe).

Era em certo dia, á hora, á hora
Da meia noite, que apavóra,
Eu, cahindo de somno e exausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga
De uma velha doutrina, agora morta,
Ia pensando, quando ouvi á porta
Do meu quarto um soar devagarinho,
E disse estas palavras taes:
«E' alguém que me bate á porta de mansinho;
Ha de ser isso e nada mais.»

Ah! bem me lembro! bem me lembro!
Era no glacial Dezembro;
Cada braza do lar sobre o chão reflectia
A sua ultima agonia,
Eu, ancioso pelo sol, buscava
Sacar daquelles livros que estudava
Repouso (em vão!) a dôr esmagadora
Destas saudades immortaes,
Pela que ora nos céos anjos chamam Lenora,
E que ninguem chamará mais.

E o rumor triste, vago, brando
Das cortinas ia acordando
Dentro em meu coração um rumor não sabido,
Nunca por elle padecido.
Emfim, por aplacal-o aqui no peito,
Levantei-me de prompto, e: «Com effeito,

(Disse) é visita amiga e retardada
Que bate a estas horas taes.
E' visita que pede á minha porta entrada:
.Ha de ser isso e nada mais

Minh'alma então sentiu-se forte;
Não mais vacillo e desta sorte
Falo: «Imploro de vós, ou senhor ou senhora,
Me desculpeis tanta demora.
Mas como eu, precisando de descanso,
Já cochilava, e tão de manso em manso
Bafestes, não fui logo, prestemente;
Certificar-me que ahi estaes.»
Disse; a porta escancáro, acho a noite sómente,
Sómente a noite, e nada mais.

Com longo olhar escuto a sombra,
Que me amedronta, que me assombra,
E sonho o que nenhum mortal ha sonhado.
Mas o silencio, amplo e calado,
Calado fica; a quietação quieta;
Só tu, palavra unica e dilecta,
Lenora, tu, como um suspiro escasso,
Da minha triste bocca sahes;
E o echo, que te ouviu, murmurou-te no espaço:
Foi isso apenas, nada mais.

Entró co'alma incendiada.
Logo depois outra pancada,
Sôa um pouco mais forte; eu voltando-me a ella
«Seguramente ha na janella
Alguma coisa que sussurra. Abramos,
Eia, fórá o temor! Eia, vejamos

A explicação do caso mysterioso
Dessas duas pancadas taes.
Devolvamos a paz ao coração medroso,
Obra do vento e nada mais.

Abro a janella, e de repente,
Vejo tumultuosamente
Um nobre corvo entrar, digno de antigos dias.
Não desprende em cortezias
Um minuto, um instante. Tinha um aspecto
De um lord ou de uma lady. E prompto e recto
Movendo no ar as suas negras azas,
Acima vò a dos portaes,
Tropa no alto da porta, em um busto de Pallas;
Trepado fica, e nada mais.

Deante da ave feia e escura,
N'aquella rigida postura,
Com o gesto severo, — o triste pensamento;
Sorriu-me alli por um momento,
E eu disse: «O' tu, que das nocturnas plagas
Vens, embora a cabeça nua tragas,
Sem topete, não és ave medrosa.
Dize os teus nomes senhoriaes;
Como te chamas tu na grande noite umbrosa?
E o corvo disse: Nunca mais».

Vendo que o passaro entendia
A pergunta que eu lhe fazia,
Fico attonito embora a resposta que dera
Difficilmente lh'a entendera.
Na verdade, jámais homem ha visto
Cousa na terra semelhante a isto:

Uma ave negra friamente posta
Num busto, acima dos portaes,
Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
Que este é o seu nome: «Nunca mais».

No entanto o corvo solitario
Não teve outro vocabulario,
Como se essa palavra escassa que alli disse
Toda a sua alma resumisse.
Nenhuma outra proferiu, nenhuma,
Não chegou a mecher uma só pluma,
Até que eu murmurei: «Perdi outr'ora
Tantos amigos tão leaes!
Perderei tambem este, em regressando a aurora».
E o corvo disse: «Nunca mais»

Estrêmeço. A resposta ouvida
E' tão exacta! é tão cabida!
«Certamente, digo eu, essa é toda a sciencia
Que ella trouxe da convivencia
De algum mestre infeliz e acabrunhado
Que o implacavel destino ha castigado,
Tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga,
Que dos seus cantos usuaes
Só lhe ficou na amarga e ultima cantiga,
Esse estribilho: «Nunca mais».

Segunda vez, n'esse momento
Sorriu-me o triste pensamento:
Vou sentar-me defronte ao corvo magro e rude;
E mergulhando no velludo
Da poltrona que eu mesmo alli trouxera
Achar procuro a lugubre chimera,

A alma, o sentido, o pávido segredo
Daquellas syllabas fataes,
Entender o que quiz dizer a ave! do medo
Grasnando a phrase: «Nunca mais».

Açsim posto, devaneando,
Meditando, conjecturando,
Não lhe fallava mais; mas, se lhe não fallava,
Sentia o olhar que me abrazava
Conjecturando fui, tranquillo, a gosto,
Com a cabeça no macio encosto
Onde os raios da lampada cahiam,
Onde as tranças angelicas
De outra cabeça outr'ora ali se despargiam,
E agora esparzem mais.

Suppuz então que o ar, mais denso,
Todo se enchia de um incenso,
Obra dos seraphins que, pelo chão roçando
Do quarto, estavam meneando
Um ligeiro thuribulo invisivel;
E eu exclamei então: «Um Deus sensivel
Manda repouso á dor que te devora
Destas saudades immortaes.
Eia, esquece. Eia, olvida essa extincta, Lenora».
E o corvo disse: «Nunca mais».

«Propheta, ou o quer que sejas!
Ave, ou demonio que negrejas!
Propheta sempre, escuta: Ou venhas tu do inferno
Onde reside o mal eterno,
Ou simplesmente, naufrago escapado,
Venhas do temporal que te ha lançado

Nesta casa, onde o Horror profundo
Tem os seus lares triumphaes,
Dize-me: existe acaso um balsamo no mundo?
E o corvo disse: «Nunca mais»

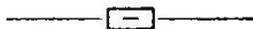
« Propheta ou o quer que sejas!
Ave ou demonio que negrejas!
Propheta sempre, escuta, attende, escuta, attende,
Por esse céo que além se estende,
Pelo Deus que ambos adoramos, falla,
Dize a esta alma se é dado inda escutal-a,
No Eden celeste a virgem que ella chora
Nestes retiros sepulcraes,
Essa que ora nos céos anjos chamam Leonora! »
E o corvo disse: « Nunca mais. »

« Ave ou demonio que negrejas!
Propheta, ou quer que sejas!
Cessa, ai, cessa! clamei, levantando-me — cessa!
Regressa ao temporal, regressa
A' tua noite, deixa-me commigo.
Vai-te, não fique no meu casto abrigo
Pluma que lembre essa mentira tua.
Tira-me ao peito essas fataes
Garras que abrindo vão a minha dôr já crua.»
E o corvo disse: «Nunca mais.»

E o corvo ahí fica; eil-o trepado.
No branco marmore lavrado
Da antiga Pallas eil-o immutavel, ferrenho
Parece ao ver-lhe o duro cenho,
Um demonio sonhando. A luz cahida
Do lampeão sobre a ave aborrecida,

No chão espraia a triste sombra; é fóra
Daquellas linha funeraes
Que fluctuando no chão, a minha alma que chora
Não sahe mais, nunca, nunca mais!

Machado d'Assis.



O Baile das Mumias

IMPRESSÕES DA MEIA NOITE

Meia noite! O triste bronze
Suspirou saudoso já...
Além rangeram as campas,
Alguem gemeu... Quem será?
Na ogiva do campanario
Negro mocho solitario
Soltou sangrenta canção...
E a briza, os ares rasgando
Crava os labios blasphemando,
Nas entranhas d'amplidão!

Tudo é silencio... Nos ares
Feio insecto perpassou;
Soam gritos, geme o echo
Como um craneo que estallou!
Quem é? Quem soffre a esta hora?
Que condemnado é que implora?
Serão phantasmas de horror?
Serão almas dispersadas,
Das tumbas afugentadas,
Inda nas febres do amor?

Somem-se os astros nublados,
Vela-se a face dos céos,
Surgem caveiras de mumias
Das fendas dos mausoléos!
Como alampadas funereas,
Refulgem chãmmas aereas,
Pendentes do salgueiral...
No rouco clarim dos ventos
Tremem profundos lamentos
De uma lascívia infernal!

Meia noite! hora de sangue,
Hora de febres fataes,
Hora em que gemem saudades
Dos tempos que não vem mais;
Quando os pallidos precitos
Requeimam labios malditos
Em taças negras de fél,
Quando as boccas dos finados
Soltam gritos compassados
Pedindo sangue ao bordel!

Silencio! O baile dos mortos
Vai agora começar!
Das tumbas surgem gigantes
Para o tremendo valsar...
Já soberbos se agitaram
Genios que outr'ora habitaram
Neste mundo como nós;
Por seus cabellos poeirentos
Os vermes passeiam lentos,
— Requintado adorno atroz!

Em torno á torre da igreja,
Onde reza o furacão,
Negreja o bando agourento
Das aves da escuridão
Erguidos, ebrios, sedentos,
Os phantasmas macilentos
Arrastam tremulos pés...
E o morcego agita as asas,
Por sobre as lapides rasas
Como o archanjo do revés!

Rompe a orchestra, o baile rompe,
A tempestade assobia;
Giram nas valsas os vultos,
Arde a febre, vive a orgia!
Bem como um bando de gralhas
Passam nas brancas mortaldas
Os convivas do festim;
E as grutas fundas, rasgadas,
Respondem com gargalhadas
Ao som da orgia sem fim!

«Avante! avante! consocios!
Genio das trevas, dançai!
Bebei nos craneos quebrados
Rubro licor, e folgai!»
Então, num vortice enorme,
Gira doida a massa informe
Dos convivas sepulcraes...
Reboam, sobem os gritos,
Fumegam lumes malditos
Nas grimpas dos pinheiraes!

Dançam as hostes dos genios...
Byron dança — o colossal
Gigante das tempestades,
Segredando ao vendaval!
Grande, immenso, redivivo,
Shakspeare dança altivo,
Enchendo a vasta amplidão...
Do mar ao surdo ribombo!
Dança orgulhoso Colombo.
Partindo os raios co'a mão!

E o Dante, pallido, immenso
Quebrando a campã co'os pés,
Pelos cabellos sacode
Do inferno as furias crueis!
E depois, funereo, ingente,
Salta Goethe omnipotente
Com mais dois vultos além...
Silencio, abysmos! — São elles...
E' Fausto e Mephistopheles
Que ao baile voam tambem!

E as damas funebres dançam!
Com redobrado fragor!
Com Petrarcha dança Laura,
Com Tasso dança Eleonor!
Romeo conduz Julieta...
Com Camões — laureado athleta,
Vem Catharina ao festim...
E, sobre as frias alfombras,
Dessas phalanges sem fim!

Ruge a orgia. Tristes, graves,
Fendendo as ondas de pó,
Homero e Milton — dois cegos,
Não dançam, não, surgem só!
E, depois, grandes, risonhos,
Em negros corseis medonhos,
Dos sec'los rompendo o véo,
Ambos elles transportados,
Vão como que arrebatados
Cravar estrophes no céo!

Redobra o baile das mumias,
Gritam as ondas além...
Passam, repassam as sombras
Em furibundo vaivem!
Soam lugubres trombetas...
Debatem-se as nuvens pretas,
— Feras do espaço a rugir!
Das fauces negras do abysmo
Rompe, salta o cataclysmo
Que ameaça o baile extinguir!

« Bravo! bravo » diz o vento:
Grita o trovão — « Muito bem! »
Os cyprestes batem palmas,
Como applaudindo tambem...
Sôa o rufô... A festa augmenta.
Deus sobre um raio se assenta
E vem nas tumbas pousar!
Batem nas lousas os craneos,
Somem-se os vultos titaneos,
Arde em fogo o lupanar!

E as nuvens, pavidas, tremulas,
Deitam depressa a correr.
Medroso trovão ao longe
Vae gaguejando morrer...
E os morcegos espantados
Fogem, correm dispersados,
Numa carreira sem' fim;
E sobre as torres pousadas,
As corujas debruçadas
Espreitam esfomeadas
Os destroços do festim!

Carlos Ferreira.

Quero morrer

Quero morrer dormindo nos teus braços,
sentindo palpitar o peito teu,
n'um leito nupcial alabastrino,
coberto com cortinas côr do céu;

Quero morrer entre soluços ternos,
na crença de um amor que não findou,
sentindo dos teus olhos os langores,
o fogo divinal que me queimou!

Quero morrer, quero acabar a vida,
depois um dia só te pertencer:
gostando os beijos teus que me embriagam,
quizera ter mil vidas p'ra morrer!

Quero morrer, quero findar as dôres,
quero, enfim, descansar da minha dôr!
Quero morrer, cantando nos teus braços
um canto divinal de meu amor!



O Cantico do Calvario

Eras na vida a pomba predilecta
Que sobre um mar de angustias conduzias
O ramo da esperança. Eras a estrella
Que entre as nevoas do inverno scintillava,
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idyllo de um amor sublime.
Eras a gloria — a inspiração, a patria,
O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,
Pomba — varou-te a flecha do destino!
Astro — Enguliu-te o temporal do norte!
Tecto — cahiste! Crença — já não vives!

Correi, correi, oh! lagrimas saudosas,
Legado acerbo da ventura extincta,
Dubios archotes que a tremer claream,
A lousa fria de um sonhar que é morto!

Correi! um dia vos verei mais bellas
Que os diamantes de Ophir e de Golconda
Fulgurarem na corôa de martyrios
Que me circunda a fronte^o scismadora.
São mortos para mim! da noite os fachos,
Mas Deus vos faz brilhar, lagrimas^s santas,
E á vossa luz caminharei nos ermos!
Estrella do soffrer — gottas de magoas,
Brando orvalho do céo — sêde bêmditas!
Oh! filho de minh'alma! Ultima rosa
Que neste solo ingrato vicejava!
Minha esperança amargamente doce!

Quando as garças vierem do occidente,
Buscando um novo clima onde pousarem,
Não mais embalarei sobre os joelhos,
Nem de teus olhos no ceruleo brilho
Acharei um consolo aos meus tormentos!
Não mais invocarei a Musa errante
Nesses retiros onde cada folha
Era um polido espelho de esmeralda
Que reflectia os fugitivos quadros
Dos suspirados tempos que se foram!
Não mais perdido em vaporosas scismas
Escutarei ao pôr do sol, nas serras,
Vibrar a trompa sonora e leda
Do caçador que aos ares se recolhe!

Não mais! A areia tem corrido, e o livro
De minha infanda historia está completo!
Pouco tenho de andar! Um passo ainda,
E o fructo de meus dias, negro, pobre,
Do galho eivado rolará por terrá!
Ainda um threno, e o vendaval sem freio

Ao soprar quebrará a última fibra
Da lyra infausta que nas mãos sustenho!
Tornei-me o éco das tristezas todas
Que entre os homens achei! O lago escuro
Onde ao clarão dos fogos da tormenta
Miram-se as larvas funebres do estrago!
Por toda a parte em que arrastei meu manto
Deixei um traço fundo de agonias!...

Oh! quantas horas não gastei, sentado
Sobre as costas bravias do oceano,
Esperando que a vida se esvaisse
Como um floco de espuma, ou como o friso
Que deixa n'agua o lenho do barqueiro?
Quantos momentos de loucura, e febre
Não consumi perdido nos desertos,
Escutando os rumores das florestas,
E procurando nessas vozes torvas
Distinguir o meu cantico de morte!
Quantas noites de angustias e delirios
Não velei entre as sombras espreitando
A passagem veloz do genio horrendo.

Que o mundo abate ao galopar infrene
De selvagem corsel?... E tudo! embalde!
A vida parecia ardente e douda
Agarrar-se a meu ser!... E tu, tão joven,
Tão pura, puro ainda — ainda n'alvorada,
Ave banhada em mares de esperança,
Rosa em botão, chrysalida entre luzes
Foste colhido na tremenda ceifa!

Ah! quando a vez primeira, em meus cabellos
Senti bater teu halito suave,
Quando em meus braços te cerrei, ouvindo
Pulsar-te o coração divino ainda;
Quando fitei teus olhós socegados,
Abysmos de innocencia e de candura,
E baixo e a medo murmurei: meu filho!
— Meu filho! phrase immensa, inexplicavel,
Grata como o chorar de Magdalena
Aos pés do Redemptor... ah! pelas fibras
Senti rugir o vento incendiado
Desse amor infinito que eternisa
O consorcio dos orbes que se enredam
Dos mysterios do ser na teia augusta!
Que prende o céo á terra e a terra aos anjos!
Que se expande em torrentes ineffaveis
Do seio immaculado de Maria!
Chegou-me tanta luz! Errei, fui homem!
E de meu erro a punição cruenta
Na mesma gloria que elevou-me aos astros,
Chorando aos pés da cruz hoje padeço!

Ô som da orchestra, o retumbar dos bronzes,
A voz mentida de refeiros bardos,
Torpe alegria que circunda os berços
Quando a opulencia doura-lhe as bordas,
Não te saudaram o sorrir primeiro,
Clizia mimosa rebentada á sombra!
Mas, ah! se pompas, esplendor faltaram-te,
Tiveste mais que os principaes da terra!

Templos, altares de affeição sem termos:
Mundos de sentimento e de magia!
Cantos dictados pelo proprio Deus!
Oh! quantos reis que a humanidade aviltam,

E o genio esmagam dos soberbos thronos,
Trocariam a purpura romana
Por um verso, uma nota, um som apenas
Dos fecundos poemas que inspiraste!

Que bellos sonhos! Que illusões bemditas
Do cantor infeliz lançaste á vida,
Arco-iris de amor! luz da alliança,
Calma fulgente, em meio da tormenta,
Do exilio escuro a cithara chorosa,
Surgiu de novo e ás virações errantes
Lançou diluvios de harmonia! — O goso
Ao prantó succedeu. As ferreas horas
Em desejos alados se mudaram.
Noites fugiam, madrugadas vinham,
Mas, sepultado n'um prazer profundo,
Não te deixava o berço descuidoso,
Nem do teu rosto o meu olhar tirava,
Nem de outros sonhos que dos teus vivia!

Como eras lindo! Nas rosadas faces
Tinham ainda o tepido vestigio
Dos beijos divinaes — nos olhos langues
Brilhava brando o raio que accendera
A benção do Senhor quando o deixaste!
Sobre o teu corpo a chusma dos anjinhos,
Filhos, do ether e da luz, voavam,
Riam-se alegres, das caçoilas nivaes
Celeste aroma te vertendo o corpo!
E eu dizia commigo: — Teu destino,
Será mais bello que o cantar das fadas
Que dansam no arrebol — mais triumphante
Que o sol nascente derribando ao nada
Murallas de negrume... Irás tão alto
Como o passaro-rei do Novo Mundo!

Ail doudo sonho!... Uma estação passou-se,
E tantas glórias, tão risonhos planos
Desfizeram-se em pó! O genio escuro
Abraçou com seu facho ensanguentado
Meus soberbos castellos. A desgraça
Sentou-se em meu solar, e a soberana
Dos sinistros imperios de além-mundos
Com seu dado real sellou-te a fronte!
Inda te vejo pelas noites minhas,
Em meus dias sem luz vejo-te ainda!
Creio-te vivo, e morto te pranteio!

Ouçõ o tanger monotono dos sinos,
E cada vibração contar parece
As illusões que murcham-se contigo!
Escuto em meio de confusas vozes,
Cheias de pharoes pueris, estultas,
O lindo mortuario que retalham
Para envolver teu corpo! Vejo esparsar
Saudades e perpetuas sinto — o aroma
Do incenso das igrejas — ouço os cantos
Dos ministros de Deus, que me repetem
Que não és mais da terra! E choro embalde.
Mas não! Tu dormes no infinito seja
Do creador dos seres! Tu me falas
Na voz dos ventos, no chorar das aves,
Talvez nas ondas no respiro flebil;
Tu me contempas lá do céo, quem sabe...

No vulto solitario de uma estrella.
E são teus raios que meu astro aquecem!
Pois bem! mostra-me as voltas do caminho,
Brilha e fulgura no azulado manto,

Mas não te arrojés, lagrima da noite,
Nas ondas nebulosas do accidente!
Brilha e fulgura! Quando a morte fria
Sobre mim sacudir o pó das asas,
Escada de Jacob serão teus raios
Por onde asinha subirá minh'alma.

Fagundes Varella.

Regresso ao Lar

Ai, ha quantos annos que eu parti chorando
Deste meu saudoso, carinhoso lar!...
Foi ha vinte?... ha trinta? Nem eu sei já quando!...
Minha velha ama, que me estás fitando,
Canta-me cantigas para me eu lembrar!...

Dei a volta ao mundo, dei a volta á vida...
Só achei enganós, decepções, pesar...;
Oh! a ingenua alma tão desilludida!...
Minha velha ama, que me estás fitando,
Canta-me cantigas de me adormentar!...

Trago d'amargura o coração desfeito...
Vê que fundas magoas no embaciado olhar!
Nunca eu sahira do meu ninho estreito!...
Minha velha ama que me deste o peito,
Canta-me cantigas para me embalar!

Poz-me Deus outr'ora no frouxel do ninho
Pedrarias d'astros, gemas de luar...
Tudo me roubaram, vê, pelo caminhol...
Minha velha ama, sou um pobresinho...
Canta-me cantigas de fazer chorar!...

Como antigamente, no regaço amado,
(Venho morto, morto!..) deixa-me deitar!
Ai, o teu menino como está mudado!..
Minha velha ama, como está mudado!
Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar!...

Canta-me cantigas, manso, muito manso...
Tristes, muito tristes, como á noite o mar...
Canta-me cantigas para ver se alcanço
Que a minh'alma durma, tenha paz, descanso
Quando a morte, em breve, m'a vier buscar!

Guerra Junqueiro.



Mestre Domingos e sua Patroa

Dama

Seu mestre Domingos,
O que vens fazer aqui?

Mestre

Pedir meja pataca,
P'ra tomá meu paraty

Dama

Toma cuidado,
Não te vás embriagar...

Mestre

Eu vou ficá pinguço,
P'ra sinhá me carregar.

Dama

Seu mestre Domingos,
Não me vá fazer asneira.

Mestre

Sinhá que vim comigo?
Será minha companheira.

Dama

Não gosto de graça...
Siga... vá sosinho...

Mestre

Vem cá pombinha branca,
Quero ser o seu pombinho.

Dama

Já!... para a cosinha,
Cuidar da panella.

Mestre

Eu vou fazê quitute,
P'ra comê com Sinhá bella.

Dama

Negro atrevido
Vai te lavar.

Mestre

Então sinhá descurpa;
Não precisa matratá.

Dama

Então diz-me, agora,
Si tu tens mulher.

Mestre

Sinhá, eu sou viuvo;
Morreu, Maria José,
Mas vou casá de novo
Com Sinhá si me quizé.

Dama

Meu Deus! eu não posso
Com tal tentação...

Mestre

Sinhá, rêa muchila,
Já é meu seu coração.

Dama

Seu mestre Domingos,
Não lhe posso resistir.

Mestre

Sinhá dá cá o braço,
Vamos p'ra casa dormir.

Dama

Mais devagar...
Não vamos a correr...

Mestre

Sinhá eu tô co' pressa,
Co' vontade de querê...

Dama

Então diz baixinho,
O que é que você quer...

Mestre

Eu quero Sinhásinha
Para ser minha muié...

Dama

Mestre Domingos
Tens casa para mim?

Mestre

Chateau velho de guerra,
Lá na rua do Bom fim...

Dama

Então, sem demora,
Sigamos para lá.

Mestre

Sinhá já stá co' pressa,
Co' vontade de deitá;
Pois vamos já p'ra casa
P'ra... comê maracujá...

AS POMBAS

Vae-se a primeira pomba despertada...
Vae-se outra mais... mais outra... Enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia sanguinea e fresca a madrugada...

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bandos e em revoada...

Tambem dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

Raymundo Corrêa.

Nunca mais

Nunca mais, morena ingrata,
me ouvirás falar de amor!
Vou viver na soledade...
Já jurei por minha dôr.
Foste falsa, perjuraste...
Como em outra posso crêr?!
Vou viver na soledade...
Não verás o meu soffrer.

Tu juravas sempre amar-me,
Tu fingias ser tão pura,
que minh'alma embevecida
sempre creio em tua jura.
Foste falsa, perjuraste...
Vou viver na solidão!
Quero dar larga ás dôres
deste pobre coração.

Vou curtir meus sofrimentos
bem distante do meu lar,
pois aqui não tenho espaço
para, livre, soluçar.
Como os teus, os mais amores
são voluveis, são mortaes!
Não te quero mal por isso...
mas amar-te... nunca mais!

Se eu morresse amanhã

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria.
Se eu morresse amanhã.

Quanta gloria presinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdêra chorando essas corôas
Se eu morresse amanhã.

Que soll que céu azul, que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batêra tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã.

Mas essa dôr da vida que devora,
A ancia de gloria, e dolorido afan,
A dôr no peito emmudecera ao menos
Se eu morresse amanhã.

Cerração no Mar

Noite... Cerração fechada
Pela prôa me apanhou
Co'a bitacola apagada
Nunca... ninguem navegou
Leme, casco, vergas, mastros,
Tudo — **sem luz** — Vai de rastros,
Dar em terra. Como eu dou!

Sou cego! N'um temporal
A **luz dos olhos perdi!**
Ao rugir do vendaval
Seguiu-se o raio e cai...
Cai **sem luz** n'estes olhos!
Cego... mettido entre escolhos
Porque foi que eu não morri?

Que faço eu n'este mundo
Sem **bussola** p'ra navegar?
Sempre em risco **d'ir ao fundo,**
Quer em terra quer no mar!
Meu Deus! arrancai-me a vida,
Se d'esta **noite comprida,**
Não devo mais despertar!

Onde está a tua bondade
Se me deixaste viver?
Nas fúrias da tempestade
Não me quizeste abater,
Mas em negra escuridão,
Seria bem dita a mão
Que me fizesse morrer?

Ail... luz do sol tão brilhante,
Que nunca mais te verei!...
Nem da lua o semblante
Outra vez enxergarei!
Ail... mastro grande querido
Que teu gageiro atrevido
Já nunca mais eu serei!

Ail... vida alegre d'outr'ora,
Quem te pudéra viver!
Já nem o romper da aurora,
Nem o sol a s'esconder,
Nem, na terra apeteçada,
O sorrir da esposa qu'rida
Meus olhos poderão vêr!

Sei que é dia... e nada vejo!
Sei que é noite.. e noite escura!
Nem de luz um só lampejo,
D'estas trevas na espessura!
Eu não creio que haja Deus,
Pois se m'ouvisse dos céus
Não me dava **esta tortura!**

Ruge... ruge, tempestade,
Que um homem do mar não treme,
Se és a voz da magestade
Homem do mar não a teme,
Que o baixel desnortado,
Zombando do mar irado,
Tambem navega sem leme.

Ruge... que me vês sorrir
A' rouca voz do trovão!...
Ruge... que o teu bramir
Empedrou-me o coração!...
Ruge... que n'esta cegueira
Foi-se a crença derradeira
No autor da criação!...

Ruge... que apesar de cego,
Não me vês voltar o rosto!...
P'ra affrontar irado pégo
Inda me sinto disposto!
Ruge... que eu estou affeito
A affrontal-o peito a peito
Sempre firme no meu posto!

Silencio, homens do mar,
Já não vem longe o pampeiro!
Cada qual ao seu logar!
Arriba... arriba... gageiro!
Caça de prôa o joanete...
Ferra a gavea e o traquete...
Lesto... vivo... ligeiro!

Coragem! Quem é que treme
Ante o bramir do trovão?!...
Coragem, homem do leme,
Que lá vem o furacão!
Ala o velacho a bombordo..
Arria a lancha a 'stibordo...
Qu'está n'ella a salvação!

Coragem! Qu'importa o perigo,
Qu'importa a furia dos ventos?!...
Com mar e céu por abrigo,
Quem treme n'estes momentos?!...
Coragem!... que é nosso brio
Arrostar com sangue frio
A luta dos elementos!..

Coragem, homens do mar!...
Onde está vossa bravura?
Quem não se atreve a affrontar
Os golpes da desventura?
A mim... a mim, companheiros,
Que este mar p'ra marinheiros
E' honrosa sepultura!!!

Cego... cego! sem vista...
N'esta hora d'anciedade!
Não creio que Deus exista!...
Mente a voz da magestade!...
Vinde, furias da tormenta...
Que a vossa raiva cruenta
Faz-me rir da divindade...

Mentira... Deus não existe...
Tal não posso acreditar!
O raio com que me feriste
Nas furias do alto mar
Não podia ser vibrado
Por quem na cruz foi pregado
E morreu p'ra nos salvar.

Perdão!... perdão, Deus do céu!...
Creio em vossa divindade!...
Embora este espesso veu
Me esconda a luz da verdade!
Creio na voz do trovão,
Que me diz ao coração
Que existe um Deus de bondade!!!

J. M. Dias Guimarães.



Vejo o céu adornado de estrellas

Vejo o céu adornado de estrellas,
Vejo a terra semeada de flôres,
Vejo a aurora risonha e fagueira,
Só não vejo, meu Deus, meus amores.

Hoje vivo sem ver meus encantos,
Tenho n'alma desgosto profundo,
Busco ver uma flôr no deserto...
Tudo é triste p'ra mim neste mundo.

Não ha rizo que enfeite meus labios,
Nem prazer que em' meu rosto se aponte,
Não ha gôso perfeito na vida,
Não ha magua que o vento não conte...

Que me importa que seja tarde,
Que no céu brilhe ainda o luar,
Que não tenham perfumes as flôres
E que as aves não queiram cantar?

Vejo o céu adornado de estrellas,
Vejo a terra coberta de flôres,
Vejo tudo contente no mundo,
Mas não vejo meus castos amores!



Silencio tragico

A faina principiou de manhã cedo,
Manhã de junho, quente, abafadiça:
Os machados, na arranca da cortiça,
Rasgam de cima abaixo o arvoredô.

E o sobreiral vetusto, no segrêdo
Das tragicas paixões, na dôr submissa
Dos vegetaes, dir-se-ha que se espreguiça
N'um extase expectral d'espanto e mêdo.

Mas quando ao fim da tarde olho o montado
E vejo em carne nua, ensanguentado,
O velho sobreiral, sinto que encerra,

Na tortura sem voz dos infelizes,
A dôr que vae dos troncos ás raizes
Chorar, gritar no amago da Terra.

Conde de Monsaraz.



Manhã de Abril

Ha fremitos de amor entre a verdura:
— Vai passando a Senhora Baroneza,
Que é mesmo um mimo de graça e de belleza
E uma branca e finissima esculptura.

Tem a doce expressão, tem a frescura
E o rythmo ideal de uma canção gauleza...
Ha fremitos de amor entre a verdura:
— Vai passando a Senhora Baroneza!

Um rouxinol nos laranjaes murmura
Um canto de alegria e de surpresa;
Soluça uma suavissima tristeza
Nos tanques e cascatas, d'agua pura:
Ha fremitos de amor entre a verdura:
— Vai passando a Senhora Baroneza!

Poetas, que cantaes a natureza,
Artistas que admiraes a formosura,
Vêde essa casta e harmonica figura.
Que eu arranquei de uma aquarella inglêza!
Ha fremitos de amor entre a verdura:
— Vai passando a Senhora Baroneza!

Conde de Monsaraz.

Não te esqueças de mim

Não te esqueças de mim, que nem sempre
O meu fado ha de ser triste assim,
Não desprezes quem tanto te adora...
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Ai, que noite tão calma e tão bella
No teu bello e florido jardim!
Guardarei dentro d'alma a lembrança...
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Quando orares em teu santuario,
E beijares a cruz de marfim,
Pelos sacros martyrios te peço:
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Quando a rola gemer á tardinha,
Quando o dia chegar a seu fim,
Lembra o dia da triste partida...
Não te esqueças, meu anjo, de mim.

Morto embora, debaixo da terra,
No meu leito final, inda assim
Guardarei de teu rosto a lembrança...
Não te esqueças, meu anjo, de mim.



Vou partir

Vou partir, viver ausente,
Vou viver longe de ti,
Saudoso deixar os larés
Onde feliz eu nasci..
Onde os mais bellos encantos,
Sorrindo, n'alma frui.

Mulher, ó mulher querida,
Vou partir, vem me abraçar,
Eu quero em triste pranto
Teu collo amante molhar!
Tu não sabes quanto é triste
Eu de ti me separar!

Aj!... de lá, de lá, tão longe...
Nazareth, bella cidade,
Hei de mandar-te um suspiro
Nas asas desta amizade..
Suspiro que diga as maguas
Da minha triste saudade.

Mulher, mulher, um teu beijo
E' qual bello talisman!
E' como um beijo sagrado
Na face da cara irmã!
Quando della me ausentei
Era uma triste manhã!



O passaro captivo

Armas, n'um galho de arvore, o alçapão
E, em breve, uma avesinha descuidada,

Batendo as asas cae na escravidão.
Dás-lhe então, por esplendida morada,
Gaiola dourada;

Dás-lhe alpiste, e agua fresca, e ovos e tudo
Por que é que, tendo tudo, hade ficar
O passarinho mudo,
Arrepiado e triste sem cantar?
E' que, creança, os passaros não fallam.

Só gorgeando a sua dôr exhalam,
Sem que os homens os possam entender;
Se os passaros fallassem,
Talvez os teus ouvidos escutassem
Este captivo passaro dizer:

« Não quero o teu alpiste!
Gosto mais de alimento que procuro
Na matta livre em que voar me viste;
Tenho agua fresca n'um recanto escuro
Da selva em que nasci;
Da matta entre os verdores,
Tenho fructos e flôres,
Sem precisar de ti!
Não quero a tua esplendida gaiola!
Pois nenhuma riqueza me consola,
De haver perdido aquillo que perdi...
Prefiro o ninho humilde construído

De folhas seccas, placido, escondido
Entre os galhos das arvores amigas.
Solta-me ao vento e ao sol!
Com que direito á escravidão me obrigas?
Quero saudar as pombas do arrebol!
Quero, ao cahir da tarde,
Entoar minhas tristissimas cantigas!
Porque me prendes? Solta-me, covarde!
Deus me deu por gaiola a immensidade!
Não me roubês a minha liberdade...
Que voar! voar!

Estas cousas o passaro diria,
Se pudesse fallar,
E a tua alma, creança, tremeria,
Vendo tanta afflicção:
E a tua mão tremendo lhe abriria
A porta da prisão...

Olavo Bilac.

CONFITEOR

Ode aos meus amigos

Meus amigos, ouvi o que hoje vos confesso:
Fallando em Portugal eu penso que regresso
à minha patria amiga e creio na illusão
— porque vem a sorrir do fundo coração.
E o meu engano é doce e lêdo, na verdade,
— porque traz o travor amargo da saudade,
— porque por toda a parte e em tudo me sorri
a terra em que folguei; e o berço em que nasci
baloíça em cada ramo; e anda de monte em monte
a voz de minha mãe cantando em cada fonte;
— porque se me afigura ouvir pela manhã
na voz da cotovia a voz de minha irmã
enchendo a nossa casa alegre, clara, honesta,
de um sereno rumor pacífico, de festa;
— porque eu vejo fulgir ao pallido luar,
em cada capellinha um canto do meu lar,
e no fumo que sóbe, á tarde, dos telhados,
reconheço a espiral de anilhos azulados
com que, á noite, a rezar, carinhosa e gentil,
minha mãe defumava o meu berço infantil;
— porque o seio aromal das luzitanas flores
rescende o mesmo aroma e tem as mesmas cores
daquellas que, em pequeno, ao fresco amanhecer,
pés descalços, eu fui tantas vezes colher;
— porque vendo trepar os ramos das videiras
pelos troncos senis das velhas carvalheiras,
eu me lembro do tempo em que meu velho avô,
orgulhoso de o ser, também commigo andou
nos hombros, a cantar, numa alegre loucura:
castanheiro senil coberto de verdura;
— porque ao ver uma rosa alvissima, cheiinha,
creio que estou a ver, coberta de farinha,

a cabeça ideal de minha velha avó...

— E subo neste sonho a escada de Jacob:
que um erro assim gentil a minha vida encanta
e ás alturas do céu esta alma me alevanta...

Viajo á patria azul dos meus verdes confins...
Entre as duas, o mar, banhando dois jardins:
se as separa, a bramir, em dias de tormentas,
tambem lhes une e beija as praias alvacentas
nas noites estivaes de limpidos clarões,
quando a lua incendeia a crista aos vagalhões.

— Se aqui o céu espalha estrellas pelos campos,
Deus por alli semeia a luz dos pyrilampos,
e se os astros dão oiro em terras tropicaes,
por lá germina a luz e viceja em trigaes...
Se tudo aqui é vasto, além tudo é mimoso,
tudo cá nos esmaga, alli tudo é bondoso,
desde a montanha adusta ao caustico do Sol,
da madresilva em flor ao triste rouxinol;

— E' pequena essa patria e Deus que a fez pequena
igualou-a na essencia ás flôres da verbena.

— Que mundos de belleza um ninho não contem,
na excelsa pequenez feita de luz e bem?!

— Que thesouros não ha num berço de criança,
— concha d'oiro a bojar num lago de esperanza?!

— Quanta vida palpita, e dorme, e se dilue,
numa gotta de mel que das colmeias flue?!

— Quanta força não vive occulta numa gemma,
o germen do porvir, aza feita em poema?!

— Pequena foi a Grecia e dominou o Egeu!

— E' bem pequena a Hollanda e o seculo XV encheu!

— Pequena é uma grilheta, um ferro de maldade,
e serve de prisão aos pés da Liberdade;

— foi pequena a Judéa e produziu Jesus,
— protege a terra inteira a pequenez da Cruz;
— por maior que pareça, é bem pequeno um verso,
e póde encher de genio a esphera do Universo;
— Santa Helena, perdida ao sul de um grande mar,
pequena como foi servio a encarcerar
a grandeza real de Bonaparte, o forte,
que havia resistido ao ferro, ao fogo, á Morte.
— A Phenicia que teve em época ancestral
Por berço de seu povo a faixa oriental
entre o Libano e o mar, sonho rude e presago,
a Phenicia vetusta edificou Carthago!

— Pois assim Portugal, pequeno e varonil,
fez a grandeza augusta e immensa do Brasil!

— São herdeiras do Tejo as aguas do Amazonas,
que de escravas reaes viêram a ser as donas
da terra que Cabral um dia descobrio...
— E se de alguma feita o Tocantins rugio,
foi quê ouvira ullular a corrente do Doiro
que tem cantar de fonte e bravejar de toiro.
— Foi de lêr e relêr a epopéa feliz
dessa terra em que geme a corrente do Liz,
que a terra do Brasil poude inspirar poetas,
crear os seus heróes e alimentar prophetas;
— foi lendo as vossas leis que o Brasil teve leis,
— do throno portuguez foram os nossos reis...
— E se ha lobos do mar, soldados brasileiros,
aprenderam-no a ser com os vossos guerreiros;
— se a minha terra tem uma historia de soes
foi aprendel-a além nas lições dos heróes;
— das aguias do Marão descendem os condores,

descem dos vossos reis os meus imperadores!
— De modo que o Brasil, do extremo Norte ao Sul,
da terra immensa e verde ao céu immenso azul,
é todo Portugal a reviver na America
a grandeza immortal da sua raça homérica,
outra vez a surgir como um novo arrebol.
outra vez a nascer como um raio de sol,
essa estirpe dourada e nobre, de rainha...

E eu vejo nessa patria, a patria azul da minha!

Se eu vi a luz do céu nesta terra que vai
do Amazonas ao Prata, alli nasceu meu Pai;
se corre em minhá patria a seiva americana,

corre na minha carne a lymphá lusitana.

— Meus amigos!

Em vós eu vejo os meus irmãos
sorrindo-me de longe e estendendo-me as mãos
para fazer depois uma jornada nova! —
— a jornada final que vai parar na cova...
tão grande que não cabe em todo o azul do céu,
tão curta que mal cobre o chão de um mausoléu!

— Porque é tal e tão funda a nossa intimidade,
foi tão doce a união da nossa mocidade,
tanta a ventura foi que a todos nós prendeu
nos dias juvenis que Deus então nos deu,
que embora vá distante a nossa meninice
e venham já tão perto as horas da velhice,
embora o tempo vôle e seja mais veloz
do que as azas febris do rapido albatroz,

gemo do meu parece, em diverso hemispherio,
um ao Norte, outro ao Sul, o vosso cemiterio.
E então por não quebrar o luminoso trilho
da effeição que nos prende e agora aqui reluz,
quero dar em penhor a vida do meu filho,
neto de Portugal, nascido em Santa Cruz!

Pinto da Rocha.



Qual pombinha

Qual pombinha que se acoita,
Sobre a moita, com primor,
Como a vaga borboleta,
Quando inquieta, o beija flôr...

ESTRIBILHO

Volitando, forasteira,
na carreira meu amor,
tu pareces a folinha,
que se aninha no vérdor!...

Ai, morena feiticeira,
na carreira, aonde vás?
Ai, tem pena de minh'alma,
que, sem calma, se desfaz!

Quando a relva tu sulcaste,
bem me olhaste que eu te vi!
Mas ao ver-te tão galante,
delirante me perdi!

E's a linda borboleta
quando inquieta vás saltando,
bellas flôres, sem receio,
no teu seio perfumando!

Ao pizares sobre as flores,
logo amores eu senti!
Saltitavas fugitiva,
qual esquiva jurity!

E's a rosa n'hastesinha,
moreninha, trescalando!...
E's tão linda como a aurora,
Que além córa despontando!



Gemendo na lyra

Senhores, venho pedir-vos
Um momento de attenção;
Quero vos dizer quem sou,
Por meio de uma canção.

As moças todas se alegram,
Quando me ponho a cantar;
A minha lyra atrahente,
Jamais pódem dispensar.

Eu gósto de uma ceresta,
Que tenha um bom violão;
Gósto do samba gostoso...
Mas do trabalho... isso, não!

Ah! vem comigo, morena,
Vem gozar o meu amor,
Que a barquinha nos espera...
Obedece ao teu cantor.

Esta vai por despedida,
Que não posso cantar mais;
O meu peito está cançado
De dar suspiros e ais.

ESTRIBILHO

Sou decidido, creoulo chorão;
Sou bom' cabra na perna, e toco violão,
Canto modinhas em qualquer lugar...
O que não me agrada só é trabalhar.



DEDICATORIA

Pelo sagrado amor que vem de ti,
amor que eu amo com amor sagrado;
pelo ideal descoberto e realizado,
— bemdita seja a hora em que te vil

Pelas malditas horas que vivi
no desejo de amor tão desejado;
pelas horas bemditas ao teu lado,
— bemdita seja a hora em que nascil

Pelo triumpho enorme, pelo encanto
que me trouxeste, é que eu bemdigo tanto
a hora suave que te viu nascer...

Amor do meu amor! Amor tão forte,
que se um dia sentir a tua morte
será bemdita a hora em que eu morrer!

Virginia Victorino.



O Fusileiro naval

LUNDÚ

Era um dia um rapazote,
Que sabia, bem ou mal,
Antes de ser sacerdote.
Foi fuzileiro naval.

Mas ainda em tenra idade
Foi obrigado a assentar praça;
Pois a sorte, por maldade,
Quiz pregar-lhe esta pirraça.

Ha quem não goste da farda,
E não quer praça assentar,
Porque tem medo da guarda,
Que é obrigado a montar.

Muitos tenho conhecido
Aos quaes a sorte bregeira
No batalhão de Cupido
Obriga a jurar bandeira.

Eu dou vivas e dou bravos
Ao garboso militar,
Porém não os da reserva,
Que não sabem atirar.

Emquanto uns formam na vanguarda,
Preparando o garruchame,
Outros vão na retaguarda,
Carregando o cartuchame.

ESTRIBILHO

A sorte, bem o sabemos,
E' tal qual como a mulher,
Que quer, quando não queremos, } *bis*
Quando queremos não quer... }
Aí! yáyá me diga }
Porque candonga. } *bis*
Yáyá eu peço }
Seu bem não me dá }



CORTA JACA!

DUETO

(Grande successo dos actores Machado (caréca) e
Mario Lino)

(*Cavalheiro e dama*)

ELLA

Neste mundo de miserias, quem impera
E' quem é mais folgazão,
E' quem sabe cortar jaca, nos requebros
De suprema perfeição.

Ai! ai! Como é bom dançar! Ai!
Corta jaca, assim... assim... assim...
Mexe co'o pé...
Ai!... ai!... tem feitiço tem ai!
Corta meu bemsinho,

Assim... Olé!...

ELLE

Esta dança é buliçosa, tão dengosa,
Que todos querem dançar!
Não ha ricas baronezas, nem marquezas,
Que não saibam requebrar... requebrar...

Ai! ai! etc. etc.

ELLA

Este passo tem feitiço, tal ouriço,
Faz qualquer homem coió;
Não ha velho carrancudo, nem sizudo,
Que não caia em trólóró... trólóró...

Ai! ai! etc. etc.

ELLE

Quem me vir assim alegre, no Flamengo,
Por certo se ha de render:
Não resiste com certeza, com certeza,
Este jeito de mexer... de mexer..

Ai! ai! etc. etc.

JUNTOS

Um flamengo tão gostoso, tão ruidoso,
Vale bem uma pataca;
Dizem todos que na ponta... está na ponta.
Nossa dança corto jaca! corto jaca!

Ai! ai! etc. etc.



O Livro e a America

Talhado para as grandezas,
P'ra crescer, crear, subir,
O Novo Mundo nos musculos
Sente a seiva do porvir,
— Estatuario de colossos —
Cansado d'outros esboços
Disse um dia Jehovah:
«Vai, Colombo, abre a cortina
«Da minha eterna officina...
«Tira a America de lá.»
Molhado inda do diluvio,
Qual tritão descommunal.

O continente desperta
No concerto universal.
Dos oceanos em tropa
Um — traz-lhe as artes da Europa,
Outro — as bagas de Ceylão...
E os Andes petrificados,
Como braços levantados,
Lhe apontam a amplidão.

Olhando em torno então brada:
«Tudo marcha!... O' grande Deus!
«Aas cataratas — p'ra terra,
«As estrellas — para os céos!
«Lá, do polo sobre as plagas,
«O seu rebanho de vagas
«Vae o mar apresentar...
«Eu quero marchar com os ventos,
«Com os mundos... co'os firmamentos!!
E Deus responde — «Marchar!»

«Marchar!... Mas como?... Da Grecia
«Nos doricos Parthenons
«A mil deuses levantando
«Mil marmoreos Pantheons?..
«Marchar co'a espada de Roma
«— Leôa de ruiua côma
«De presa enorme no chão,
«Saciando o odio profundo..
«— Com as garras nas mãos do mundo,
«— Com os dentes no coração?

«Marchar!... Mas como a Allemanha
«Na tyranja feudal,
«Levantando uma montanha
«Em cada uma cathedral?
«Não!... Nem templos feitos de ossos,
«Nem gladios a cavar fossos!
«São degraus do progredir...
«Lá brada Cezar morrendo:
«No pugilato tremendo
«Quem sempre vence é o porvir!»

Filhos do seculo das luzes!
Filho da **Grande Nação!**
Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão:
O livro — esse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo...
Eolo de pensamentos,
Que abrira a gruta dos ventos,
Donde a Igualdade voou!

Por uma fatalidade,
Dessas que descem de além,
O seculo que viu Colombo.
Viu Guttemberg tambem.
Quando no tosco estaleiro
Da Allemanha o velho obreiro
A ave da imprensa gerou..
O Genovez salta os mares
Busca um ninho entre os palmares
E a **patria da imprensa** achou.

Por isso na impaciencia
Desta sêde de saber,
Como as aves do deserto,
As almas buscam beber.
Oh! Bemdicto o que semeia!
Livros... livros á mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro cahindo n'alma
E' germen — que faz a palma,
E' chuva — que faz o mar.

O Angú do Barão

Convidado um dia,
Só por cortezia,
Fui á casa dum Barão,
Um velhinho curvo,
De olhar já turvo,
Mas casado... com um peixão.
Para apreciar,
Com elle almoçar
Um angú de quitandeira;
Lá fui, não pelo angú,
Mas pelos olhos da Baroneza faceira!

ESTRIBILHO

A' medida que o angú descia:
Meu peito ardia:
Mas esse ardor
Não era de pimenta,
Que qualquer aguenta,
Era só de amor.

Sobre a malagueta
Credo não é peta,
Calices de paraty:
O velho entornava,
E a lingua estalava,
Com prazer que nunca vi.
Dahi a bocado,
De olhar revirado,
Mette as ventas no meu prato.
Ah! Céos! que carraspana:
Pobre velho... Já tinha amarrado o gato.

A' medida que o angú descia, etc.

— «Baroneza (eu digo),
Veja que perigo.

O barão embriagado...»

Ella então corando,
Os olhos baixando,
Sentar deixe-me ao seu lado.

Ai que sobremeza,
Deu-me a Baroneza,

Na boquinha perfumada:

E o angú de quitandeira,
Só se acabou, quando rompia a madrugada.

A' medida que o angú descia, etc.

FLOR DA NOITE

Tens no teu corpo negro repassado
D'um efluvio magnetico, dormente,
A doçura de um fructo avelludado
E a indolencia nervosa da serpente.

Nas noites tropicaes do velho Oriente
Eu quizera, num fremito sagrado,
Sentir pulsar o coração valente,
Do teu seio no bronze immaculado.

Teus olhos cheios de luar sombrio
Vertem-me n'alma um calido amavio,
Morna voluptia, venenosa, extranha...

E's a tulipa negra, a flor escura
Que um lord inglez excentrico procura,
Pelaz velhas cidades da Allemanha...

Guerra Junqueiro.



Saudades da Infancia

Eu sinto terna saudade
Do meu tempo de creança,
Quando, travesso, nos campos,
Montava na ovelha mansa.

Com meus irmãos pequeninos,
Eu corria no pomar,
A' caça das borboletas
Que adejavam pelo ar...

Achava os rios mais calmos,
E na briza mais frescor;
A natureza mais bella,
E mais perfume na flor;

Tomava banhos nos lagos,
Ao canto dos passarinhos,
Trepava nas laranjeiras,
A ver se encontrava ninhos;

Brigava, ás vezes co'a mana,
Embora, sem ter ensejo...
E depois vinha chorando,
Pedir-lhe as pazes, num beijo;

Adormecia cansado,
A' sombra dos bogarys;
Sonhava co'a mãe querida
Que me fazia feliz!

Fazia mil travessuras
E quando o pai me ralhava,
Corria ao collo da mana:
Ella sorria, eu chorava.

Oh, que saudades tão justas!
Como eu era tão feliz,
Quando criança cantava,
Nos folguedos infantis.

O céo então me sorria,
Nessas doces illusões...
Eu sorria ignorando
Deste mundo as vis traições.

Hoje tudo é soffrimento.
Meus cantos parecem ais.
A quadra das alegrias
Já passou... Não volta mais...

Rio de Janeiro, 1901.

Visita á Casa Paterna

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quiz tambem rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo...

Entrei. Um genio carinhoso e amigo,
O phantasma talvez do amor materno,
Tomou-me as mãos, — olhou-me grave e tenno.
E, passo a passo, caminhou commigo.

Era esta a sala... (Oh se me lembro! e quanto!)
Em que da luz nocturna á claridade,
Minhas irmãs e minha mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem hade?
Uma illusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade.

Luiz, Guimarães.



A MULATA

I

Mostraram-me um dia na roça, dançando,
Mestiça formosa de olhar azougado,
Co'um lenço de côres nos seios cruzado,
Nos labios da orelha pingentes de prata.

Que viva a mulata,
Por ella o feitor
Diziam que andava perdido de amor.

II

De emtorno dez leguas da vasta fazenda
Ao vel-a corriam gentis amadores.
E aos ditos galantes de finos amores,
Abrindo seus labios de viva escarlata,
Sorria a mulata,
Por quem o feitor
Nutria chimeras e sonhos de amor.

III

Um pobre mascate, que em noites de lua
Cantava modinhas, lundús magoados,
Amendo a faceira dos olhos rasgados,
Ousou confessar-lh'o com voz timorata...
Amaste-o, mulata.
E o triste feitor
Chorava na sombra perdido de amor.

IV

Um dia encontraram na escura senzala
O catre da bella mucamba vazio,
Embalde recordam pirógas o rio;
Embalde procuram no escuro da matta:
Fugira a mulata,
Por quem o feitor
Se foi definhando, perdido de amor.

Gonçalves Crespo.

A Nau Cathrineta

Lá vem a nau Cathrineta,
Que tem muito que contar!
Ouvide agora, senhores,
Uma historia de pasmar.

Passava mais de anno e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer
Já não tinham que manjar.
Deitaram sola de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija,
Que a não puderam tragar.
Deitaram sortes á ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cahir a sorte
No capitão general.

— «Sóbe, sobe, marujinho,
A'quelle mastro real,
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal.»
— «Não vejo terras de Hespanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.
— Acima, acima, gageiro,
Acima, ao tope real!
Olha se enxergas Hespanha,
Areias de Portugal.»

— « Alviçaras, capitão,
Meu capitão general!
Já vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal.

Mais enxergo tres meninas
Debaixo de um laranjal;
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.»
— «Todas tres são minhas filhas,
Oh! quem m'as déra abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a hei de casar.»
— «A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.»
— «Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas contar.»
— Não quero o vosso dinheiro,
Pojs vos custou a ganhar.»
— «Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro igual.»
— «Guardae o vosso cavallo,
Que vos custou a ensinar.»
— «Dar-te-hei a nau Cathrineta,
Para nella navegar.»
— «Não quero a nau Cathrineta,
Que a não sei navegar.»
— «Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te hei de dar?»,
— «Capitão, quero a tua alma
Para commigo a levar.»
— «Renego-te a ti, demonio!

Que me estavas a tentar!
A minha alma é só de Deus!
O corpo dou eu ao mar.»

Tomou-o um anjo nos braços,
Não n'ó deixou afogar.
Deu um estouro o demonio,
Acalmaram vento e mar;
E á noite a nau Cathrineta
Estava em terra a varar.»

Visconde de Almeida Garrett.



Os Pobresinhos

Pobres de pobres são pobresinhos,
Almas sem lares, aves sem ninhos...

Passam em bandos, em alcateias,
Pelas herdades, pelas aldeias,

E' em Novembro, rugem procellas...
Deus nos acuda, nos livre d'ellas!

Vem por desertos, por estevaes,
Mantas aos hombros, grandes bornaes.

Como farrapos, coisas sombrias,
Trapos levados nas ventanias...

Filhos de Christo, filhos de Adão,
Buscam no mundo codeas de pão.

Ha-os ceguinhos em treva densa,
D'olhos fechados desde nascença.

Ha-os com f'ridas esburacadas,
Roxas de lírios já gangrenadas.

Uns de voz rouca, grandes bordões,
Quem sabe lá se serão ladrões...

Outros humildes, riso magoado,
Lembram Jesus que ande disfarçado...

Engeitadinhos, rotos, sem pão,
Tremem maleitas d'olhos no chão...

Campos e vinhas... hortas com flôres
Ai, que ditosos os lavradores!

Olha, fumegam tectos e lares...
Fumo tão lindo! branco nos ares...

Batem as portas, erguem-se as mães
Choram meninos, ladram os cães...

Resam e cantam, levam a esmola,
Vinho no bucho, pão na sacola.

Fructa dá horta, caldo ou toucinho,
Dão sempre os pobres a um pobresinho.

Um que tem chagas, velho, coitado,
Quer ligaduras ou mel-rosado.

A outro, promessa feita a Maria,
Deitam-lhe azeite na almotolia.

Pelos alpendres, pelos curraes,
Dormem deitados como animaes.

Em caravanas, em alcateias,
Vão por herdades, vão por aldeias...

Sabem cantigas, oraçõesinhas,
Contos d'estrellas, reis e rainhas...

Choram cantando, penam resando,
Ai só a morte, sabe até quando.

Mas no outro mundo Deus lhe prepara
Leito o mais alvo, ceia a mais rara...

Os pés doridos lhe lavarão,
Santos e santas com devoção.

Para lavar-os, perfumaria
Em gomil d'ouro, d'ouro a bacia.

E embalsamados, transfigurados,
Tonicas brancas como em' noivados.

Viverão sempre na eterna luz,
pobres bemditos, amen, Jesus!...

Guerra Junqueiro.



Circulo vicioso

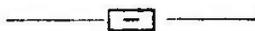
Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:
« Quem me dera que fosse aquella loura estrella,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela! »
Mas a estrella, fitando a lua, com ciume:

« Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que da grega columna á gothica janella
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella... »
Mas a lua fitando o sol com' azedume:

« Miseral Tivesse eu aquella enorme, aquella
Claridade immortal, que toda a luz resume! »
Mas o sol, inclinando a rútila capella:

« Pesa-me esta brilhante auréola de nune...
Entara-me esta azul e desmedida umbella...
Porque não nasci eu um simples vagalume! »

Machado de Assis.



Supplica

Meiga filha de Deus, rosa d'aurora,
acceita' meu amor, não sejas má.
Quando um riso de amor o vate implora,
como o amor que elle sente amor não ha.

Dão vida á meiga rosa purpurina
os bafejos da brisa da manhã.
Do orvalho a gotta pura e crystalina
a sensitiva torna mais louçã.

Sê tu, minha querida, a brisa d'iva,
que eu de rosa feliz quero o papel.
Como a gotta de orvalho á sensitiva,
dos teus labios eu quero o doce mel.

Não dispensa o bordão o peregrino;
na carencia do ar se extingue a luz;
a alma, sem gosar amor divino,
não pode conduzir da vida a cruz.

Ouve a voz de minh'alma. Escuta agora,
meiga filha de Deus... Não sejas má.
Quando um riso de amor o vate implora,
como o amor que elle sente, amor não ha.

A rosa que ao nascer

«A rosa ao desbrochar, abre a corolla,
o ar, o bosque, o valle perfumando,
quando o sol no horizonte desenrola
os seus raios que o prado vêm dourando,
A flôr desbota, secca e lá descora,
fanadas folhas pelo chão rolando..
Mas vae-se a essencia pelo céu subindo...

Não morre a rosa... Vae p'ra Deus sorrindo!
Assim ella morreu n'alva do dia,
como a flôr que se cresta ao sol ardente.
Foi desprender seu canto de harmonia
lá no berço da aurora refulgente.
Um suspiro de intima alegria
foi exhalar aos pés do Omnipotente,
e vive lá feliz e tão ditosa,
como a essencia da flôr, da branca rosa...

Um poeta infeliz que amava tanto,
não cessava um momento de carpir,
debruçado na louza, este seu canto,
no alaude funereo, a despedir.



Rosas

Que abundancia de rosas! Todas ellas,
Ao pennujento arfar da viração,
Sob os mijmos da luz, sorrindo estão,
Radiosas como bôcas, como estrellas.

Tu que andas, fina e pallida, a colhê-las
Para alinhar com pura devoção
Teu oratorio, ancioso o coração,
As mais vivas escolhes, as mais bellas.

Já encheste, afanosa, duas cestas,
Mas ainda quer's mais! E desbotadas,
Por entre as rosas mil, de essencias brandas,

As tuas mãos translucidas e lestras,
Lembram duas freirinhas maceradas,
Conduzindo ao recreio as educandas.

Eugenio de Castro.

Enterro de Ophelia

Morreu. Vae a dormir, vae a sonhar... Deixal-a;
(Fallae baixinho: — agora mesmo se finou...)
Como padres orando, os choupos formam ala,
Nas margens do ribeiro onde ella se afogou.

Toda de branco vae, nesse habito de opala,
Para um convento: não o que Hamlet lhe indicou,
Mas para um outro, olhael que tem por nome **valla**,
D'onde jamais saiu, quem lá uma vez entrou.

O doce Por-de-Sol, que era doido por ella,
Que a perseguia sempre em palacio e na rua,
Vendo-a, coitado, mal pode suster a vela...

Como damas de honor Nymphas seguem-lhe os rastos,
E, assomando no céo, sua madrinha a Lua,
Por ella vae desfiando as suas contas, Astros.

Antonio Nobre.

O' virgens que passaes

O' virgens que passaes, ao Sol-poenté,
Pelas estradas ermas a cantar.
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido lar.

Cantae-me, nessa voz omnipotente,
O Sol que tomba, aureolando o Mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a Graça, a formosura, o luar.

Cantae, cantae as limpias cantigas,
Das ruínas do meu Lar desatterrae
Todas aquellas illusões antigas

Que eu vi morrer n'um sonho com um aj...
O' suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me n'essa voz... Cantae.

Antonio Nobre.

As duas mães

Numa igreja se encontraram
Duas mães em certo dia.
Uma entrava nesse instante,
Toda cheia de alegria;
Orgulhosa e triumphante,
Levava, chegado ao peito,
Um filhinho a baptizar.
Outra, infeliz, que saía,
Levava um filho tambem,
Oh! mas essa pobre mãe
Levava o filho a enterrar!
Cruzaram-se a poucos passos,
A que trazia nos braços,

Cheio de vida e conforto,
O filho dos seus encantos,
E a triste lavada em prantos,
Que seguia o filho morto.
Trocaram ambas o olhar.
Nisto a mãe, a afortunada,
Foi que rompeu a chorar.
Emquanto a desventurada
Que o filho tinha perdido,
Oh! maravilhas do amor!
No meio da sua dôr
Sorriu ao recém-nascido!

R. A. de Bulhão Pato.

Pelo portão

CANÇONETA

Gentil morena, mui formosa,
Franzina rosa, delicada,
Vivia triste e impressionada
Por um chibante mocetão,
Mas o papá, que não queria,
Lhe repetia sem cessar:
Elle só poderá passar...
Pelo portão!

Chorando a moça a dura sorte,
A negra morte ella pedia,
A quando, á tarde, a Ave Maria
Vinha soar-lhe ao coração,
Em muda prece a pobresinha
Orava a Deus, a supplicar,
Que elle pudesse-lhe falar...
Pelo portão!

Si a noite emfim, se approximava,
Ella chegava até a janella,
Buscando ver, formosa e bella,
O seu amado toleirão;
E os seus bilhetes, seus amores,
As suas flores, seus recados
Lhes entregavam os criados...
Pelo portão.

Foi do mancebo a audaz vontade
Em realidade transformada;
Por isso foi da sua amada
Ao bom papá pedir-lhe a mão;
Mas vendo a grade do jardim,
Que os namorados sempre aparta,
Elle mandou a sua carta...
Pelo portão.

Recebe o sogro o papelito,
E dá um grito de espantar;
Jamais pensou acreditar,
E talvez com razão,

Que os dois pombinhos namorados
Dessem cuidados, e, o que é mais,
Trocassem ternos madrigaes...
Pelo portão!

Cheio de pasmo, horror e medo,
Esse segredo o velho cala,
E qual se fosse horrenda bala,
Lhe respondeu um grande **não!**
E o pobresinho a padecer,
Quando vai ter **duas respostas,**
A **bála** vem ferir-lhe as costas...
Pelo portão.

Soube a morena o que se dera;
Logo tivera uma esperança
Quer exercer uma vingança,
Para mudar de condição,
Vem-lhe ás idéas o que ouvia
E a si dizia com prazer:
Tudo se poderá fazer...
Pelo portão!

Combina, então, com o seu querido
Um bom partido original,
Até que os dois vão afinal,
Sahir d'aquella entalação:
Uma manhã o velho acorda
E o **nó na corda** vê cortado.
Pojs o casal tinha **azulado...**
Pelo portão.

Diante do espelho

Sentada ao pé do espelho rezulente
Está fitando a lua a fulgurar;
Mas da janella o roseo transparente
Intercepta as caricias do luar...

Parecia que tinha espalhado
No aposento discreto e silencioso,
Sobre o nitido chão, pulverizado,
Mil pedaços de marmore precioso.

E em vez de pentear, languida e bella,
Os seus cabellos sobre o collo nú,
Enrola o transparente da janella
Feito de finas hastes de bamhú.

A lua appareceu mais deslumbrante
Na amplitude da Noite illuminada,
Como a mulher que deixa n'um instante
Cair aos pés a tunica bordada...

Antonio Feijó.



Ai, morena

Ai, morena,
E's formosa,
Tu és formosa, morena,
E tua altivez garbosa
Nutre-se sempre serena,
Ai, morena,
E's formosa.

Ai, morena,
Teu sorriso
Em teus labios de carmim.
Elle para sempre indeciso,
E julgo ser só para mim.
Ai, morena,
Teu sorriso.

Ai, morena,
Teu olhar
Tem scintillações de ardor,
Que o estro faz vacillar,
E dá ao coração — amor.
Ai, morena,
Teu olhar.

Ai, morena,
Tua voz
Tem um tom harmonioso;
E quando estamos a sós
Tem o som mavioso.
Ai, morena,
Tua voz.

Ai, morena,
Tuas faces
Têm o encanto da rosa,
São mais viçosas que alfaces
E têm a tez setinosa
Ai, morena,
Tuas faces.

Ai, morena,
Teus olhinhos
Têm uma côr desmaiada.
São faceiros, pequeninos,
E deixa a alma prostrada,
Ai, morena,
Teus olhinhos:

Ai, morena,
Teus cabellos
Têm uma côr trigueirinha,
Seus longos fios singelos
Prenderam a alma minha.
Ai, morena,
Teus cabellos.

Ai, morena,
Teu amor
Eu bem quizera obter,
E possuir-lhe o penhor;
Mas é difficil prender,
Ai, morena,
Teu amor.

Ai, morena,
Teus encantos
São bellos, são seductores,
Enchem minh'alma de pranto,
Teus attrativos de amores.
Ai, morena,
Teus encantos.

Ai, morena,
E's minh'alma,
Sem ti não posso viver,
A minha fronte tão calma
Sinto-a desfallecer.
Ai, morena,
E's minh'alma.

Francisco Pereira.



Madona da tristeza

Quando te escuto e te ólho reverente
E sinto a tua graça triste e bella
De ave medrosa, tímida, singéla,
Fico a scismar enternecidamente.

Tua voz, teu olhar, teu ar dolente,
Toda a delicadeza ideal revéla
E de sonhos e lagrimas estréla
O meu ser commovido e penitente.

Com que magua te adoro e te contemplo,
O' da piedade soberano exemplo,
Flôr divina e secreta da Belleza!

Os meus soluços enchem os espaços,
Quando te aperto nos estreitos braços,
Solitaria madona da Tristeza!

Cruz e Souza.



Tenho medo

Moreninha, eu tenho medo
dos teus olhos tão formosos,
dos teus olhos tão brilhantes,
Como os astros luminosos.
Tenho medo que me firam,
que me sejam periogosos.

Moreninha, eu tenho medo
dos teus labios purpúrinos,
desses labios tão ingenuos,
que despertam doces hymnos.
Tenho medo que me matem
com sorrisos tão divinos.

Moreninha, eu tenho medo
do teu collo palpitante,
desse collo melindroso,

tão gentil e deslumbrante...
Tenho medo de perder-me
num momento delirante.

Moreninha, eu tenho medo
do teu terno coração,
Dessas fibras delicadas,
que me rojam na paixão...
Tenho medo, muito medo
desse amor, dessa afeição.



Sempre !

O viuvo, indo casar segunda vez,
A filha chama, que apressada vem,
— «Estas joias são de tua mãe,
«Guardei-as para ti na viuvez...»

Abrindo o velho cofre aragonez,
A donzella gentil, noiva, também,
As lindas coisas vê que elle contem,
E que a podem cobrir da fronte aos pés.

Mas lendo n'um anel, em triste aneio,
Certa palavra, inváde-a negro agoiro
E exclama, prêsa de soturna mágua:

— «Esta palavra **sempre**, que aqui leio,
«Foi um ourives que a gravou em' oiro,
«Porém meu pae, esse escreveu-a em' agua...»

Eugenio de Castro.

O BEIJO

LUNDÚ

O beijo é um fructo
de gosto subido,
Mas deve colhido
n'uma arvore ser!
Mandando não presta,
nem mesmo dá gosto!
Furtado n'um rosto,
que gosto o colher!

Se a arvore é nova,
viçosa e mui bella,
os fructos são nella
dos olhos ao pé!
Os labios se collam
n'um doce prazer!
Dá gosto morder
nas cascas até!

Se as flôres são bellas,
se os pomos são lindos,
que gosos infindos

os beijos não têm!...
os beijos são fontes
de meiga poesia...
Melhor ambrosia
do céu não nos vem!

Mal colhe-se um fructo,
eis outro a colher.
Jamais se ha-de ver
dos fructos o fim.
Os labios se cançam,
a mente se enleia...
A arvore é cheia
de fructos assim.

Quem dera que sempre,
n'um pé bem novinho,
viçoso e lindinho,
pudesse os colher.
Sorvera esse nectar
do mel precioso...
No auge do goso
quizera morrer.



A òiða de Albano

BALLADA

I

« Anda cá, meu filho, escuta:
és amigo de tua mãe? »
— O' minha mãe, que pergunta! —
« Basta, meu Paulo, pois bem,
vae ver a velha Vicencia
o amor que o filho lhe tem. »

« Faz vinte annos, — e dizendo
tira do peito um punhal, —
que teu pae morreu a golpes
d'este ferro por meu mal,
e que eu de vir a vingal-o
fiz uma jura fatal. »

— Uma jura! Mãe Santissima!
ó minha mãe, que jurou? —
« Eu jurei por este sangue
que em ferrugem se tornou,
que tu, filho, matarias
esse que teu pae matou.

« Matas? — Mato, aqui o juro —
« E matas seja quem fôr? »
« Juro. — « Inda que a vingança
te roube ao seio um amor? »
— Inda assim. — « Toma este ferro,
é Ricardo o matador. »

— Ricardo, o pae de Maria?
«Sim, esse.» — O' mãe, perdoae! —
«Pela amante o pae esqueces,
filho ingrato! Parte, vae,
Cumpre a jura ou sê maldito,
Se tu não vingas teu pae.»

II

Nessa noite, tinto em sangue,
com os cabellos no ar,
o assassino de Ricardo
foi aos pés da mãe lançar
o punhal com que jurára
do pae a morte vingar.

Sorriu a velha e contente
abraçava o vingador,
quando eis subito apparece,
qual bella estatua de dôr,
junto do grupo chorando
de Albano a candida flôr.

— «Paulo, meu Paulo, vingança!
perdi meu pae! não o lês
nestas lagrimas sentidas
que aqui derramo a teus pes?
Paulo, meu Paulo, vingança!
vinga-me tu, por quem és.

«Eu vio-o banhado em sangue,
assisti-lhe ao triste fim,
Quiz falar-me, já não pôde:

c'os olhos fitos em mim
expirou, vingança eterna,
tu vingas-me, Paulo, sim?

— Vingo, Maria, socega,
eu sei quem teu pae matou;
Vae morrer c'o mesmo ferro
que ainda ha pouco o trespassou, —
Isto disse, e a punhaladas,
o proprio seio rasgou.

Foge a triste espavorida,
deixa Albano sem parar,
entra em Roma no outro dia
por toda a parte a gritar:
« Quem me mata por piedade,
quem me vem tambem matar? »

Assim vagueia tres dias
até que ao quarto endoideceu!
Inda hoje o caminhante
quando passa ao Colyseu
vê a pobre ás gargalhadas
vingança pedindo ao céu.

A. X. Rodrigues Cordeiro.



O teu lenço

Esse teu lenço que eu possuo e aperto
De encontro ao peito quando durmo, creio
Que hei de um dia mandar-t'o, pois roubei-o
E foi meu crime, em breve, descoberto.

Lucto, contudo, a procurar quem certo
Possa n'isto servir-me de correio;
Tu nem calculas qual o meu receio,
Se, em caminho, te fosse o lenço aberto...

Porém, ó minha vivida chimera!
Fita as bandas que habito, fita e espera,
Que, enfim, verás em tremulos adejos,

Em cada ponta um beija-flor pegando,
Ir o teu lenço pelo espaço voando,
Pando, enfunado, concavo de beijos!

Guimarães Passos.



As tres irmãs

A mais moça das tres, a mais ardente e viva,
Aquella que mais brilha,
Quando sorrindo, aos seus encantos nos captiva
Eu amo, como filha.

A segunda, que tem da pallida açucêna,
Aberta de manhan,
A côr, o cheiro, a fórma, a languidez serena,
Eu amo, como irman.

A outra é a mulher, que me enleia e fascina,
E' a mulher que eu chamo
Entre todas gentil, é a mulher divina,
E' mulher que eu amo.

II

A mais moça das tres é linda borboleta;
Entra, abre as azas, sahe,
Não comprehendo bem, nem néga, nem rejeita
O meu amor de pae.

A segunda é uma flôr de fórma melindrosa,
De rara perfeição;
Não sei se ella desdenha, ou comprehende e gosa
O meu amor de irmão.

A terceira é a mulher, anjo, monstro, hydra, esphinge,
Encanto, seducção:
Amo-a: não a conheço: é verdadeira, ou finge?
Não a conheço, não.

III

Se a primeira casasse! que alegria a minha!
Eu lhe diria: vae:
Veria nella um anjo, um astro, uma rainha,
O meu amor de pae.

Se a segunda casasse, eu mesmo iria á igreja,
Leval-a pela mão;
Dir-lhe-ia: o céu azul virar-te aos pés deseja
O meu amor de irmão.

Se a terceira casasse, oh! minha felicidade!
A mais velha das tres,
No horror da escuridão, fôra uma Eternidade
A minha viuvez.

IV

Se a primeira morresse, oh! como eu choraria
A minha desventura!
Com lagrimas de dôr lavára noite e dia
A sua sepultura.

Se a segunda morresse, oh! transe amargurado!
Eu choraria tanto,
Que ella iria nadando, em seu caixão doirado,
Nas aguas do meu pranto.

Se a terceira morresse, em seu caixão deitada,
Sem que eu chorasse, iria;
Porque n'outro caixão, ó minha morta amada,
Alguem te seguiria...

Luiz Delfino.



Velhas Arvores

Olha estas velhas arvores, mais bellas
Do que as arvores novas, mais amigas:
Tanto mais bellas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procellas...

O homem, a fera, e o insecto, á sombra dellas
Vivem, livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os clamores das aves tagarellas.

Não choremos, amigos, a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as arvores fortes envelhecem;

Na gloria da alegria e da bondade,
Agazalhando os passaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Olavo Bilac.



O Bandolim da Desgraça

Quando de amor a America douda
A moda tange na febril viola,
E a mão febrênta sobre a corda fina,
Nervosa, ardente, sacudida róla,

A guzla geme, s'estorcendo em ancias,
Rompem gemidos do instrumento em pranto...
Chôro indizível... comprimir de peitos...
Queixas, soluços... desvairado canto!

E mais dolorida a melodia arqueja!
E mais nervosa corre as mãos nas cordas!...
Ail tem piedade das crianças louras
Que soluçando no instrumento acordas!

« Ail tem piedade dos meus seios tremulos... »
Diz estalando o bandolim queixoso.
...E a mão palpita-lhe apertando as fibras...
E fere, e fere em dedilhar nervoso!

Sobre o regaço da mulher trigueira,
Douda, cruel, a execução delirante...
Então — co'as unhas côr de rosa, a moça,
Quebrando as cordas, o instrumento atira!...

Assim desgraça, quando tu, maldicta!
As cordas d'alma delirante vibras..
Como os teus dedos espedaçam rijos
Uma por uma do infeliz as fibras!

— Basta —, murmura esse instrumento vivo.
— Basta —, murmura o coração rangendo.
E tu, no entanto, n'um rasgar de arterias,
Fere lasciva em dedilhar tremendo.

Crença, esperança, mocidade e gloria,
Aos teus arpejos, — gemebundas morrem!...
Resta uma corda... — a dos amores puros...
E mais ardentes os teus dedos correm!

E quando farta a cortezã, cansada,
A pobre guzla no tapete atira,
Que resta?... — um'alma que não tem mais vida!
Olhos sem pranto! desmontada lyra!...

Castro Alves.

Canção do Peixinho

Cantada no primeiro acto da opereta A "GEISHA"

MIMOSA

I

A' beira d'um tanque, ao pôr do sol,
Todos os dias, certa mão,
Por amor e por dó,
Deitava pão de ló.
E, guloso do pão,
Parecendo voar,
Vinha um peixe da côr do luar!
Mas uma vez, aquella mão
Faltou á hora — não veio mais,
Debalde o peixe espera o pão,

Espreita os silvados perto, e os rosaes...
Quem se fia em que a ventura
E' um bem que sempre dura,
Bem se pode julgar
Peixe côr de luar
Só por ter essa loucura!

II

A mão bemfazeja o peixe viu
Passado tempo, do jardim...
Preza n'ella, outra mão,
A tremer de paixão.
Já tinha outros amores...
Esquecera-lhe, emfim,
Que a esp'rava, n'agua, dentre as flores.
O pobre peixe côr de luar,
Morreu á mingua por se fiar,
Que dous amores pode alguém
Ter, quando, ás vezes, nem um só tem!
Quem se fia em que a ventura
E' um bem que sempre dura,
Bem se pode julgar
Peixe côr de luar
Só por ter essa loucura!

Trad. de Accacio de Paiva.



O filho morto

No povo d'além da serra
Vae a noite em mais de meio,
E a pobre mãe velava
Unindo o filhinho ao seio.

«Acorda, meu filho, acorda,
«Que esse dormir 'não é teu;
«E' como o somno da morte
«O somno que a ti desceu.

«Tarda-me já um sorriso
«Nos teus labios de rubim;
«Acorda, meu filho, acorda,
«Sorri-te ledo p'ra mim!»

Mas o infante moribundo
Em seu regaço expirou;
E a mãe o cobriu de beijos,
E largo tempo chorou.

Em seu pequeno jazigo
Dois dias chorou tambem;
Ao terceiro o sino triste
Dobrou á morte d'alguem.

E á noite no cemiterio
Outro jazigo se via:
Era a mãe que ao pé do filho
Na sepultura dormia.

Soares de Passos.

Durante a Tempestade

Na galera **Senhora da Bonança**,
Que fazia viagens ao Brazil,
Embarquei como moço — era creança,
Teria os meus quinze annos — um abril,
Gelava-me o pavor, quando zunia
Nas enxarcias o negro temporal,
E quando a voz do capitão sentia,
Gritando ao timoneiro: Orça, animal!
Orça!... allivia!...

Ora, uma das viagens — se me lembro!
Que voltava a galera do Pará,
Apanhou as lambadas de dezembro
Pelas alturas da Terceira já.
Desfazia-se o céu em ventania
Noite escura e medonha como breu;
Eu era então mais velho, e não tremia,
De ouvir, entre o estalar de um macaréu:
Orça! allivia!

Eu estava então de quarto; na viagem
Vinham duas senhoras, filha e mãe,
Que o capitão tomara de passagem
Quando as viras sósinhas, sem ninguém,
Orphã, viuva, pobres, na Bahia...
Deixára-as na miseria o pobre pae!
Eu lembrava-me d'ellas quando ouvia,
Encostado na prôa, junto ao estae;
Orça! allivia!

Pensava n'ellas... ou, para fallar claro,
pensava na pequena... é natural!
O seu olhar era o ceeste amparo
De todos nós, em pleno vendaval,
Quando, em meus sonhos, acordado, via
Esse olhar puro como o azul do mar,
Eu, confesso, de todo me esquecia,
D'essa voz que gritava a bom gritar:
Orça! allivia!

A vela do joanete, mal ferrada,
Largou-se e tomou bolso. O capitão
Furioso bradou: «Fóra! cambala!
Pois não sabem ferrar...» Tinha razão!
Olhou-me, e perguntou quem se atrevia
A ferrar o joanete, dois ou tres,
«Sósinho até!» disse eu com ufania;
E emquanto elle bradava inda outra vez:
Orça! allivia!

Eu galgava os delgados enfrexates,
Agarrava-me á verga, e me dispuz
A lutar contra os rapidos embates
Da tempestade, quando... catrapuz!
O estribo em que firmei tinha avaria,
Supponho eu, faltou-me sob os pés;
E a mesma voz ainda repetia,
Quando eu vinha caminhando do convés:
Orça! allivia!

Oh! meu Deus! n'um relampago instantaneo,
Quanta força de vida se contém!

Passou-me de repente pelo craneo
A lembrança de minha pobre mãe,
Essa aldeia minhota em que vivia,
Os meus sonhos brilhantes de rapaz,
Visões de amor... Dez gritos de agonia
Abafaram a voz seca e tenaz:

Orça! allivia!

Como é que não morri, Deus que lho' explique,
Só me recordo que voltei a mim,
Ao bater co' a cabeça n'um tabique,
Por me ter resvalado de um coxim.
Achei-me n'uma cama bem macia,
Na camara de ré; e a mesma voz
Gritava, entre a medonha symphonia
Do rijo vento e mais do mar feroz:

Orça! allivia!

Regular como a pendula, esse grito
Infundia-me uns longes de terror;
Levantei afinal o olhar afflicto...
E despertei, n'um extasi de amor.
Era ella, a doce, a pallida Maria,
Cravando sobre mim seu terno olhar:
Ia p'ra dar um grito; eu impedi-a
De manso... e o capitão sempre a bradar

Orça! allivia!

Puz-lhe a mão ao de leve sobre a bocca,
Enchi meus olhos do fulgor dos seus,
Nem me lembrei, n'essa alegria louca,
De agradecer a salvação a Deus.

Fitando-a longamente, não sentia
A fractura que tinha n'esta mão,
E o meu extasi nem se interrompia
Pelos brados viris do capitão:
Orça! allivia!

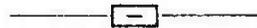
Ó balanço fez que ella se curvasse
Para o meu lado, approximando assim
Do meu rosto febril a pura face,
Sua face de meigo cherubim.
N'um transporte do amor que me acendia,
Eu beijei-a... meu Deus! não foi por mal!
Mas como a condemnar esta insanja,
A voz rugiu, mais cava e sepulchral:
Orça! allivia!

Ruborisou-se toda, e levantou-se
N'um impeto instinctivo. «Oh! Deus! perdôe!»
Disse eu n'um tom de voz supplice e doce.
«Perdôe-me e não se vá!...» e não se foi.
Passei assim, em celica apathia,
Tendo entre as minhas sua mão gentil,
Largas horas da noite, enquanto ouvia
Ao longe a voz, como um rumor subtil:
Orça! allivia!

Que horas de amor! os seus franzinos dedos
Não fugiam da minha compressão:
Os seus olhos diziam-me os segredos
Do seu meigo e virgineo coração...
Ha dez annos que a pallida Maria

Enche de amor e luz meu terno lar;
E inda córa e sorri, quando algum dia,
Ao beijal-a, começo a murmurar:
Orça! allivia!

Henrique Lopes de Mendonça.



Arrufos

Não ha no mundo quem amantes visse
Que se quizessem como nos queremos...
Um dia, uma questiuncula tivemos
Por um simples capricho, uma tolice.

— «Acabemos com isto!», ella me disse,
E eu respondi-lhe assim — «Pois acabemos!»
E fiz o que se faz em taes extremos:
Tomei do meu chapéo com fanfarrice.

E, tendo um gesto de desdém profundo,
Sahi cantarolando... (Stá bem visto
Que a fórma, ahi, contrafazia o fundo).

Escreveu-me... Voltei. Nem Deus, nem Christo,
Nem minha mãe volvendo agora ao mundo
Eram capazes de acabar com isto!

Arthur Azevedo.

Estudo Anatómico

Entrei no amphitheatro da sciencia
Attrahido por mera phantasia,
E me aprouve estudar anatomia
Por dar um novo pasto á intelligencia.

Discorria com toda a sapiencia
O lente, n'uma mesa, onde jazia
Uma immovel materia, humida e fria,
A que outr'ora animara humana essencia.

Fôra uma meretriz! o rosto bello
Pude, timido, olhal-o com respêito
Por entre as negras ondas de cabello;

A convite do lente, contrafeito,
Rasguei-a com a ponta do escalpello,
E... não vi o coração dentro do peito.

Adelino Fontoura.

A Vingança da Porta

Era um habito antgio que elle tinha:
Entrar dando com a porta nos batentes
— Que te fez essa porta? a mulher vinha
E interrogava. Elle cerrando os dentes:

Nada! traze o jantar. — Mas á noitinha
Calmava-se; feliz, os innocentes
Olhos revê da filha, a cabecinha
Lhe affaga, a rir, com as rudes mãos trementes.

Uma vez, ao tornar á casa, quando
Erguia a aldraba, o coração lhe fala:
Entra mais devagar... — Pára, hesitando...

Nisto nos gonzos range a velha porta,
Ri-se, escancara-se. E elle vê na sala
A mulher como douda e a filha morta.

Alberto de Oliveira.

VELHA AMIGA

Que acabadinha que tu estás! Apenas
Resta de tão inteira formosura,
Do teu sorriso a mystica doçura,
Balsamo e abrigo de remotas penas!

Doçura tal, surprehende-a nas serenas
Caricias, ó piedosa creatura,
Que estás fazendo a essa creança pura
Como a arveola do monte e as açucenas.

Grisalha vejo a tua negra trança,
Turvos teus vivos olhos, em amendoa,
Murcha essa bôca de frescura infinda...

— «Que linda que ha de ser essa creança!»
Dizes tu, pobre amiga, adormecendo-a;
E eu penso, triste, em como foste linda.

Eugenio de Castro.



A Voz das Arvores

Emquanto os meus olhos fluctuavam,
Seguindo os voos da erradia mente,
Sob a odorosa cupula fremente
Dos bosques — onde os ventos sussurravam.

Ouvi fallar: As arvores fallavam:
A secular mangueira fielmente
Repetia-me o branco idylio ardente
Que dois noivos, á tarde, lhe contavam;

A palmeira narrava-me a innocencia
De um puro e mutuo amor — sonho que veste
Dos loiros annos a feliz demencia;

Ouvi o cedro, — o coqueiral agreste,
Mas, excedia, a todas a eloquencia
D'uma que não fallava; — era o cypreste.

Luiz Guimarães.



O Pavilhão Negro

Lá vem as naus da França! — Magestosa
Cada qual traz no tope a gloriosa
Bandeira das tres côres!
As mesmas são, que outr'ora, entre os ardores
Da batalha que deu a gran-cidade,
Rajaram, augurando maravilhas,
Nas rendidas ameias das bastilhas
Como um iris no céu da liberdade!

As mesmas são que o mundo em alto brado
Saudou c'roando o ambito inflammado,
Em que um seculo novo
Dos povos desherdados faz um povo;
Quando, nos ais das convulsões supremas,
As indefezas turbas metralhadas,
Apertando as fileiras mutiladas,
Armas iam forjando das algemas!

As mesmas são que os despotas da terra
Chamando o repto audaz diziam « Guerra!

Surgiam nações escravas.»
E o espirito dos livres, como as lavas
Em borbotões golphando das crateras,
Irrompia, abrazava, e em toda a parte
Apontava no intrépido estandarte
O signal redemptor das novas éras!

Das portas do Parthénope ás de Roma,
Mal dos Alpes aos pinaros assoma
O labaro surgente,
Saccode a Italia os pulsos; e fremente
Solta um brado d'esforço temerario,
Que vai estremecer na terra fria
A geração robusta, que dormia
Em torno ao velho tumulo de Mario.

O mesmo pendão é que além dos mares,
Meteoro fugaz, fulge nos ares!
De Malta é Alexandria;
A's pyramides galga; e, após um dia,
Dos Pharaós nos mausoleos abertos,
Que por haste lhe dão quatro mil annos,
Ao vasto Oriente acena, e os seus tyrannos
Desafia da orla dos desertos.

As mesmas côres são e são amigas!
Se não bastassem relações antigas,
Disse-o voz que não mente:
Que não póde mentir; porque o potente
Se dissimula mais affronta o pejo.
Esse emblema que diz? Fraternidade.
E' de França, ha de ser a humanidade.
Bem vindo pois — Salvé, torres do Tejo!

Salvae, torres, essa gloria,
De tantas glorias herdeira!
Guarda a tricolor bandeira
Dos lyzes pura a memoria
Nos braços da mesma fama:
E os velhos falcoens do Gama,
Podem, sem zelos, saudar,
Compassados trovejando,
O pavilhão venerando
De Duquêsne e de Jean Bart!

Salve! — Também nós contamos,
Nobres datas celebradas,
E ás nossas palmas passadas,
Recentes louros juntamos.
Roto, mas não abatido,
Mostrar podemos erguido
O pendão, que ondêa aos céos
Estrellados de metralha...
E nos fustes da batalha
De Talavera os trophéos!

O mesmo facho allumia
Da chamma da heroicidade
Tanto a joven liberdade
Como a velha monarchia.
Aqui são gémeas. Preclaros
Dos laurejs de Montes-Claros
Brotam do Porto os laurejs:
Esgotou a mão da historia
As joiças da nossa gloria
Na c'rôa dos nossos reis.

O sangue ardente e guerreiro
Não desdiz dos seus passados
Nos impavidos soldados
Do Bussaco e do Vimieiro!
Salvae, torres! E, se acaso
No parapeito já raso
O tempo os bronzes fundiu,
Assestae em taes apures..
No resto de vossos muros
As colubrinas de Diu.

Achal-as-hão enterradas
N'algum recanto sombrio,
Onde, co'o raio já frio,
Jazem na inercia ignoradas.
Nos⁹ rudes braços valentes
Hão de trazel-as contentes
D'esses vãos dos arsenaes
Nossos bravos mareantes:
Elles sabem como dantes,
As manobraram seus paes!

Ao arrogante estampido
Das possantes coronadas
Pelas boccas inflammadas
Responda o immortal ruido
De trez seculos de gloria!
Gravada tem a victoria
Os decrepitos canhões
Que, ovantes de praia em praia,
Renderam Gôa a Gambaia...
E a que deu fogo Camões!

Salva, Belem, sentinella
Solitaria do Restello,
Padrão glorioso e bello
Da nossa idade mais bella.
D'essas rendadas ameias
Espreitas as vélas cheias
Dos galeões d'além mar!
Não que o teu vulto guerreiro
Ficou só. Mas o estrangeiro
Ha de inclinar-se ao passar!

Ergueu-te ahi, monumento,
O braço que o ignoto Oriente
Deu ao mundo de presente,
Co'o sangue que é teu cimento.
Para que a data ficasse
Esculpiu-te sobre a face
O rijo ferro de Ormuz, —
Brazão que ainda assombra as éras —
As quintas sobre as espheras,
E por cima... só a cruz.

Antes que as armas perfiles
Ao — Franko, diz, que mysterio
Te abriu de Alexandre o Imperio
Ganho com as armas de Achilles;
Como viste ante as armadas
Cem nações ajoelhadas
Ao portuguez pavilhão,
Quando ia as ondas fendendo,
Povos e mares varrendo!
Do Zaire além do Ceylão,

Brada-lhe mais: «Vinte frotas
« Impelli com fim diverso
« Sobre os confins do Universo
« Traçando novas derrotas.
« Quando voltaram cad'anno
« Vinham dos fundos do aceano, —
« Mais ricos de cada vez, —
« Vergando os baixéis profundos;
« E armas e dons de dois mundos
« Trazia o mar a meus pés.

— « Os meus nautas, pondo os lares
« No convez das caravellas,
« Cruzavam, rindo, as procellas,
« Quer dos homens, quer dos mares.
« D'essa illustre e forte raça
« Conto o destino a quem passa.
« Vedeta de um novo rei,
« Eu sou a torre princeza;
« Excedi Tyro e Veneza,
« Carthago e Roma igualei.

« Hoje pallida memoria,
« Com um gesto de um proscripto,
« Cinjo aos hombros de granito
« O manto da minha gloria;
« Resta-me só, é verdade,
« Esta herança e a da saudade;
« Mas na fronte marcial,
« D'outros tempos pregoeira,
« Conservo a livre bandeira
« Como uma flôr virginal.

« Os fortes vês da cidade
« Fendidos até as raizes?
« São da guerra as cicatrizes,
« Não são as rugas da idade.
« Não os assusta a violencia:
« Podem pela independencia
« Rebentar como um vulcão;
« Podem, bem que esmantelados,
« Desabar como animados
« Sobre o oppressor e a oppressão!

« E se algum estranho ousára
« Pôr a mão — desventurado! —
« N'este do heroico legado
« Joia unica e mais rara,
« Veria abrirem-se, penso,
« Como as de um sepulchro immenso,
« Estas pedras; e depois
« Surgirem d'ellas, terriveis,
« E como outr'ora invenciveis,
« As sombras dos meus heróes.»

Basta. Salva! Está na aurora...
Talvez... ess'astro esplendente:
O teu está no occidente.
Eia, salva! Seja embora
A tua salva um lamento,
Como os geme triste o vento
Como grave e sinistra voz
Ao passar pela armadura,
Onde como que murmura
A alma afflicta dos avós!

Salvé, pois! Teus artilheiros
Com fraternos alaridos,
Das canhoneiras pendidos,
Saúdem os marinheiros
Em voz alta e clamorosa,
Passa a França nossa irmã,
Honra ao brilhante estandarte
De Condé ou Bonaparte,
De Rocroy ou Wagram!

Porém, que vejo! Presumo
Que me illudiu a esperança!
Não são as côres da França;
Negro é esse pavilhão!
Negro, — não negro do fumo
Que requejima o rosto aos bravos, —
Negro da côr dos escravos,
E da côr da escravidão!

Será sina tenebrosa
Que voando a aguia, ferida!
No pundonor ou na vida,
Venha cahir sempre aqui?
O negro, côr luctuosa,
E' dos mortos o attributo...
Pois si a França está de lucto,
Está de lucto por si!

Acaso a ameaça negreja
Como a tempestade e a noite?
Ha poder que ainda se afoite
Contra a razão, contra a lei?

Haverá... Deus o proteja!
Estão co'o fraco a verdade,
A justiça, a liberdade,
Os seus fóros e o seu rei.

França, d'antes se querias,
Da paz quebrando os enlaces,
Atirar a luva ás faces
Do féro leopardo inglez
Altiva as armas vestias,
Empunhavas forte a espada
Não trajavas demudada
Os signaes da viuvez.

Sem piedade te lançaram
Esse crépe funerario
Como um lugubre sudario
Sobre os inclytos brazões.
Das gallas te despojaram
Da tua gloria! — O futuro
Ha de chorar que de escuro
Marche a França entre as nações

Essa aguia, tornada abutre,
Para vergonhoso ensaio,
Traz na guerra em vez de rajo
As gargalheiras servis.
Anciando o espolio que a nutre
Os ares tortuosa corta
Paira, e espreira a presa morta...
Não é esta a d'Austerlitz.

Seguia aquella outro rumo,
Que hoje a vista mal alcança:
Est'aguia não é da França
Negro é este pavilhão.
Negro — não negro do fumo
Que requeima o rosto aos bravos, —
Negro da côr dos escravos,
E da côr da escravidão!

Chegou-te, ó musa, a luz do entusiasmo
Reflectindo-te um prisma enganador!
O mundo sobreposta vê com' pasmo
A's côres triumphaes a triste côr!

Mas não baixas a fronte, consternada
Por ter saudado este pendão fatal,
Por vêr nas mãos a lyra em' vez da espada,
Do teu nobre e indomado Portugal.

O estrangeiro levou-te um pouco de ouro,
Premio heroico dos negros feitos seus;
A fí ficou-te a honra: esse thesouro
Basta á patria e á virtude... e conta-o Deus!

Musa, alegre-te, musa qual me alegro.
O braço ameaçador estende a mão!
Lá vae o negro preçõ... e o baixel negro...
E sobre elles o negro pavilhão!

Mendes Leal.

A Cabocla de Caxangá

I

Laurindo Punga
Chico Dunga
Zé Vicente
Essa gente tão valente
Do sertão de Jacobá
E o damnado do afamado
Zéca Lima
Tudo chora n'uma prima
Tu qué ti conquistá!

Caboca de Caxangá
Minha caboca vem cá.

II

Queria vê se essa gente
Tambem sente
Tanto amô como eu senti
Quando te vi em Cariri
Atravessava um regato
No quartão e escutava lá no matto
O canto triste do Urutáu.

Caboca demonio máu
Sou triste como o Urutáu.

III

Na noite santa do Natá
Na incruziada
Eu ti esperei, e descantei
Inté o rompê da manhã
Quando eu sahia da arraiá,
O só nascia
I lá na grotta já se ouvia:
Pipiando o jassanã.

Caboca flôr da manhã
Sou triste como a Acanã.



Festas no Céu

Uma noite, dormia eu socegado,
exhausto do trabalho por officio,
maudou-me a Eternidade uma cadeira
do theatro dos céos para um beneficio.

O bilhete, pedaço de uma nuvem,
com carinho de estrellas, exquisito,
metti no bolso. Dei o braço á Brisa,
e fomos a subir pelo Infinito.

Não sei quanto gastámos no trajecto,
que o relógio deixei n'outro collete,
chegámos. O porteiro era S. Pedro,
a quem eu fiz entrega do bilhete.

Entrei para a platéa, onde já 'stava
do céo toda a melhor sociedade.
O salão de espectac'lo era imponente
e o theatro tinha o nome — Immensidade!

Em tudo havia luxo deslumbrante,
Um luxo que só pode haver nos céos...
e as senhoras que estavam na platéa,
não tinham, como aqui, grandes chapéos.

Luzes, luzes... Jesus! nunca vi tantas!
Mas de mill! Não me lembra a conta certa,
e eu, á vista de tanto brilhantismo,
uma hora fiquei de bocca aberta.

Mas, em meio de tal deslumbramento,
uma cousa me poz muito intrigado:
era panno de bocca do theatro
um canto do ceo velho e remendado.

Perguntei ao vizinho da direita
porque em meio de luz um tal borrão,
O Moliére, que viu minha estranheza,
me deu desse contraste a explicação:

A senhora emperezaria do theatro,
não tendo um bom scenographo moderno,
lembrou-se de fazer panno da bocca
do velho guarda pó do Padre Eterno.

Lá' stavam: o Camões e a Catharina,
o Gonzaga e a Marilja de Dirceu,
n'uma frisa da frente, conversando
co' Alexandre Herculano e Prometheu.

O Byron, e Mozart, o Paganini,
o auctor do Rocambole, o Tiradentes,
Napoleão, Gonçalves Dias, mais o Dante
não foram a essa festa por doentes.

Constiparam-se todos, dias antes,
em troça com o Bichat que os medicou,
e a saude de altos personagens
ao proprio Creador assegurou.

O remedio foi simples: «meio astro
triturado no gral da tempestade,
oito gottas do pranto das auroras,
p'ra tomar em tres doses, á vontade.»

Dosou-lhe este remedio poderoso
o doutor Natureza — exquisitão,
que tem a residencia cá na terra
e faz o consultorio na amplidão.

A peça dessa noite era opulenta,
p'ra montal-a o trabalho foi insano:
scenario, guarda-roupa, tudo novo,
por desenho que dera o João Caetano.

Cantava-se — Romeu e Julieta.
A Lua (Julieta, o Sol, Romeu),
anemica, ao sahir dos bastidores,
debruçou-se ao balcão azul do céu.

Tinha ella no rosto a belleza
de um archanjo que vaga a scismar,
e nas tranças um fio de estrellas,
Essas per'las dos lagos^{de} do ar.

Era ponto o Pampeiro — Apitou.
A's bambolinas celestes
o panno sujo levou.
O contra-regras avisou:
«Entra o Romeu»!
Podia ouvir-se uma mosca,
se houvesse moscas no céu.

O silencio foi pouco duradouro;
ouvju-se no theatro um estouro;
applaudia a meia voz o Furacão,
para não assustar a Julieta
debruçada á janella da amplidão.

Das frisas, os Pampeiros davam «bravos»
na platéa applaudia a Tempestade;
as Estrellas que estavam nas torrinhas,
scintillavam dobrada claridade.

Os anjos vibrando as cordas
das harpas da solidão,
faziam sahir auroras,
dos dedos sob a pressão,
O Vendaval — violoncello —
tinha o Tufão muito perto,

no contrabaixo marcar.
As Brisas eram as flautas,
o canto meigo e suave
rolava, qual penna d'ave,
na face crespada do mar.

Os Trovões tinham o grupo
dos estridentes metaes;
só de pistons e trombones
havia noventa ou mais.
Os violinos, uns duzentos,
formavam a ala opposta,
(o violino de ataque
era o Pereira da Costa)
O Sirocco era o regente
daquella orchestra imponente.

Com um deserto na mão,
batia como um possesso
de Lybia no coração.

E os écos de nave em nave
cantavam na mesma clave,
Castro Alves, a aguia da Bahia,
o gigante albatroz da inspiração,

fez da alma um bouquet, e com um raio
forjado pelo autor da criação,
atirou-a em delirio, á Julieta,
na volata da scena do balcão.
O Milton e o Schiller recitaram
poemetos inspirados pelos anjos,
em cujo palacete se hospedaram.

Deu-se esta grande festa em beneficio
de Luiz de Camões, immortal,
Que andava lá nos céos, ha muitos annos,
co'a roupa que levara do hospital.

E assim devia ser, supponho eu.
Se elle não tinha o que comer
quando morreu!..

Quando a festa acabou, já era dia.
As estrellas dormiam fatigadas,
e o Sol que se esgueirava pelo fundo
expandia-se em causticas risadas:

O Luiz de Camões, com tal enchente,
que inundava salões e corredores,
pelo calculo meu ganhou ao menos...
p'ra pagar á mór parte dos credores.

Augusto Fabregas.



Um Conto á Lareira

Foi por uma d'essas noites
Em que a neve cae em flocos,
Que, á chamma viva dos tocos
Resinosos, da lareira
Ao de roda conchegados,
Moços sentados em cepos,
Velhos em bancos sentados;
Casa d'antigo morgado,
Solar de velha nobreza,
Onde o pão é de quem quer
E quem quer se assenta á mesa,
Ouvi a seguinte historia
Por bocca muito estimada,
Que tenho aqui, na memoria,
Como hoje mesmo contada.

Narrou-a a velha Sophia
D'um nobre neto a pedido,
De quem a casa servia
Desde... era o avô tão moço
Nem o neto era nascido
Quando a velha d'era entrada
Na casa como creada.

Para ouvi-la... ei-los attentos.
Ao de roda da lareira,
Emquanto a chamma crepita
Ferve e referve a caldeira,
Nem uma falla se troca;
Que á ordem do fidalguinho
As velhas resam baixinho,
As moças fiam na roca.

Esta historia... é muito triste,
Disse a velha ao começar;
Mas, já que o menino insiste,
Vou contar-lh'a até ao fim,
Toda tim tim por tim tim.

Olhe, filho, só desejo
Que ella lhe sirva d'ensino;
Aos mãos dá Deus o castigo,
Oíça bem o que lhe digo,
Tome sentido, menino.

Nunca viu, além, no outeiro,
Ao pé da casa arruinada,
Aquella cruz derrocada
Chamada — a cruz do caseiro?
Nunca? Pois vá lá e veja,
Que por — ella — aqui lhe juro
Sentirá — o quer que seja
Que lhe lembre no futuro!

Quando á noite geme o vento,
Quando a chuva cae a jôrro...
Parece ouvir-se um lamento
Na longa encosta do môrro,
Triste, lugubre, funereo,
Qual pio d'ave nocturna
Que esvoaça d'urna em urna
Por um vasto cemiterio!

Ail credo! Só em dizel-o...
Que quer? não estou mais em mim:
Sinto erguer-se-me o cabello!
Pois quem viu tristeza assim!...
Se do valle o choupo esguio
Baptido da tempestade,
Casando-se á voz do rio,
Manda um ai á soledade...

Ail responde a cruz do sêrro!
Ail rouqueja o val' profundo
Como os solta o moribundo
Que desta vida se vae:
E os echos da penedia,
Das escarpas do granito,
Na vastidão do infinito
Em côro repetem: ailll

Se, quando por lá passar,
Vir nos braços d'essa cruz
Morbida luz oscilar..
Ajoelhe... rese, filho,
Porque, aquella luz sem brilho,
Solitaria... sob os céus...
E' d'uma alma que padece
E pede ao crente uma prece
Que remonte aos pés de Deus!

Deixemos por ora de parte a tristeza,
Que tempo não é d'avivar-lhe a memoria;
Escutem-me todos, pois tenho a certeza
Que ha de interessal-os o fim desta historia.

Silencio! diz o pequenol
Silencio... tudo se cala:
Ao de roda da lareira,
Emquanto a chamma crepita
Ferve e referve a caldeira...
Não se ouve uma só falla,
Nem só uma ali se troca:
Que á ordem do fidalguinho,
As velhas resam baixinho,
As moças fiam na roca.

Era uma vez um fidalgo
— D'aquelles da velha essencia! —
Madura, sabia prudencia,
Rico, nobre... em tudo bom;
Amigo de fazer bem
A quem a mão lh'estendia,
Como os d'hoje já não são,
Ou pelo menos não vejo;
A nata da fidalguia,
Que da honra... oh! era o beijo!
E mãos largas? Ah! cuidado...
Em toda esta redondesa
Foi celleiro da pobreza
Sempre a casa do morgado.
Mas... morreu! deixando um filho
que a mãe não pôde guiar
Pelo caminho no trilho
Que o pae soubera trilhar,
Sendo ella tão boa esposa,
Boa mãe, tão carinhosa

Como poucas mães o são...
Não me pode entrar na mente,
Como a pombinha innocente
Gera ás vezes o falcão!

Crescendo fôra o menino
Que se fez homem bem cêdo,
E como o potro selvagem
Que de fraguado em fraguado
Fugindo vai ao campino,
Salta, relincha, couceia,
Elle, o fidalgo d'aldeia,
Corre direito á voragem,
E por onde quer que passa
Na carreira infrene, rude,
Deixa o rasto da desgraça,
A correr sangue a virtude!

Havia ali perto ao solar do morgado,
Em casa mui simples se bem que singela,
Um pobre velhito n'aldeia estimado,
E ao lado uma neta: só elle e mais ella.

Era bello contemplal-os!
A verem-se como ao espelho,
Elle no rosto da neta,
Ella no rosto do velho...

E era tão linda a pequena!...
Quando nas noites de festa,
Com a secia nova vestida,
Eu a via tão garrida,

Fresca, rozada, louçã,
Como a cereja aljofrada
Pelo orvalho da manhã;
Cantando sempre á porfia
Com alegres raparigas,
Aquellas lindas cantigas
Que ella, só ella sabia...
Eu não sei, mas parecia
Que tal e qual como eu
A propria lua sorria
Lá das alturas do céu!

Mas, ai! a rolinha saltita no prado,
Contente repete os arrulhos d'amor...
E ver não alcança, nos ares pairado
O vulto sangrento, sinistro do açôr!

Ao vel-a de longe, o fidalgo na festa,
Mansinho chegou-se, parou e sorriu;
E a pobre criança, tão simples, modesta,
Tremeu ao fital-o, córou.. e fugiu!

Timida filha d'aldeia
Fugiu dos olhos fidalgos!
Mas fugir que vale á corça
D'entre a matilha de galgos?
Se, quando exhausta de força
A pobresinha mal corre,
Destro caçador a cerca,
Aponta... aponta, desfecha,
Parte a bala... e a corça morre!

Pojs Maria, a desdtiosa,
Como a doida mariposa
Fascinada pela luz,
Com delirio de quem ama
Crestou as azas na chamma
E cahiu!

Vamos á cruz:

Passaram-se mezes, o tempo corria
Da casa modesta fechara-se a porta;
Do velho o destino ninguem o sabia
Nem mesmo da neta; se viva se morta.

Uns, diziam que a mesquinha
Desvairada fôra ao ermo
Lacerar o corpo enfermo
Dos desenganos do mundo;
Outros, que, transviada
Do dever, da honestidade,
Pelos bêcos da cidade
Percorria o charco immundo;
Ao certo ninguem sabia
O fim da pobre Maria.

Quer que lhe diga, menino,
Qual foi da triste o destino?

Oiça um drama moderno.
Em não sei como conte essa desgraça enorme
Sem revolver na campa a cinza de quem dorme
Da paz o somno eterno!

Imagine... se puder:
Uma casa no hospital,
Que se destina ao **saber**
Do que estuda alheio mal;
Ao centro, semi-coberto,
Sobre uma banca **estendidó**,
Um cadaver meio aberto,
Um cadaver de mulher!
Ao de roda... um grupo attento
A' lição que o mestre dava...
De rapazes de talento.
Um porém alli faltava,
Que veio por derradeiro;
É **outro**, moço, galhofeiro,
Que tinha nas mãos a vél-o
O coração da defunta,
Retalhado de escalpello..
Mal apenas vira a porta
O seu collega... chibante,
De luva, fraque, bengala,
Limpo, asseiado, elegante
Como um **dandy** n'uma sala...
Disse-lhe, em ar de gracejo:
«— Quem tarde vem' ao banquete
«Mate a fome no sobejo
«Qu'encontrar no buffetel.
E ao som d'uma risada
Bate-lhe em chapa no rosto
Com a viscera ensanguentada
Do cadaver ali exposto!

Recrudesce a gargalhada!
A ironia, o sarcasmo
Attingem quasi o delirio!...
E **elle!**... a estatua, do pasmo

Livido da •côr do cyrio,
Na face a dôr estampada!
Vae ao cadaver a medo,
Toma-lhe a mão regelada,
E ao encarar-lhe no dedo
Um anel seu conhecido,
Um grito solta estridente,
Como se d'uma serpente
Enorme fôra mordido!

Tremulo... avança, recua, pára,
Hesita um momento;
Depois... lesto como o vento,
Corre, voa, ergue-lhe o véu,
O sudario que a envolvia..
Ah! ah!!! justiça do céo!..
Que o teu castigo é medonho
E's tu a pobre Maria?!
Mas isto será um sonho,
Por ventura uma illusão?
Será? Talvez!... Ai! não não!
E's tu, ó anjo innocente
A martyr do meu cynismo,
Da minha torpe manobra!
E a voz do Omnipotente
Justa, severa, implacavel,
Vem dizer ao miseravel
Que te abriju tão fundo abysmo:
Olha, ahi tens a tua obra,
Infamado libertino!
Revê-te n'aquelle espelho,
Selvagem, bruto, assassino!
Vês aquelle corpo esqualido
Onde pulula a materia?

Vês n'aquelle rosto pallido
Sulcos de fome e miseria?
Essa face desbotada
E os labios, sem voz, sem côr...
São a pagina rasgada
Do livro do teu amor!

Vae agora, vae, devasso,
Vaguear de serra em serra
Como lobo perseguido;
Vae! vae! que has de a cada passo
Que deres por sobre a terra,
Do remorso consumido,
Quando exausto e sem coragem,
Encontrar no teu caminho
Como no solo estampada...
Sempre! sempre aquella imagem,
Aquella face mirrada,
Aquelle olhar, baço, fiço,
E o labio semi-aberto,
A bradar-te bem de perto:
Maldito sejas! Maldito!!!

E correu desatinado
Porta fóra., Dentro em pouco
A familia do morgado
Recolhia um pobre louco.
Cada dia que Deus dava
Subia a encosta do monte,
E por lá se demorava
Até que o sol s'escondia.

Ao toque d'Ave Maria
Erguia as mãos, rezava;
Um nome balbuciava:
Era o della... o de Maria!

E n'aquella idéa absorto,
Tanta vez subiu o outeiro,
Que um dia acharam-n'o morto
Aos pés da cruz do caseiro!

Se quando por lá passar
Vir a luz e ouvir um ai...
Não se esqueça de rezar,
Que esse louco... era seu pae.

Costa Lima.

O GUARANY

(Musica da modinha *É sympathica a moreninha, como
a pomba jurity*).

Eu sinto aqui no peito
extranho fogo arder,
mas qual seu nome seja
eu não te sei dizer.

Fujamos, vem sem medo
viver na solidão,
lá, onde pulsa livre
no peito o coração!

Eu tenho o arco e a flecha!...
Desterra os sustos teus!
Eu tenho a clava horrível —
terror de inimigos meus!

Pavor infundo ás tabas
do tímido aymoré;
se escuta lá nas brenhas
os sons do meu boré.

A vida em minhas selvas
tem mais prazer que aqui!...
Tu la serás rainha
da tribu guarany!

Estrilho

Eu juro!... A tua imagem
foi só quem me venceu!
Condoe-te do selvagem,
humilde escravo teu!

Catullo da P. Cearense.



No lodo da terra

Onde tu passas o ar se doura! Os montes
De ver-te os olhos verdes, reverdecem!
E as puras aguas cristalinas descem,
Só para ver-te, das musgosas fontes!

O mesmo ar te namora! Os horizontes
Que na poeira do sol desaparecem,
Chamam por ti de longe e te offerecem
As azas d'ouro, com que ao ir, te aprontes.

Namora-se de ver-te a rocha agreste,
As estrellas, o ar, a terra dura,
E só por meu amor do céu desceste!

Por mim, misero humano, lama escura,
Triste sombra mortal, que tu pudeste
Prender nas tuas mãos de prata pura!

Julio Dantas.



Amôr e Namôro

Amor é vinho forte em que se apanha
Dessas bruegas de cahir no chão;
O namoro é um calix de champanha
Que nos torna alegrete o coração.

Amor, amigos, é clarão que offusca,
Fogueira alimentada com resina;
Namoro é luz suave que se busca
Como aquella que expande a lamparina.

Amor é duro tronco que se aferra,
Entranhando no chão forte raiz;
Namoro é linda rosa á flor da terra,
Que se abandona, se perdeu o matiz.

Um, trazendo no olhar o desvario,
Aparece com ar de matta mouro;
O outro á vista do pau tem calafrio,
Faz uso da canella, estima o couro.

Um pula muros e barrancos salta,
Levando quedas que lhe são fataes;
O outro anda com cautella; é um peralta,
Que em ratoeiras não cahiu mais.

Um, ás vezes cordeiro, ás vezes bruto,
Ora vive a bramir, ora prostrado;
O outro toma café, fuma charuto,
Calça luva, é rapaz civilizado.

Um, soberbo e feroz, é-lhe preciso
Prantos que vêr e flores que estolhar;
Para o outro, porém, basta um sorriso,
Um aperto de mão e um breve olhar.

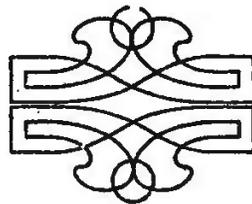
Franco de Sá.

INDICE

O Brasil	5	Capricho	103
A festa e a caridade.	6	O poeta e a fidalga	104
Nestas praias de limpi- das areias.	14	A morte da aguia	106
Noivado do sepulchro.	15	Kremesse	110
O meirinho e a pobre	18	O estudante alsaciano	112
Uma visita medica	20	Lembrança de mãe.	115
Amor e medo	22	A Carta	115
O canto do cysne	24	Seios	117
Era no outomno	25	Meia Noite	119
A Judia	26	Adoração.	119
Versos a Leonôr	32	Ao céu pedi uma estrella	121
A fome no Ceará	33	A Rosa e o Sol	122
Branca rosa	37	O fiel	123
Ouvir estrellas	39	A lagrima	128
Como se ama a Deus no Céo	39	A Locomotiva	132
O navio negreiro.	41	Aos heroes de 1640.	133
O canto da virgem	50	O fandanguassú	135
A despedida	51	Desalento	136
A amante do poeta.	52	Cinzas	138
Napoleão	54	Arrulhos	139
Como o orvalho da noite	58	Oração ao pão.	141
Não se me dá que outros gozem.	59	Sete annos	149
Uma ingrata, uma incon- stante	60	Como olvidar-te?	151
Stella	61	O Lobo e o Cão magro	152
O filho exilado	64	Morêna.	154
Meu amor	70	A noite.	155
Em caminho da guilho- tina	70	Virgens mortas	156
A maior dôr humana.	72	A mulher é um diabo de saías	157
O melro	73	O canto do cysne	159
A Lua de Londres	84	Ao rebentar das seivas.	160
Eternidade	88	O somno de um anjo.	161
A virgem das florestas.	89	De luto.	161
O Amor	96	O Martyr do Calvario	163
A caridade e a justiça	97	Natal.	165
Miseria.	101	Linda!	166
Santos Dumont.	102	Perdão Emilia.	168
		Como eu te adoro	169
		Salve-Rainha	170
		Tristeza	172
		Beijo na face	172

A preta mina.	175	Já não me queres bem	239
Perdão	176	Mimosa saudade	242
Chiquinha	177	Velhinho	243
A Virgem Santissima	179	Cyrano de Bergerac	244
Muito pedir	179	Pastoral	245
Canção do africano.	181	A brisa dizia rosa . .	246
Os velhos	184	Sonhei que mil flôres	247
Borboleta	186	A gréve dos ferreiros	249
Epithalâmio	187	O creoulo	257
Eterna dôr.	189	Quadras para guitarra	260
Sobre as ondas	189	Quarenta e seis annos	262
Lá para as bandas do		O lyrio da Campina	262
norte	190	Ave, Maria!	263
Vamos, Eugenia	192	Caridade	265
O fado da Sevêra	193	No Infinito	268
A Somnambula.	194	Rosas	278
O beija-flôr	195	Prestito funebre	280
A Extrema uncção.	197	A tua janella	283
A cor Morena	204	Serenata indiana	285
Saudades de Maura . . .	205	A esmola do pobre.	290
A' terra um anjo baixou	206	O Fado liró	292
O' pallida madona	207	Noivado na aldeia	295
O canto da noiva.	208	O funeral da pomba	297
Desperta	210	Cantigas populares.	299
Se soubesses	210	A Patria Portugueza . . .	300
Foi nas margens	211	O Côrvo	303
O bem-te-vi	212	O baile das mumias	309
Canção da tarde	213	Quero morrer	314
Não és tú	215	O cantico do Calvario	315
Abandono	216	Regresso ao lar	321
Mysticismo	217	Mestre Domingos e sua	
Um Idyllo	218	patrôa	322
Dalila	225	As pombas	326
Sempre te amando	228	Nunca mais	327
Nasci para te amar.	229	Se eu morresse amanhã	328
Meu cafuné	232	Cerração no mar.	329
Junto de um bem que		Vejo o céo adornado de	
adoro	233	estrellas	333
Quanto dóe uma sauda-		Silencio Tragico	334
del	234	Manhã d'abril	335
Penso em ti	235	Não te esqueças de mim	336
Por um teu riso	236	Vou partir	337
Lenda normanda	237	O passaro captivo	338

Confiteor.	340	Madona da tristeza .	379
Qual pombinha.	344	Tenho medo	380
Gemendo na lyra.	345	Sempre!	381
Dedicatoria	347	O beijo.	382
O fusileiro naval	348	A doida de Albano	384
Corta Jaca!	349	O teu lenço .	387
O livro e a America	351	As tres irmãs	387
O cego	354	Velhas arvores	390
O angú do barão.	356	O bandolim da desgraça	390
Flor da noite.	357	Canção do peixinho	392
Saudades da infancia.	358	O filho morto	394
Visita á casa paterna.	360	Durante a tempestade	395
A mulata.	360	Arrufos	399
A Nau Cathrineta	362	Estudo anatómico .	400
Os pobresinhos	364	A vingança da porta .	400
Circulo Vicioso.	367	Velha amiga	401
Supplica	368	A voz das arvores	402
A rosa que ao nascer	369	O pavilhão negro	403
Rosas	370	A cabocla de Caxangá.	413
O enterro de Ophelia	371	Festa no céu	414
O' virgens que passaes.	371	Um conto á lareira .	420
As duas mães	372	O guarany	430
Pelo portão	373	No lodo da terra .	432
Diante do espelho	376	Amor e namoro	432
Ai morena	377		



LIVRARIA TEIXEIRA

C. TEIXEIRA & CIA.

Rua de São João, 8 — Caixa Postal, 258 — SÃO PAULO

- Accidentes no Trabalho** — Lei N.º 3.724, de 15 de Janeiro de 1919. Regula as obrigações resultantes dos Accidentes no Trabalho, seguida do Regulamento (Decr. n.º 13.498, de 12 de Março de 1910) devidamente annotados por Um Profissional. 1 volume cartonado 3\$000
- Album de Modinhas Brasileiras** — Notavel e extraordinaria collecção de modinhas brasileiras, contendo uma variadissima collecção de modinhas, cançonetas, monologos, scenas comicas, etc., e as ultimas modinhas que constituem o grande repertorio dos queridos trovadores brasileiros Catullo Cearence e Mario. 1 vol. \$800
- Anedotas de Bocage** — Vida, aventuras e desventuras do immortal vate (Elmano Sadino) contendo muitas anedotas, satyras, poesias e improvisos do egregio poeta. 1 vol. 1\$000
- Anedotas para rir** — Interessante collecção de anedotas, colleccionadas dos melhores autores. Um verdadeiro arsenal de gargalhadas. Rir! Rir! Rir! 1 vol. 2\$000
- Arte de enriquecer** — Livro interessante e util a todos que luctam pela vida. Conselhos praticos para se fazer fortuna. 1 vol. 1\$000
- Arte de ser feliz** — Alegria — Saude — Exito — Uma série de lições e conselhos praticos, para se viver feliz e ter vida longa. 1 vol. 1\$000
- Aventuras de Polichinello** - (Pinocchio). Surprehendente novella de aventuras engraçadissimas de um boneco falante, por C. Callodi, traducção de D. Emilia de Souza Costa. 1 volume encadernado 6\$000

- Bases da Orthographia Portuguesa** — Contendo as bases para unificação da orthographia portugueza, publicadas no Diario do Governo, de Lisboa, de 12 de Setembro de 1911. 1 volume 2\$000
- Berços e Ninhos** — Canções escolares por D. Izabel Vieira de Serpa e Paiva, músicas de João Baptista Julião. 1 vol. cartonado 5\$000
- Arte de roubar no jogo** — Interessante e curioso livro de Ricardo Arruda. Este livro tão interessante, deve ser lido e meditado por todos. A primeira edição de 20.000 exemplares, exgottou-se em dois mezes. 1 vol. brochado 7\$000
- Bruxa (A) Evora** — Tratado completo sobre a predição do futuro pelas mãos, rosto, fisionomia, cartas, sonhos, etc., magnetismo, telepathia, hypnotismo, espiritismo e significação do Ferro, do asno, precedido de numerosas orações e rezas para todos os efeitos. Contendo mais o fim do mundo e a sua verdadeira predição, o methodo pratico de evocar os espiritos, arte de enriquecer pela loteria e pelo lôto, etc. Colligido dos antigos textos, por J. Pontes, Unica edição completa. 1 grosso volume, illustrado com muitas gravuras e uma artistica capa a 3 côres 6\$000
- Carteira do Advogado** — Collectanea dos principaes decretos e leis em vigor, com as modificações operadas pelo Código Civil Brasileiro, destacando-se as leis de **Fallencias, Accidentes no Trabalho, Inquillinato, Hypotheca, Processo Civil e Commercial** e outras de uso constante e indispensaveis a advogados e mais pessoas do fôro, capitalistas, commerciantes, banqueiros, industriaes e a

todas as pessoas de negocios, organizada e annotada por Um Profissional. 1 volume em finissimo papel de arroz, proprio para algibeira, lindamente encadernado 15\$000

Cartilha ou Compendio da Doutrina Christã — Ordenada por perguntas e respostas, contendo toda a doutrina e orações, que se costumam ensinar aos meninos, explicadas com distincção e clareza. Juntam-se-lhe orações para a missa, confissão e communhão; para rezar o rosario e corôa, e visitarem a via-sacra e os passos, por Antonio José de Mesquita Pimentel (Abbade de Salamonde). 1 lindo volume, illustrado, com linda encadernação para presente 2\$000

Chave (A) de Ouro — O verdadeiro thesouro da fortuna. Decifração facil e certa dos mysterios dos antigos egypcios, ao alcance de todos. Nova edição. 1 volume 2\$000

Histrião — Versos humoristicos, por Octavio Rangel. 1 volume brochado 6\$000

Lagrima (A) — Poesia de Guerra Junqueiro. 1 volume 1\$000

Musa (A) em Férias — Por Guerra Junqueiro. Nova edição. 1 vol. br. 3\$000, enc. 5\$000

Novissima Lei de Fallencias — Lei N.º 2.024, de 17 de Dezembro de 1908, edição annotada por Um Profissional. 1 vol. cart. 5\$000

Sciencia (A) no Lar domestico — Novo guia da doceira brasileira, contendo uma variadissima e escolhida collecção de receitas de doces, por uma dona de casa, seguido do Manual pratico da arte de cozinha, onde se encontram as melhores receitas para todos os gostos e todos

os paladares das boas donas de casa, por
Eduardo T. Silva. 1 volume 2\$000

Velhice (A) do Padre Eterno — Por Guerra
Junqueiro. Nova edição. 1 vol. br. 3\$000, enc. 5\$000

BIBLIOTHECA POPULAR

Astucias de Bertholdo — 1 volume . . . \$600

Historia da Princeza Magalona — Novissi-
me edição. 1 volume brochado \$600

Historia da Denzella Theodora, em que se
trata da sua grande formosura e sabedoria.
Novissima edição. 1 volume brochado . \$600

Historia de João de Calais — Novissima edi-
ção. 1 volume brochado \$600

**Historia de Pelles de Asno ou a Vida do
Príncipe Cirylo** — Novissima edi. 1 vol. br. \$600

Historia do Grande Roberto do Diabo, Du-
que de Normandia e Imperador de Roma. No-
vissima edição. 1 volume brochado . \$600

Historia da Imperatriz Porcina — Novissima
edição. 1 volume brochado \$600

Historia de José do Telhado (o famoso sal-
teador das serras do Douro e do Minho) His-
toria verdadeira de todos os seus crimes. 1 vol. \$600

Confissão geral do Marujo Vicente — 1 vol. \$600

Noite (A) na Taberna — Contos phantasticos
por Alvares de Azevedo, precedidos de um es-
boço biographico pelo Dr. Joaquim M. de Mace-
do. 1 volume brochado . \$1000

A Fome no Ceará — por Guerra Junquei-
ro. 1 volume \$1000

**Nova Historia do Imperador Carlos Magno
e dos Doze Pares de França**, contendo a gran-

de batalha que teve com Malaco, rei de Fez, a qual venceu Reinaldo de Montalvão. Novíssima edição. 1 vol. br \$600

Despedida de João Brandão a sua mulher, filhos, amigos e Collegas, seguida da resposta de Carolina Augusta. Novíssima edição. 1 vo-

Maria José ou a filha que assassinou, degolou, esquartejou sua propria mãe Mathilde do Rosario da Luz, na cidade de Lisboa, em 1840. 1 volume brochado \$600

Disputa Divertida das grandes bulhas que teve um homem com sua mulher, por não lhe querer deitar uns fundilhos em uns calções velhos. Obra alegre e necessaria para a pessoa que fôr casada. 1 volume brochado \$600

Diccionario das Flores — Folhas e Fructas ou vademecum dos Namorados. 1 vol. 1\$000

Livro dos Sonhos — 1 volume brochado 1\$000

Diccionario de Nomes. 1 volume brochado. 1\$000

Casamento (O) Segundo o Codigo Civil — Estudo pratico do casamento em seus multiplos casos, baseado nas disposições do Codigo Civil, leis e decretos relativos e nos pensamentos dos mestres, por Adolpho Corrêa de Barros. 2.^a edição, 1 vol. br. 12\$000, enc. 17\$000

Cançãoeiro Popular Moderno, de modinhas brasileiras e portuguezas. Lindissima e escolhida collecção, contendo as ultimas modinhas da actualidade, e muitas outras que fazem parte do grandioso repertorio dos populares e festejados trovadores Eduardo das Neves e Bahiano. 8.^a edição melhorada e consideravelmente augmentada com uma bonita collecção de Modinhas e Cantos Populares Portuguezes. 1 grosso volume 2\$000

Cantor Popular Moderno — completo repertório de modinhas brasileiras, onde se encontram as ultimas de Eduardo das Neves: O Pan Americano, A gréve da Paulista, A morte do Bispo de S. Paulo, O Aquidaban, O Crime da Rua da Carioca, A gargalhada, etc. Contem tambem as canções de grande successo. Quando o Amor morre... Margarida já não vae á fonte, A abelha e a flôr, e muitas modinhas, recitativos, coplas de operetas, etc., 1 vol. de 130 paginas

1\$000

Cartas de Amor — Novissimo manual dos namorados. Guia de correspondencia amorosa elaborado sobre um plano inteiramente novo e escripto expressamente para a sociedade elegante, seguido da linguagem das flores, plantas e arvores, linguagem do lacre e telegraphia amorosa, por J. T. da Silva. — 1 volume brochado

3\$000

Encadernado

4\$000

Cartas Commerciaes — Novo guia de correspondencia commercial, contendo: Phraseologia commercial, Iniciação de relações commerciaes; ofertas serviços; acceitações e recusas; pedidos de esclarecimentos e de Informações — Circular de uns negociantes participando a abertura do seu novo estabelecimento. — Queixas, reclamações e censuras; justificações e desculpas; falta de noticias. Pedidos de fazendas; ordens e avisos de compras; avisos de expedições e de recepção de mercadorias; cartas de transporte. — Pedidos de dinheiro; fórma de pagamento; remessas e accusações de recebimento. — Dissoluções de sociedades e trespasses; renovação de relações interrompidas ou esfriadas. — Avisos de saques; ordens

de pagamento e obrigações de divida; recusa e acceitação de letras; faltas de pagamento; pedidos e remessas de preços e contas correntes; remessas de letras para negociar. — Fallencias, revezes e concordatas; seguros maritimos e terrestres; avarias, naufragios e arribadas. — Cartas de recommendação, abertura de credito e de apresentação. — Diversas. — Nova edição seguida de um Formulario Commercial. 1 volume brochado 2\$000
Encadernado 3\$000

Cartas Familiares — Novissimo Manual epistolar contendo a melhor e mais completa colleção de cartas de boas festas, dias de annos, parabens e respectivas respostas. — Cartas de pedidos em casamento e de convites para a cerimonia. — Participações de casamento e outras cartas sobre o mesmo assumpto. — Cartas de condolencias e pezames, respostas a estas cartas. — Participações de fallecimentos e pezames. — Cartas de recommendação, de empenho, de solicitação, de escusa e desculpa; respostas a estas cartas. — Cartas de despedidas, de convite, de louvor e de offerimento. 1 volume brochado 2\$000
Encadernado 3\$000

Cartomançia — O futuro revelado pelas cartas. A arte de deitar as cartas ao alcance de todos. O unico methodo facil e pratico de conhecer immediatamente o passado, o presente e o futuro. 1 volume 1\$000

Coia (A) dos Generaes — peça em 1 acto, em versos epicos, por Octavio Rangel. 1 vol. br. 1\$500

Chromancia — Ou a arte de se conhecer o passado, o presente e o futuro, revelados pelas linhas da mão. 1 volume 1\$000

Codigo Civil Brasileiro (Lei n. 3071 de 1 de Janeiro de 1910) conforme a edição official. Nova edição de accordo com as emendas feitas no Codigo, decreto N. 3725, de 15 de Janeiro de 1919. 1 volume cartonado . 10\$000

Codigo Penal — Da Republica dos Estados Unidos do Brasil e jurisprudencia referentes, por Hyppolito de Camargo. 1 vol. br. 3\$000, encadernado 4\$000

Codigo Penal Brasileiro — Devidamente anotado com grande copia de jurisprudencia do Supremo Tribunal Federal e opiniões dos doutos e todas as leis, e decretos posteriores ao Codigo, inclusive o ultimo Regulamento para o serviço de repressão de contrabando no Estado do Rio Grande do Sul, na Foz do Iguassú, Estado do Paraná, etc., etc., por José Tavares Bastos. 1 volume encadernado . 20\$000

Codigo Civil Brasileiro — Devidamente anotado e com minucioso indice alphabetico e remissivo, pelo Dr. B. da Costa e Silva. 1 volume encadernado . 15\$000

Coisas do Arco da Velha — (Contos dos Irmãos Grimm). Interessante livro de historias para creanças, versão de D. Emilia de Souza Costa. 1 volume cartonado 6\$000

Como se ganha no jogo do bicho — Methodo pratico e facil para se ganhar com toda a tranquillidade e segurança. Nova edição, com novas tabellas. 1 volume 1\$500

Contos da Carochinha — Lindissima collecção de contos e historias para creanças, dos melhores autores, coordenados por Josephina Meinel. Nova edição augmentada. 1 volume cartonado 6\$000

Coisas do Foot Ball — Manual pratico para o jogo de Foot Ball, contendo conselhos, maximas e observações. Technica, tactica e trucs. Leis, regulamentos, seu criterio e sua applicação, por Odilon Penteado do Amaral. 1 v. br. 3\$000

Compendio de Philosophia — Destinado aos estudantes de preparatorios, lyceus, gymnasios, etc. A 4.^a edição que acaba de apparecer, vem de accordo com o programma, e contem remodeladas a 4.^a edição da **Psychologia**, a 5.^a da **LOGICA** e os ultimos capitulos referentes á **Esthetica, Moral e Metaphysica**. 1 vol. br. 15\$000

Coração (O) das Mulheres — Continuação dos preciosos trabalhos psychologicos do Dr. Krauffmann. Summario: Inclinações; Caprichos; Subtilezas femininas; Provocações; Ameiguice na mulher; Genios irasciveis; Mulheres indignas; Solteiras, casadas e viúvas; Namoros e paixões; A mulher ideal, etc. E' um livro escripto especialmente para as damas, que poderão ler sem escrupulo de consciencia. Neste livro poderão tambem os cavalheiros estudar os **Mysterios do coração feminino**. 1 elegante volume 1\$500

Da Orthographia do pronome-artigo «Lo» em funcção objectiva, pelo professor José A. Rizzo 3.^a edição. 1 volume 1\$000

Diccionario de nomes proprios — Offerecido ás mães de familia, contendo mais de 2.500 nomes de baptismo. Nova edição, accrescentada, por J. Vieira Pontes, 1 volume . 1\$000

Divisões e Demarcações — Commentarios á lei de Terras, contendo um minucioso formulario e a lei n.º 2022, de 27 de Dezembro de 1924, que regulamenta o exercicio da pro-

fissão de engenheiro, architecto e agrimensor, pelo Dr. Alvaro Corrêa Lima. 1 vol. brochado 15\$000, encadernado	20\$000
Direito e Escripuração Mercantli por partidas dobradas. Contendo uma longa exposição do código commercial brasileiro, intercallada de formulas de diversos contractos sociaes, dissolução de sociedades, petições para registro de firma, archivamento de contractos, correspondencia commercial, matricula; para requerer moratoria, homologação de accordo extra-judicial, formula deste e sobre todos os pontos mais uteis e necessarios para o commerciante, seguida de noções sobre as cinco contas geraes e suas subdivisões, do modo de organizar-se as partidas e de exemplos sobre os livros que se empregam nesta escripturação, e de formulas das diversas contas correntes simples, com juros, conta de venda, contas de juros, regras de sociedade, cambios, reduções etc. ao alcance de todos, por José Augusto do Amaral Sobrinho. 4.ª edição. 1 volume encadernado	12\$000
Direitos Reaes de Garantia — Hypotheca — penhor e antichrese — por J. Luiz Ribeiro de Souza. 1 vol. brochado 12\$000, encadernado	16\$000
Decisões Civeis e Criminaes — pelo Juiz de Direito Dr. Pedro Fernando Paes de Barros. 1 volume brochado 10\$000, encadernado	15\$000
Divisões e Demarcações — Commentario aos artigos 726-683 do Código do Processo Civil Mineiro, pelo Dr. Tito Livio Pontes. 1 volume brochado 12\$000, encadernado	16\$000
Estudos da Lingua Portugueza — pelo professor José Rizzo. 1 vol. br. 3\$000, cartonado 4\$000, encadernado	5\$000

ACABA DE APPARECER

SECRETARIO MODERNO

Novo Manual de correspondencia familiar e commercial

por **J. T. da Silva**

5.a Edição melhorada

Obra dividida em duas partes, a saber:

PRIMEIRA PARTE -- CARTAS FAMILIARES

contendo a melhor e mais completa colleção de *cartas de boas-festas*, das de annos, parabens e respectivas respostas. — *Cartas de pedidos em casamento*, e de convites para cerimonia. — *Participações de casamento* e outras cartas sobre o mesmo assumpto. — *Cartas de participações de nascimentos*, convites para baptisados, e outras sobre o mesmo assumpto. — *Cartas de condolencias e pezames*, respostas a estas cartas. — Participações de fallecimentos e pezames. — Cartas de recommendação, de empenho, de solicitação, de escusa e desculpa; resposta a estas cartas. — *Cartas de despedida*, de convite, de louvor e de offerecimento.

SEGUNDA PARTE -- Correspondencia Commercial

contendo: Phraseologia commercial. — Iniciação de relações commerciaes; offertas de serviços; acceitações e recusas; pedidos de esclarecimentos e informações. — Circular de uns negociantes participando a abertura de seu novo estabelecimento. — Queixas, reclamações e censuras; justificação e desculpas; faltas de noticias. — Pedidos de fazendas; ordens e avisos de compras; aviso de expedições e de recepção de mercadorias; contas de transporte. — Pedido de dinheiro; formas de pagamento; remessas e accusações de recebimento. — Dissoluções de sociedades e trespasses; renovação de relações interrompidas ou esfriadas. — Avisos de saques; ordens de pagamento e obrigações de divida; recusa e acceitação de letras; faltas de pagamento; pedidos e remessas de preços e contas correntes; remessa de letras para negociar. — Fallencias, revezes e concordatas; seguros inaritimicos e terrestres; avarias, naufragios e de apresentação. — Diversas. — Seguida de um formulario commercial, etc.

5.^a edição consideravelmente melhorada e ampliada com novos modelos de varias formas de correspondencia.

1 grosso volume cartonado 5\$000
Pelo Correio 5\$500

LIVRARIA TEIXEIRA - Rua S. João, 8 - S. PAULO

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasileira Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasileira Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasileira Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasileana@usp.br).